ROHDEN

PROBLEMAS DO ESPIRITO

e Theological Seminary

:TON · NEW JERSEY

RESENTED BY

he Author

R642 1942
Huberto.
s do Espirito

Oferecido por
Norberto Cohlen
1945

PROBLEMAS DO ESPIRITO

HUBERTO ROHDEN

LIBRARY OF PRINCETON
OCT 27 '39
THEOLOGICAL SEMINARY

PROBLEMAS DO ESPIRITO

Terceira edição
inalterada

1942
RIO DE JANEIRO
Caixa Postal 831

NIHIL OBSTAT
Rio, 4—1—1939
P. João Baptista de Siqueira

IMPRIMATUR
Rio, 5—1—1939
Mons. R. Costa Rego—Vig. Geral

Algumas opiniões sobre este livro

Um ministro

"Ao eminente escritor e pensador Sr. Huberto Rohden, saudo cordialmente, agradecendo o oferecimento do seu novo livro PROBLEMAS DO ESPIRITO, em que se enfeixam paginas admiraveis de estilo e pensamento".

Rodrigo Octavio (Rio).

Uma poetisa

"Livro maravilhoso para a alma e para o coração. Lendo-o, a gente parece mergulhar nas zonas profundas do espirito e levar daí uma centelha de luz. Lendo-o, a gente se compreende melhor, e sente levantar-se de dentro de si mesmo ondas de beleza e de bondade, uma ansia de aperfeiçoamento proprio. O seu livro é uma dessas estações emissoras dotada de elevadissima potencialidade espiritual, de que fala no seu segundo capítulo".

Celsa Yves (São Paulo).

Um jornal catolico

"Num primor de linguagem, como sempre ocorre nos livros de Huberto Rohden, PROBLEMAS DO ESPIRITO é talvez o livro mais arrojado do ilustre escritor patricio e aquele em que se dizem coisas que nunca se ouviram em lingua portuguesa, pelo menos no Brasil".

Correio Católico (Uberaba, Minas).

Um jornal profano

"Entre os lidadores da imprensa católica no Brasil figura, com vivo relevo, o Dr. Huberto Rohden. Sua obra PAULO DE TARSO, sobre a existência do grande apóstolo, foi recebida com gerais encomios pela imprensa de todo o país. Rohden é um entusiasta da Fé, uma alma de todo voltada para as maravilhas da vida sobrenatural. PROBLEMAS DO ESPIRITO, seu novo livro, é um estudo da alma humana — suas possibilidades, suas energias, seus milagres.

Paginas cheias de doce e religiosa poesia, cuja leitura faz bem ao espirito e deve ser, por isso, recomendada sem restrições".

Jornal do Comércio (Rio).

Um sacerdote

"PROBLEMAS DO ESPIRITO é um livro que exige meditação. Sua leitura eleva o espirito às alturas, iluminadas da verdade completa. Livro que faz pensar... Livro destinado aos espiritos inteligentes e torturados que, em meio das trevas, procuram a Suprema Verdade".

Conego Melo Lula (Niterói).

Um industrial

"O seu livro PROBLEMAS DO ESPIRITO é um dos principais, senão o meu principal amigo-livro. Quando as ferramentas me caem das mãos, ele ajuda-me a apanhá-las e empunhá-las de novo... Quando recebi o seu livro, corri o indice como quem procura alguma coisa perdida onde nunca andara. Talvez um paradoxo; porém, para a alma não é isto um paradoxo; pois aquele caminho, virgem para mim, podia ter alguma coisa deixada por outro para mim, e de fato o tinha. Encontrei: "O homem em face da dor"... Se PAULO DE TARSO é monumental em toda a acepção histórica e literaria, PROBLEMAS DO ESPIRITO é um tesouro".

Dr. Eurico Brito Andrade (Recife).

Aos Leitores Inteligentes

Estas paginas não se dirigem às multidões. Visam tão sómente um escol de pensadores, de espiritos inteligentes, de homens que tenham problemas a resolver.

A imensa maioria dos homens do nosso seculo não se preocupa com problemas do espirito. Comem, bebem, gozam, jogam foot-ball, *ouvem radio, frequentam salões, casinos e praias; casam, criam filhos, fazem negocios — e estão plenamente satisfeitos consigo e com todo o mundo.*

Vivem e morrem — e deixam o mundo quase tão pobres de espirito como nele entraram.

Não é a esses homens sem problemas e dolorosos enigmas que se dirige o presente opusculo.

Estas paginas foram escritas para espiritos pensantes, para almas inquietas, para inteligencias revolucionadas por alguma idéia, sublime ou absurda, para seres racionais feridos pelo tormento do Infinito, pelo misterio da Divindade, pelas tenebrosas esfinges do proprio Eu...

E' nessas incognitas regiões que estas paginas pretendem penetrar, ainda que ás apalpadelas, porque essas regiões veem envoltas em trevas ou penumbras...

Previno expressamente que certos capitulos deste livro não devem ser lidos pelas seguintes classes de pessoas:

1 — por leitores habituados a encampar cegamente opiniões alheias, incapazes de criterio pessoal, autonomo;

2 — por espiritos miopes ou peiados de preconceitos que condenam como falso ou imoral

tudo quanto ultrapassa as paginas do seu devocionario;

3 — pelos que não possuem ao menos um pouco da liberdade de espirito e largueza de vistas do Nazareno, que não excluia do reino dos céus a nenhum espirito reto e bem intencionado.

Os representantes dessas tres categorias de leitores perderiam, com a aquisição e estudo deste livro, o seu dinheiro e, quiçá, a tranquilidade da sua conciencia.

Os capitulos deste livrinho não devem ser lidos, mas estudados.

O autor não se arroga a paternidade de todos os pensamentos expostos neste volume. Muitos deles são de outros mestres, que não veem citados, por não se tratar de reprodução literal. As obras de Lippert e de Karrer são verdadeiras minas de pensamentos de inegualavel profundidade e beleza e refletem-se em quase todas as paginas deste volume.

Os horizontes do Cristianismo e da Igreja Católica são bem mais vastos do que o alcance espiritual d amaior parte de seus filhos.

Lembra-te, leitor inteligente, que não proponho dogmas, mas que exponho ideias; agito questões, aventa teorias, revolvo problemas, sugiro hipoteses, rasgo perspectivas — e nada mais.

Se os teus pensamentos sobre estes problemas do espirito coincidirem com os meus, enviote, daqui do silencio da minha ermida, um amplexo de irmão espiritual. Se forem outras as tuas idéias, concede-me a mim o mesmo direito á liberdade de pensamento que reclamas para ti.

"Ubi libertas — ibi spiritus Dei".

RIO — *Caixa postal* 831

HUBERTO ROHDEN

ZONA DIURNA E ZONA NOTURNA DA ALMA

O caracter, a forma psiquica do homem, a sua atitude pessoal é a resultante de dûas correntes energeticas.

Uma dessas correntes tem origem na esfera do conciente, a outra nas regiões do subconciente humano.

As forças concientes irradiam das realidades que circundam o homem e penetram em sua alma pelo caminho do conhecimento. E esse conhecimento determina o querer e o agir do homem. Por meio de conhecimentos, sensitivos e racionais, apodera-se o homem de certos motivos, os quais, por sua vez, o impelem a determniados atos.

E' esta, por assim dizer, a *face diurna* da alma, a zona iluminada pelo sol meridiano da conciência. Todos esses motivos atuam sobre o nosso Eu de modo conciente, porque penetram em a nossa psique pela luz do conhecimento intelectual.

E' com o auxilio desses motivos concientes que procuramos educar a nós mesmos e aos

outros, dar á alma uma determinada fórma espiritual e moral, de conformidade com certos ideais, certos fins, certos objetivos previamente colimados e reconhecidos como bons e honestos.

Com efeito, toda a pedagogia, toda a direção espiritual, todo o controle moral procura influenciar o Eu mediante o apelo a certas realidades que aliciam ou aterram, realidades, portanto, destinadas a provocar na alma um movimento de atração ou de repulsão, de desejo ou de temor.

Esses sentimentos psiquicos teem por fim determinar a alma para agir deste ou daquele modo, ou pelo menos facilitar-lhe esses atos.

Tambem Deus age deste mesmo modo sobre a nossa alma. Coloca-nos diante dos olhos a sua criação, a sua revelação, as suas obras e palavras, e faz atuar sobre nós as forças da promessa ou da cominação, as forças da obrigação ou de responsabilidade, potenciais essas que irradiam dum mundo de realidades objectivas e concientes.

Mesmo os impulsos da graça que Deus nos envia não atuam sôbre a alma como forças cegas, como choques puramente mecanicos; mas, sim, como motivos, como pensamentos convidativos, como luz da verdade, como realidades concientes.

*

* *

Ao par desse lado diurno tem a nossa alma a sua *zona noturna,* — e sabe Deus qual a proporção em que essas duas faces estão uma para a outra!... Serão como dois hemisferios de igual

extensão e amplitude?... Ou, quem sabe se a zona diurna da nossa realidade conciente não passa duma estreita faixa de luz, para além da qual se alarga, imensa, ilimitada, a noite do inconciente — tenebroso oceano subtraido ao vigilante controle da nossa razão conciente?...

O certo é que das misteriosas profundezas do nosso subconciente sobem sem cessar inesgotaveis torrentes de surpresas e mais surpresas. E essas surpresas que os abismos do subconciente lançam á praça publica do nosso conciente confirmam cada vez mais em nós a convicção de que o homem é realmente um eterno desconhecido. Todo o ser humano é um universo de enigmas. Cada alma humana é um cosmos por si, um mundo original e inédito, cheio de misterios, ora divinamente belos, ora satanicamente abjectos...

"O homem, esse desconhecido" — é o titulo duma obra recente, e esse titulo contém uma grande verdade.

E como compreender a humanidade, se não somos capazes de compreender cabalmente um unico homem? se não conseguimos sintetizar numa formula exata e exhaustiva uma só personalidade humana? reduzir a uma unidade compreensiva as mil e uma possibilidades que no ser humano existem?

Como pretenderiamos abranger numa visão panoramica, numa noção integral e simples, toda a amplitude empirica dos povos e das raças de todos os tempos passados e ainda de todos os seculos vindouros?

E', pois, das incognitas profundezas do inconciente que atua essa segunda corrente de energias que determinam o caracter e a forma psiquica

do homem. São esses impulsos, essas influencias, esses motivos estranhos e incontrolaveis que invadem a esfera da nossa vida, que determinam os nossos atos, que modelam o nosso Eu, independentemente de qualquer conhecimento racional, e mesmo antes dele; independentemente, sobretudo, da livre escolha e decisão da vontade.

Tem se afirmado que o homem se guia sempre e em todos os casos por motivos concientes. Não é exato. Inumeras vezes — e em certa classe de homens, quase sempre — obedecem os nossos atos, com certeza quase mecanica, a determinados impulsos da esfera subconciente, impulsos esses que ou atuam de todo inconcientes, ou revestem apenas uma vaga e obscura semi-conciencia.

São as vozes do abismo, vozes estranhas que, das esvaídas profundidades do preterito, de toda a nossa cadeia genealogica, ecoam e repercutem no interior do nosso organismo.

São as vozes do sangue que rolou nas veias de todas as gerações que nos precederam.

São as vozes da celula germinal que nos deu existencia.

E essas vozes ecoam, num coral fantastico, de geração em geração, do passado para o presente, do presente para o futuro, até ao derradeiro dia da humanidade.

Mescladas com esses ecos do subconciente, encontramos as vozes das florestas e das cavernas em que habitavam, um dia, os nossos ancestrais trogloditas ou antropofagos; vozes de canibalesca ferocidade, vozes da obscura pre-historia da nossa especie — tudo isto vibra e geme, canta e brada nas torrentes rubras que circulam dentro das nossas veias.

Cada individuo humano é uma misteriosa sintese da especie, uma como recapitulação da historia da humanidade.

*
* *

Entretanto, não pensemos que essas forças e essa vozes das profundezas do subconciente sejam todas deshumanas, infra-humanas, vis e indignas do homem. Não. Esse imenso coral que sobe dos inconcios abismos do nosso Eu contém uma completa escala de sons e melodias do nosso ser humano; essa gigantesca torrente conduz todas as aguas vitais da humanidade, torrente, da qual cada um de nós é uma pequena onda, uma gotinha apenas.

E' nessas misteriosas profundezas que brotam as grandes inspirações e os movimentos elementares que incenssantemente geram novas ondas de vida, tambem de vida espiritual. E' aqui que rompem as chamas que, através dos seculos e milenios, ateiam os mais belos incendios da humanidade e lançam ao espaço labaredas sempre novas.

E' da inesgotavel plenitude desse oceano que borbulha a vida cultural da humanidade, em toda a deslumbrante vicissitude das suas multiformes manifestações e surpreendentes revelações. Todos os genios e artistas da historia, os titans do pensamento e os condutores de povos, como tambem os temerarios criminosos e os violentos revolucionarios, os incompreensiveis magos e os homens singulares que possuem o dom de fazer brilhar em novas luzes e novos encantos a vida humana — que são todos eles senão filhos das tene-

brosas profundezas do inconciente, onde estua e se agita a lava candente desse vulcão que forma a base e o substrato de toda a alma humana e constitue o sub-solo da humanidade?

Essas forças inconcias teem a sua séde na esfera psico-física do ser humano, na linha divisoria entre o elemento material e imaterial do nosso Eu, no ponto onde a alma mais se aproxima do corpo, se assim se pode dizer. E é por isso mesmo que estas forças se acham fora do ambito dos valores eticos da vida humana. Não são, pela maior parte, senão primitivas energias vitais, instintos elementares; portanto, forças inesclarecidas, violentas e cegas como todos os instintos. Não se lhes dá do conflito que, por ventura, provoquem entre a materia e o espirito, a liberdade, os valores eticos e a realidade integral do homem — o conflito com Deus mesmo.

Essas vozes do reino do subconciente dispõem de um poder imenso, terrifico mesmo, e isto pela simples razão de atuarem de dentro da propria alma. Apresentam-se, não raro, como sendo a propria alma do nosso Eu. E' por isso que as forças que daí dimanam influem, de um ou outro modo, em todos os atos do homem, ao menos como molas secretas, solicitamente disfarçadas por motivos concientes; são muito habeis em mascarar, diante do conhecimento da vontade vigil, os motivos oriundos da verdade; adulteram-n-os sagazmente e transfiguram-n-os de tal modo que esses motivos concientes acabam, não raro, como secretos auxiliares e servidores daquelas tendencias subconcientes.

Todo o homem, mesmo o mais puro e sincero, corre perigo de pôr a verdade ao serviço de ambições e interesses, talvez inconcientes ou

semi-concientes. Um subconciente saturado de egolatria dificilmente deixará de contaminar secretamente os atos concientemente puros e honestos. Os atos do homem revestem necessariamente o colorido da sua intima personalidade. Por isso dizia o maior de todos os psicologos do mundo: "Não pode a arvore má produzir frutos bons."

A historia da humanidade é uma imensa babel de abusos que se tem feito dos excelsos ideais da verdade, da liberdade, da justiça, da caridade, encobrindo motivos deploravelmente humanos, e por vezes deshumanos...

Mesmo quando se trata duma personalidade superior e de acendrada perfeição etica, disposta a preservar do contagio das potencias do abismo os seus motivos de agir, nem mesmo esta consegue tão grande vitoria senão á força de arduas e continuas lutas, graças a uma constante e inexoravel vigilancia sobre o seu proprio Eu, graças a uma indefessa e sincera educação de si mesma. E, apesar desse sincero *salf-controle,* não está excluida a possibilidade duma subitanea incursão das potencias abismais do instinto nos dominios do espirito e da verdade.

"Quem julga estar em pé, veja que não caia..."

Entretanto, o fato de ser possivel e eticamente necessaria essa luta, dá-nos a consoladora certeza de que não somos irremissivelmente entregues e fatalmente abandonados á forças ocultas das regiões inferiores do nosso Eu. E' possivel entregar á verdade dentro de nós o cetro do governo que lhe compete; porquanto a verdade tem a seu favor a maior amplitude; é ela que

faz jus á realidade integral, e não apenas a um pequenino recorte e uma reduzida parcela da vida psíco-fisica do indivíduo e da especie.

Só o espirito é que está em condições de avaliar devidamente as forças que emergem sem cessar das regiões do subconciente; só ele lhes dá o seu justo valor e designa-lhes o lugar que lhes compete no plano total da personalidade. A vontade, por sua vez, orientada pelo conhecimento, possue o dom do livre arbitrio; pode escolher e selecionar os impulsos que sobre ela agem, reprimindo uns e favorecendo outros.

Compete, portanto, á face diurna da nossa vida interior, antes de tudo, o papel de reguladora, a missão de subordinar á realidade total e á personalidade integral os impulsos instintivos, libertar as energias preciosas e reprimir as potencias deleterias. Compete-lhe levantar diques, ou então arrasar barreiras, conforme o exijam os magnos interesses da personalidade tomada em seu conjunto.

E' dest'arte que vão sendo aproveitadas para a vida da personalidade total as energias criadoras e fecundantes do instinto que irrompem perenemente, poderosas e ricas, das profundezas do inconciente.

Nada ha que apagar, nada que sufocar, nada que eliminar ou matar! Os ascetas que falam em extirpar, talvez pensem bem, mas exprimem-se mal. O que importa é incorporar, regular, disciplinar, coordenar devidamente essas forças. O homem que, á força de "espiritualidade", conseguiu extinguir e aniquilar os seus instintos, não é nenhum santo — é apenas uma caricatura e uma anomalia...

Tão grande é esta obra, de disciplinar as forças subconcientes, que só a conseguem realizar, com relativa perfeição, as personalidades espiritualmente vigorosas e dinamicas, as que vivem á luz serena da verdade, ao sol meridiano duma larga e panoramica realidade acerca de Deus e acerca do mundo — homens que, numa visão superior contemplam todas as coisas e seus fins, e á luz dessa superioridade espiritual conquistam uma serena liberdade de querer e de agir.

Para atingir a plenitude da personalidade. é necessario que as potencias concientes do espirito contrabalancem e sobrepujem os poderes inconcios do sangue, poderes que, em virtude da sua natureza, são de caracter impetuoso, concreto, imediato, veemente, fascinante, palpavel, ao passo que as potencias do espirito teem sempre algo de vago, de longinquo, de aereo, de metafisico, de quase irreal.

Cada um de nós sabe quanto é facil dizer: "Creio nas realidades do sangue" — e quanto é dificil afirmar: "Creio nas verdades do espirito..."

E' que o sangue joga com fatores concretos, presentes, visiveis e sensiveis — enquanto o espirito tem de apelar para elementos imponderaveis, futuros, intangiveis, que não atuam sobre a alma pela intuição direta dos sentidos, mas apenas através do pensamento, do raciocinio, do silogismo, das conclusões intelectuais, e, por isso mesmo, se refletem na conciencia como que num espelho. Não pode essa imagem especular deixar de ser fria, palida, amortecida e vaga. Por isso, a verdade nos parece quase sempre fastidiosa e arida, desinteressante e sem vibração.

Para crer no sangue, basta a mais humana mediocridade.

Para crer no espirito, requer-se sobrehumano heroismo.

A voz do sangue é um brado veemente.

A voz do espirito é apenas um eco esvaído no espaço.

Por isso, o grosso da humanidade vive e morre na escola primaria do instinto — e apenas uma pequena elite consegue cursar a academia do espirito.

A esfera noturna do nosso Eu troveja com despotica violencia os imperativos categoricos da sua brutalidade — a esfera diurna murmura com misteriosa suavidade os optativos da sua espiritualidade.

Resulta daí que os conhecimentos espirituais exercem, por via de regra, diminuta influencia sobre o nosso querer e agir. Todo o educador e diretor espiritual sabe contar dolorosas experiencias e amargas desilusões colhidas no campo da pedagogia e da cura das almas.

São raros, relativamente, os homens que de fato obedecem aos ditames da sua conciencia vigil.

Conduzir o seu cliente ou educando a esse termo feliz, deve ser a mais bela aspiração de todo o mestre e diretor espiritual. No dia em que o discipulo puder dispensar o auxilio do seu mentor e mestre, para andar firme por si mesmo, desponta para o mestre a aurora da sua gloria mais pura e autentica.

*

* *

Ora, uma vez que as realidades espirituais, devido á sua propria natureza, teem esse quê de incerto e longinquo, é necessario aproximá-las o

mais possivel da vida concreta e imediata. E para isto se requer que elas sejam, não sómente realidades *pensadas,* mas realidades *vividas,* e, mais ainda, realidades *sofridas.* Só é intimamente meu aquilo que eu vivi e sofri. Só isto está no centro do meu Ser, o resto gira na periferia. E' necessario que as realidades espirituais penetrem dentro da nossa alma, mergulhem nas profundezas do nosso Eu, se abismem no oceano da nossa psique pessoal, que vivam a nossa vida, que padeçam as nossas maguas, que solucem os nossos desenganos, que rejubilem com as nossas alegrias, que amem com o nosso coração, que vibrem com os nossos nervos, que estremeçam em as nossas angustias — numa palavra, é mister que as aereas e longinquas realidades do espirito se *personalizem* dentro do nosso sangue e levem consigo a alma especifica do nosso Eu.

Só assim conseguiremos dar ao elemento espiritual a dinamica e a força da persuasão que por si mesmo possue o elemento material.

Não se pode transmitir aos outros o que não se possue vital e intimamente. A mãe não transmite ao filho as qualidades ou defeitos adquiridos superficialmente; se, por exemplo lhe foi amputado um braço, mesmo na mais tenra infancia, esta deficiencia organica não passa para o filho, porque não tem séde nas celulas germinais do organismo materno, não é, propriamente, da mãe, da sua intima natureza; acha-se apenas na periferia do seu ser humano e sexual.

Vigora perfeita analogia, um continuo paralelismo entre a ordem biologica e a ordem psiquica: assim como no plano biologico o homem só pode transmitir aquilo que possue intima e vi-

talmente, assim tambem só pode dar aos outros, psiquica e espiritualmente, o que é intima propriedade sua e patrimonio do seu ser.

Só podemos dar aos outros o que é realmente nosso.

Ora, não é nosso aquilo que apenas passou pela nossa memoria ou pela inteligencia. Nosso é sómente aquilo que mergulhou no nosso Eu, que foi por nós vivído e sofrído pessoal e concretamente.

Os grandes genios religiosos, os homens de projeção secular, viviam e sofriam os suas espiritualidades — ao passo que nós quase sempre nos contentamos com pensar e estudar as idéias dos grandes espiritos.

Quem não vive e sofre uma idéia não a possue.

Mais ainda. E' até possivel que a realidade espiritual chegue a sobrepujar a realidade material; que se opere uma verdadeira inversão de papeis, a ponto de se tornar o mundo espiritual o universo propriamente real e palpavel, ao passo que o mundo material se esvai num como nevoeiro vago e um palido reflexo da realidade.

Tão grande é o poder do espirito sobre a materia, do conciente sobre o inconciente, da esfera diurna sobre a esfera noturna da alma humana!

O proprio elemento divino teve de saír da sua longinqua invisibilidade e descer ao plano tangivel da nossa visibilidade; despojou-se dos "esplendores da divindade", como diz Paulo de Tarso, e apareceu "em trajo de homem, em forma de servo", na sanguinolenta realidade de um crucificado — em tudo igual aos homens, menos na-

quilo que é indigno do homem... Assim como o espiritual se deve, em certo sentido, materializar para que o material se possa espiritualizar — de modo analogo quis tambem Deus humanizar-se para que o homem se pudesse divinizar.

Veio a historia em socorro da psicologia: "O Verbo se fez carne e habitou entre nós... E a todos os que o receberam deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus..."

E depois que as alturas desceram aos abismos, a profundidade, como diz a sagrada Escritura, "elevou as mãos ás alturas"...

Foi a parte noturna do nosso Eu absorvida pela parte diurna.

Foram assumidos ao céu os demonios do abismo.

Entrou o subconciente ao serviço do conciente.

Do cáos do indivíduo nasceu o cosmos da personalidade.

A materia pediu asas ao espirito.

A pequenina gota da alma humana se perdeu no mar imenso da Divindade.

O SEGREDO DA PERSONALIDADE

O ultimo segredo da força com que atuamos sobre outros homens fica para além da nossa conciencia, recatada nas profundezas inconcias do nosso Ser, ou, como diz a ciencia moderna, está em o nosso subconciente.

Esse fator ultimo e decisivo da nossa força e influencia sobre os outros subtrae-se ao nosso *pensar* conciente e vigil, e escapa tambem ao nosso *querer* premeditado, ao nosso livre arbitrio.

Pode um ser qualquer, irracional ou mesmo inanimado, provocar impressões e sensações em nossa alma; mas não pode modificar o nosso Eu. Podem outros seres dar impulso áquilo que já existe dentro da alma, mas não valem criar nela uma nova realidade, e, muito menos, podem originar na alma algo de superior.

Só uma alma pode atuar sobre outra alma ao ponto de nela criar alguma nova realidade, originar um nascimento ou um crescimento dentro da alma humana.

Efeito assim, intimamente criador ou modelador, quer para o bem, quer para o mal, procede sempre duma personalidade, que irradia e transfunde, por assim dizer, o seu proprio Ser dentro de outra personalidade, servindo-se, naturalmen-

te de veiculos e transmissores diversos, como sejam o som, o olhar, o tato, a escrita, a palavra, etc.

Além destes veículos, um tanto grosseiros e primitivos, ha outros bem mais subtis e mais poderosos; são umas como ondas psiquicas, imponderaveis, intangiveis, que sem cessar emanam da alma humana e se comunicam ao ambiente.

Digo "ondas psiquicas", porque aqui termina propriamente o nosso saber; aqui começam as analogias e comparações tiradas da esfera das nossas noções fisicas: ondas, fluidos, vibrações luminosas, eletricas, etc.

Por via de regra, a alma nada sabe das vibrações intimas, mas que realmente existem e ás quais ninguem se pode subtrair completamente.

E são precisamente estas ondas psiquicas, estas emanações personais, inconcientes ou subconcientes, que atuam poderosamente sobre os outros.

Por isso, dentro do ambito das leis humanas — prescindimos dos auxilios sobrenaturais — só existe um unico meio para melhorar os homens, para os tornar mais puros, mais caridosos, mais santos: é ser eu mesmo bom, puro, caridoso e santo.

Pode isto parecer religião ou moral, mas é simples psicologia filosofica.

O que decide em ultima analise não é aquilo que eu sei, mas, sim, o que sou.

Pouco importa o que eu diga ou faça, contanto que eu seja alguem, uma verdadeira personalidade.

Pode o individuo saber, dizer ou fazer muitas coisas; pode mesmo ser alguma coisa — mas só a personalidade é que é alguem, e isto é decisivo.

Muito mais do que o meu Eu conciente atua o meu Eu subconciente.

A ultima palavra não é do ato transeunte — mas, sim, do habito imanente.

O conciente é, por assim dizer, o corpo do meu Eu, o subconciente é a alma.

O que atua é a alma do meu Ser, ainda que através do corpo.

Por isso, para influir sobre outrem, é necessario que o Eu seja alguem, que tenha personalidade.

Repletos de individuos andam os salões e as ruas, as praias e os casinos — mas as personalidades são raras como grãos de ouro em monturo.

Um homem intimamente bom, muito antes de proferir uma palavra, já atuou salutarmente sobre os outros. Por outro lado, um homem que oculta nos refolhos do seu Ser a impureza, a insinceridade, o espirito de interesse ou de ambição, exercerá sempre sobre seus semelhantes uma ação deleteria e contaminadora, mesmo que não faça propaganda explicita das suas idéias; o pior dos venenos é a corrupção intima da sua personalidade. E, por mais que esse homem fale da beleza da virtude e da grandeza de Deus, todo o seu zelo deixará os ouvintes, quando muito, indiferentes e frios, se é que não os fere e ofende dolorosamente.

Por isso, pouco importa qual seja a vocação ou o posto do homem interiormente bom — o que importa é que ele revele a sua alma, o seu verdadeiro Ser; e isto é possivel mesmo nas condições mais desfavoraveis. Aqui se comprova mais uma vez a verdade daquela sentença antiga: a verdadeira grandeza do homem, o seu valor e

poder, independem da materia, do tempo e do espaço.

Onde quer que exista, ore, sofra ou morra um homem reto e bom, intimamente são e puro, aí existe um foco divino, uma central de energias celestes, e deste centro energetico irradiam pelo mundo, suave e beneficamente, ondas espirituais, por vezes tão subtis que não as podemos medir nem definir; mas elas existem, e, se mais numerosas fossem essas personalidades, talvez que as emanações psiquicas que irradiam assumiriam forma mais concreta e palpavel.

Todo o homem, quando não devidamente espiritualizado, vive na estranha ilusão de que a sua influencia sobre os outros provenha das suas palavras e dos seus atos; acha que é o seu saber, a sua pericia, a sua eloquencia, o seu jeito pratico que conduz as almas do erro para a verdade, das trevas do mal á luz da virtude. E é dificilimo tirá-lo dessa ilusão; é o ultimo e mais arduo capitulo da psicologia e tambem da vida espiritual, convencermo-nos de que não é o nosso saber ou poder que torna melhores os homens, mas unicamente o nosso Ser.

O que influe sobre os outros, o que os comove, abala, arrasta, ilumina, converte, santifica, é, em uma análise — abstração feita do sobrenatural — a nossa pura e santa personalidade, e não a nossa ardente e espalhafatosa atividade.

Ser intimamente bom, é o mais poderoso apostolado.

Onde quer que, na vastidão do globo, exista um desses focos de personalidade, e, portanto, de elevada espiritualidade, aí está um centro salvador da humanidade. E, ainda que essa

central de energias espirituais se encontre padecendo sobre o catre anonimo dum hospital, ou reclusa por detrás das grades escuras dum claustro, ou perdida na solidão das florestas tropicais, nos desertos da Africa ou nas geleiras do Alasca — pouco importa — esse foco atua poderosamente sobre a humanidade sedenta de redenção e de vida. Basta que, de fato, exista e que tenha grande potencialidade.

Se o homem é capaz de atuar a grandes distancias por meio de ondas curtas ou longas — quem ousaria negar a existencia de invisiveis irradiações psiquicas? a influencia de certas "estações emissoras" dotadas duma elevadissima potencialidade espiritual? duma irresistivel dinamica personal ?

Seriam as ondas fisicas mais poderosas que as ondas psiquicas? a materia superior ao espirito ?

O analfabeto ou principiante na disciplina do mundo espiritual costuma atribuir a maior importancia ás suas atividades externas, aos seus atos transeuntes — ao passo que o iniciado e o mestre da espiritualidade concentra toda a sua solicitude no elemento interno, na virtude imanente do seu Ser personal.

Fazer alguma coisa, é acessivel a um individuo qualquer — ser alguem, é privilegio da personalidade.

Todo o homem que das baixadas do indivíduo ascende ás alturas da personalidade entra numa zona de perfeita calma e serenidade interior — serenidade e calma essa que na pessoa

de Cristo atingiu o mais alto grau metafisico. Esse homem não se perturba, não se precipita, não se afoba, não se torna nervoso nem impaciente; ainda que em plena viagem, parece estar sempre no termo da jornada — e, de fato, está no termo a cada instante da sua vida, porque a verdadeira personalidade paira acima da noção de tempo e espaço.

Jesus Cristo, mesmo como simples homem, teria exercido uma atração irresistivel sobre os homens, pelo fato de ser a mais perfeita personalidade que já apareceu sobre a face da terra.

"Mestre, todos andam á tua procura" — dizia Simão Pedro.

"Ele é bom" — murmurava o povo.

"Fala como quem tem poder" — exclamavam as turbas.

"Nunca homem algum falou como esse homem" — segredavam os servos do Sinedrio.

Todos sentiam o estranho magnetismo dessa poderosa personalidade, mas ninguem sabia definir tão grande misterio, e por isso vinham com frases toscas e desajeitadas como estas.

E, quando o Sinedrio manda um pelotão de soldados prender a Cristo, esses homens armados e valentes voltam de mãos vazias. "Porque não o prendestes?" perguntam os fariseus e doutores da lei. E eles, os soldados, que desculpa dão? que o Nazareno estava armado? que vinha cercado de numerosa multidão de amigos e defensores? que os repeliu a força? Nada disto. A unica excusa que alegaram foi esta: "Esse homem fala como nunca ninguem falou"...

O' servos do Sinedrio, que coisa sublime dissestes! que estupenda apologia tecestes ao Nazareno! não o pudestes prender, sentistes-vos desarmados só porque ele falava?... E' verdade, nunca homem algum falou como ele, porque nunca existiu personalidade como ele...

"Tambem vós vos deixastes seduzir pelo Nazareno?" — responde o Sinedrio, indignado. Sim, deixaram-se seduzir, porque era irresistivel a sedução desse homem de Nazaré; profligava com a sua simples presença todo e qualquer tentame de resistencia. Quantas vezes o quiseram os judeus apedrejar — e ele passava pelo meio deles, deixando-os todos perplexos, estarrecidos, desarmados. Se, do Getsemane, saiu preso, foi porque ocultou propositalmente a poderosa irradiação do seu fascinio personal.

Quanto mais o homem aperfeiçoa o seu proprio Eu personal, tanto mais o interessa maior personalidade da historia. Amigos e inimigos querem conhecer o Cristo: Paulo de Tarso e Léo Tolstoi, Agostinho e Lutero, Rousseau e Renan, todos os que amam o Nazareno, todos os que odeiam o Galileu — ninguem pode ficar indiferene e neutral em face dele...

Indiferente e apatico só pode ficar o indivíduo, mas nunca a personalidade. O espirito pensante tem de forçosamente definir atitude e posição em face de Cristo; neutrais só podem permanecer os eunucos do espirito, os *dandys* das avenidas, as mediocridades dos casinos, os filisteus que não teem problemas a resolver, a massa anonima das sorridentes vulgaridades —

esses, sim, podem passar indiferentes em face de Cristo, porque jamais um indivíduo será capaz de compreender uma personalidade, e, muito menos, entusiasmar-se pela maior personalidade da historia.

Entrar no campo imantado do homem de Nazaré, deixar-se por ele "seduzir", viver, trabalhar e sofrer por ele, é valorizar a sua propria existencia e elevar á mais alta perfeição e plenitude a sua personalidade.

PERSONALIDADE E SEXO

Ha milhares de homens, ou antes, de seres humanos que não conhecem outros seres humanos — conhecem tão sómente homens e mulheres, conhecem apenas o sexo, ou, digamos com toda crueza do realismo conhecem tão sómente machos e femeas humanos.

O prisma pelo qual contemplam e avaliam todos os seres humanos é o da sexualidade.

E é precisamente aqui — digamo-lo desde já — que se encontra a razão ultima e a mais profunda raiz de quase todas as tragedias conjugais, mesmo aquelas que não passam para a cronica escandalosa dos jornais, nem terminam nos tribunais ou nas casas de correção. Ha inumeras tragedias conjugais que se desenrolam portas a dentro do lar, com todo o silencio e discreção de quem morre de asfixia lenta, inhalando gazes venenosos num aposento hermeticamente fechado.

Quem considera o ser humano, de preferencia, como sexo, já está por isso mesmo num trilho falso, num desvio morto — e não tardarão colisões catastrofais...

O que ha de principal no varão não é a sua masculinidade; mas, sim, a sua personalidade — personalidade masculina, é verdade, mas não simplesmente a sua masculinidade.

O que ha de mais encantador na mulher não é a sua feminilidade; mas, sim, a sua personalidade — personalidade feminina, é certo, mas não simplesmente a sua feminilidade.

Quem não vê e não sabe estimar em seu semelhante, em primeiro lugar, a natureza humana, não compreende o mais profundo sentido da sexualidade, e não tardará a ver convertido em odio e nojo aquilo que ele chamava o seu amor ao outro sexo...

Quem, de fato, quer amar uma mulher deve, antes de tudo, ter a conciencia nitida de que ela é um ser humano, uma pessôa humana.

Quem vota amor a um homem deve, em primeiro lugar, convencer-se de que ele é um ser humano, isto é, um mundo por si, um universo de idéias e idéiais, um cosmos de pensamentos, sentimentos e interesses que nada teem que vêr com a sua masculinidade.

O que ha de mais importante e decisivo no varão e na mulher é o fato de eles serem personalidades humanas.

Procurai a mais dinamica das naturezas masculinas — e vereis que todo o seu dinamismo não ultrapassa os limites extremos da natureza humana como tal.

Escolhei a mais encantadora das naturezas femininas — e verificareis que todos os seus encantos não vão além do seu ser humano como tal.

Por isso, antes de descobrirmos o varão e a mulher, temos de descobrir o homem, a simples natureza humana, a personalidade.

E neste ponto, como aliás em todos os outros, a Natureza nos mostra o caminho a seguir.

Segundo os ditames tacitos da Natureza, passam-se longos anos sem que o homem em formação veja nos seus companheiros de infancia outra coisa senão a humanidade como tal. Para a criança não ha senão "gente"; não ha propriamente varão e mulher, mas ha uma especie de seres humanos neutros — pessoas, e nada mais.

E mesmo depois de descobrir alguma diferença entre eles e elas, quantos anos não decorrem até que o menino saiba compreender o porquê e o alcance destas diferenças?

A fisiologia e a psicologia são bem uma norma para a pedagogia e a etica.

O jovem ser humano tem de aprender primeiro a respeitar e estimar tudo que tenha semblante de homem; tem de fazer justiça e caridade a todos os seus semelhantes. Esta benefica ignorancia sexual em que a Natureza envolve os albores da nossa existencia é, por assim dizer, um muro protetor por detrás do qual se pode desenvolver normal e tranquilamente o ser humano, puramente humano, exclusivamente humano. Nesse paraiso recluso não vivem homens e mulheres — vivem tão sómente pessoas humanas.

Assim é que a Natureza o quer — e ela sabe porque.

Infelizmente, nem todos os "educadores" teem o devido criterio e a necessaria delicadeza de tato para compreender e seguir os ditames tacitos

da Natureza; julgam dever arrasar quanto antes essa muralha providencial, arrancar a pobre alminha do paraiso da sua deliciosa ingenuidade e jogá-la ao turbilhão caotico das paixões, ás dolorosas tempestades duma precoce sexualidade.

Esta antecipação artificial da puberdade é contrária ás sabias leis da Natureza e inflige á psique do homem em formação uma chaga incuravel, que não raro determina a ruina da sua vida moral e social.

Não se deve abrir á força um botão de rosa. Só os raios solares são assás poderosos e delicados para fazer desabrochar em linda flor as mimosas petalas que, recatadas, aguardam a grande hora da alvorada e da vida, como descreve tão lindamente Rabindranath Tagore.

O país mais triste que ha sobre a face do globo, dizem os viajantes, é a India — "terra sem sorriso", frase proverbial ás magens do Ganges.

Qual a razão dessa tristeza universal?

O hindú, por via de regra, não conhece mocidade. Muitos nem mesmo conhecem a propria infancia. Segundo a estatistica oficial, ha na India 2.500.000 mulheres casadas abaixo de 10 anos de idade; além disto, 112.000 viuvas com esta idade. Vão a dezenas de milhões as crianças casadas entre 12 e 15 anos.

"Terra sem sorriso", porque terra sem mocidade. Terra sem paraiso de benefica ignorancia sexual.

E' para toda a criança um verdadeiro desastre chegar á noção da sexualidade antes de ter noção da humanidade.

Pode, acaso, dar uma flor perfeita um botão aberto antes do tempo?

Antes que o jovem se sinta fascinado pela formosura dum rosto feminino deve ele saber tributar homenagem ao rosto humano que lhe sorri através daquelas pupilas de mulher; deve saber respeitar dentro do sexo a personalidade humana, e deve saber respeitá-la tambem se um dia vier a faltar a esse ser humano o encanto feminino, ou se, em vez daquela formosura de moça lhe aparecer a fealdade duma velhinha decrepita ou dum aleijão humano...

Tão profunda deve ser no homem a estima e a reverencia á personalidade humana que a quotidiana convivencia com um ser humano, mesmo quando velho e decrepito, não valha extinguir-lhe na conciencia essa estima e essa veneração.

Ai do infeliz que chegue a conhecer homem ou mulher antes de aprender a estimar o ser humano!

* * *

Finalmente, porém, todo o não-saber se converte em saber. O homem tem de ver e viver toda a realidade.

E essa realidade sexual é um problema de infinita seriedade.

Não que em si mesmas sejam tão grandes e tragicas as diferenças entre o homem e a mulher. Ambos são personalidades humanas. Ambos teem uma alma espiritual, imortal, sedenta de Deus, chamada ao mesmo destino eterno. Ambos foram remidos pelo sangue de Cristo e cumulados de graças divinas. Tanto o homem como a mulher são personalidades completas com todos os seus direitos e toda a sua liberdade e responsabilidade individual.

Tambem no terreno da etica e da moral ha perfeita igualdade entre os sexos. Ha uma só moral para o homem e a mulher. Não ha moral masculina nem feminina — ha tão sómente moral humana.

De maneira que, nos pontos essenciais, não parece haver diferença.

E, no entanto, são imensamente grandes essas diferenças, e não ha nada que o homem ou a mulher sintam tão dolorosa ou tão deliciosamente como precisamente aquilo que se relaciona com a sexualidade.

E' aqui que está a porta do céu e a entrada do inferno.

Os extremos tocam-se...

Nenhum homem pode tornar outro homem tão profundamente feliz ou infeliz como um sexo pode levar outro sexo á culminancia da beatitude ou ao abismo da desgraça.

E' sempre um passo arriscado, uma especie de salto mortal, entregar-se uma alma a outra alma, abandonar-se uma personalidade a outra personalidade, precipitar-se o Eu no abismo de um Tu. Bem haja o Eu se o Tu for um comos! Mas ai dele se for um caos!... Mas quantas vezes encontra uma alma na outra alma a estreiteza dum carcere em vez da amplitude dum universo!...

Duplamente perigoso é esse salto mortal, quando se trata de homem e mulher.

Tem se falado e escrito muito sobre os predicados do homem e da mulher. Tem se levantado a questão se a mulher pode nivelar-se ao homem nas atividades intelectuais, artisticas, sociais, etc..

A questão peca por um falso suposto, falha pela raiz, porque não se pode traçar paralelo entre o homem e a mulher, uma vez que as suas qualidades e os seus defeitos se movem em planos diferentes. Assim como a função fisiologica e biogenetica dele e dela é diversa, da mesma fórma tambem a sua atividade psiquica e espiritual.

Por via da regra, compete ao homem criar — e á mulher modelar. Ora, seria estulto e pueril perguntar o que é mais importante: o criar ou o formar, uma vez que não ha fórma sem materia, e a materia sem a forma nada vale.

A missão da mulher é tão importante como a do homem — cada uma na sua esfera.

Vigora perfeito paralelismo entre as atividades materias e espirituais dos dois sexos: assim como um não pode prescindir do outro, quando se trata de dar origem a um novo ser humano, de modo analogo tambem se completam o homem e a mulher no plano superior, psiquico, intelectual, espiritual.

O homem é, geralmente, mais criador, a mulher mais modeladora.

O homem produz as grandes idéias filosoficas, cientificas, metafisicas, politicas, sociais, artisticas — e a mulher põe essas idéias ao serviço dos ideais da etica e da estetica, e, antes de tudo, ao serviço da grande lei do amor.

O homem é mais intelectual — a mulher mais etica.

A filosofia do homem pode mover-se no mundo impessoal dos conceitos abstratos — a etica da mulher só conhece o mundo pessoal dos valores concretos.

O pensamento do homem pode ser impessoal — o sentimento da mulher é sempre pessoal.

O raciocinio do homem obedece ao silogismo — o conhecimento da mulher é antes efeito duma intuição.

Raras vezes a mulher traz ao mundo um novo conhecimento — mas o seu amor valoriza os conhecimentos do homem.

O destino supremo do homem e da mulher é o mesmo — Deus; mas o seu destino imediato cá no mundo é diferente.

Quando Adão abriu os olhos á sombra do Eden, viu em derredor de si o mundo com todas as suas maravilhas e misterios, e compreendeu logo que a sua missão era investigar as forças da natureza e sujeitá-las ao seu dominio.

Quando Eva abriu os olhos viu diante de si o homem, e logo teve a intuição de que a sua tarefa se relacionava com ele, que o ambiente da sua vida era o homem e a família.

O primeiro homem viu o mundo sem a mulher — e o seu destino é trabalhar nesse mundo.

A primeira mulher só viu o mundo através do homem — e o mundo não é o campo da atividade feminina senão com relação ao homem e ao lar.

O homem ama a mulher através do mundo — a mulher ama o mundo através do homem.

O homem que procura na mulher o seu principal centro de gravitação adultera o seu carater — bem assim como falsifica a sua missão a mulher que encontra no mundo o seu ambiente predileto.

Quando Deus expulsou do paraiso os nossos protoparentes, falou a Adão em duros labores que suportaria no meio do mundo — e lembrou a Eva

as dores que padeceria como esposa e mãe. Como é profunda a psicologia do Genesis!...

Quando o homem, jogado ao meio do mundo, corre perigo de perder o seu valor humano, compete á mulher preservá-lo dessa deshumanização, ou re-humanizar o homem deshumanizado pelo materialismo da vida profana. Quando o homem, fascinado pelas verdades abstratas da inteligência, se estiola na aridez dum intelectualismo esteril, é delicada missão da mulher salvaguardar-lhe na alma os valores fecundos da etica e da vida real.

Por outro lado, quando a mulher propende a se esvair em dulçorosos sentimentalismos, é benefica a influencia do homem no sentido de lhe estabilizar a psique voluvel com a solidez e sobriedade do seu raciocinio firme e calmo.

A mulher apostada em se igualar em tudo ao homem, além de revelar uma lamentavel incompreensão do seu destino peculiar, comete uma clamorosa ingratidão contra si mesma, abrindo mão do que é seu para se apoderar do alheio.

A mulher só prestará grandes coisas no terreno proprio da sua natureza feminina — assim como o homem nunca prestará feitos notaveis senão dentro da esfera da sua natureza masculina.

Querer corrigir a natureza equivale a esterilizar a propria fonte da nossa verdadeira grandeza. Obediencia incondicional aos imperativos biologicos e psiquicos da natureza — eis aí o postulado fundamental de toda a excelencia masculina e feminina.

A natureza é obra de Deus, que não deve ser adulterada nem corrigida pelo homem, sob pena de resultar deturpação e caricatura.

A humanidade deve muito aos grandes homens — mas esses grandes homens devem mais a uma mulher do que a um homem.

Sendo que a grandeza da mulher se acha de preferencia em terreno etico e afectivo, vem essa grandeza assinalada quase sempre de dores e sofrimentos; porque não ha afirmação de valores eticos e afectivos sem grandes sacrificios. Vai tambem nisto úm constante paralelismo entre a missão biologica e psiquica dos sexos: para dar existencia a um ser humano, muito mais sofre a mulher que o homem — e para realizar a vida etica e afectiva, cabe á mulher o maior quinhão dos sofrimentos. Pode a criação de idéias ser um gozo para o homem — a defesa dos ideais obriga a mulher a martirios continuos.

Já no limiar do paraiso condenou Deus o homem ao trabalho e a mulher ao sofrimento. Como esposa e como mãe sofre mais a natureza idealista da mulher do que, na qualidade de esposo e pai, a indole intelectualista do homem.

Iguais na mesma natureza humana, como a luz branca do sol, diferenciam-se o homem e a mulher quando contemplados pelo prisma da sexualidade, assim como a luz incolor é colorida pelo cristal com todos os cambiantes do arco-iris.

Não ha, propriamente, virtudes masculinas nem femininas; ha tão sómente virtudes humanas, como tambem só ha vicios humanos. Entretanto, dentro deste criterio geral da humanidade, ocorrem *nuances* tão subtis que podemos falar em bondade e malicia masculina e feminina. O homem é bom ou mau de outra maneira que a mulher. O mesmo ato, praticado por ele ou por ela, reveste um cunho carateristico, aparece numa luz

distinta quando praticado por este ou por aquele sexo.

A calma, a serena objectividade, a tranquila firmeza do homem, mesmo que as encontramos por vezes na mulher, não criam em nós o mesmo ambiente de confiança que nos inspiram essas qualidades quando encontradas no homem.

O sexo, podemos dizer, alarga os limites da personalidade, humana, intensifica quase ao infinito a possibilidade do bem e do mal; pode elevar o homem ou a mulher até ao trono da divindade — e pode tambem abismá-los até á gehena de Satanás. A masculinidade e a feminilidade podem sublimar o homem e a mulher a sobrehumanas excelsitudes — e podem tambem degradá-los a deshumanas baixezas.

Os maiores heroismos e as maiores infamias da historia humana radicam nas profundezas da sexualidade, ordenada ou desordenada.

* * *

Entretanto, depois de tão longas considerações, não tocamos ainda no ponto nevralgico do problema sexual: nada dissemos da profunda tragicidade que vai por toda esta esfera, a saber, a sinistra veemencia do instinto sexual.

A ultima raiz desse instinto encontra-se em terreno fisiologico, na diversidade funcional dos sexos. Este instinto, de indole pronunciadamente corporeo, é essencialmente egoistico, razão essa por que dificilmente se enquadra na ordem racional da inteligencia, e mais dificilmente ainda no plano etico da vontade espiritualizadora.

E' precisamente aqui, nessas tenebrosas profundezas do subconciente, nesse perene conflito entre as leis da materia e os postulados do espirito, entre a inercia estatica da fisica e os surtos dinamicos da psiquica — é aqui que se encontram, desde os albores da humanidade, as raizes e causas ultimas dessa interminavel tragedia das relações sexuais, tragedia que, não raro, culmina num verdadeiro demonismo de incompreensivel ferocidade.

As relações sexuais entre o homem e a mulher, que, a principio, costumam revestir-se dum quê de inefavel poesia e sobrehumana beleza, quando resvalam para o excesso, para o abuso, para um sensualismo descontrolado, geram um inferno de asco, de odio e de abjeção, derramam sobre o mundo um diluvio de lagrimas e de sangue, enchem a alma da maior e mais profunda infelicidade de que é capaz a humana natureza.

E' este o misterioso privilegio da sexualidade.

E ainda bem quando essa profunda infelicidade interior consegue romper e extravasar-se num oceano de lagrimas; mil vezes pior quando é recalcada á força no intimo da alma, acumulando-se, essa lava candente do silencioso vulcão, sem possibilidade de desafogo, cauterizando a psique da vitima, obrigando-a a disfarçar perante a sociedade com um sorriso forçado e com uma serenidade artificial a chaga viva da sua tragedia interior... E' no hospicio, na penitenciaria ou no cemiterio que, geralmente, se escreve o capitulo

final desse silencioso drama duma personalidade humana lentamente envenenada pela peçonha de desregrada sexualidade...

* * *

A' luz do exposto, poderiamos quase afirmar que toda a educação consiste em ministrar ao homem e à mulher uma solida orientação sexual, criando e firmando em sua alma uma corréta e persistente atitude em face do outro sexo.

E, de fato, o homem completamente senhor do instinto sexual, o homem senhor de si em face do outro sexo, é um homem perfeito, uma verdadeira personalidade — e não apenas um indivíduo. São tão numerosos os individuos, e tão poucas as personalidades humanas, porque tão deficiente é, geralmente, o controle que aqueles indivíduos teem sobre a sua esfera sexual. Se a estatistica das personalidades tiver de ser feita à beira das nossas avenidas, nos salões e casinos, nas praias e nos clubes — teremos de buscar homens com a lanterna de Diogenes em plena luz meridiana do seculo vinte.

Quem é homem? Quem é cavalheiro? Quem é personalidade?

Aquele que sabe manter toda a sua dignidade em face da mãe e da irmã, em face da donzela e da noiva, em face da sua esposa e da mãe de seus filhos; aquele que sabe ser perfeitamente ele mesmo até com uma simples empregada de casa ou com o ser feminino que casualmente acompanha por duas quadras da rua até á entrada da escola, da fabrica ou repartição pública.

Quem é mulher? quem é perfeita personalidade feminina?

Dir-to-á o homem digno deste nome...

No louvavel intuito de regular, moralizar e amenizar as relações entre os sexos, teem se escrito numerosos livros, teem se publicado belos avisos e regras de todo o genero.

Mas que é tudo isto senão obra imperfeita e fragmentária? O principal, a alma desse intercambio masculino-feminino não pode ser ensinado nem aprendido em manuais de ética ou tratados de civilidade. Cada homem é um mundo por si, um microcosmo, um universo original, inédito, uma epopéia única, um fato virgem; cada homem é a princípio um caos, como o nosso mundo, e, para que resulte um cosmos do seio da nebulosa, tem de ecoar à face do abismo o *fiat lux* da onipotencia divina.

E, por ser cada homem um universo á parte, deve cada homem, em ultima analise, procurar o seu proprio caminho, descobrir a sua norma, estabelecer a sua diretiva, acertar com a sua atitude em face do outro sexo.

Nas fabricas humanas encontramos chapas, chavões e moldes, destinados à produção de copias em serie, milhares de exemplares iguais da mesma mercadoria. Deus, porém, não é diretor de fabrica nem criador de mercadorias em serie. Deus não criou dois seres iguais. Deus não se repete em nenhuma das suas obras. Não faz copias nem duplicatas. Deus é assás inteligente e poderoso para criar infinitos originais inéditos. Se Deus fosse obrigado a repetir uma só das suas obras não seria Deus, porque daria sinal de imperfeição intelectual ou criadora. Perdoa-se à impotência huma-

na a repetição das suas obras — mas não se perdoaria à onipotencia divina.

Entretanto, por mais dificil que seja estabelecer regras gerais em materia de personalidade e sexo, não obsta que, com toda a discreção e sobriedade, demos algumas directivas e indigitações.

1 — E' um dos mais funestos erros pedagógicos encher a cabeça do jovem ser humano com doutrinas sobre sexualismo ou erotica, mesmo quando essas doutrinas são dadas de modo decente e com as melhores intenções. A natureza é sempre a melhor das mestras. E a natureza, pelo fato mesmo de deixar dormir por largos anos o instinto sexual, nos dá a directriz a seguir. Silenciar, prescindir, evitar discretamente que o problema sexual seja colocado no centro das atenções do educando ou forme o foco da sua conciência — eis o que convém fazer. Bastam as noções reclamadas pela higiene. Em vez de prematuros esclarecimentos sexuais, é mil vezes melhor descortinar ao educando os horizontes de algum grande ideal, embora simplesmente natural, intelectual, cientifico, artistico, cultural, ideal pelo qual se possa entusiasmar a alma do homem em formação.

2 — Para acertar com a verdadeira perspectiva em face do esposo e da esposa, é indispensavel que o homem aprenda primeiro a manter uma atitude corréta e irrepreensivel em face de qualquer ser humano, independentemente de sexo. Quem não aprendeu a praticar moral humana, como é que vai ser mestre em ética sexual? Quem não respeita a personalidade, como respeitaria a dignidade do sexo? Um jovem cujo interesse gira,

da manhã até à noite, em torno da mulher, e não em torno da pessôa humana, já está em vesperas duma grande tragedia sexual. Muito acima do masculino e do feminino está o Eu e o Tu simplesmente humano.

3 — Ha quem considere o matrimonio como panacéia de todos os males relacionados com o sexo, o talisman duma perene e imperturbavel felicidade. E' possivel que esta felicidade se realize, mas, neste caso, só será realidade no homem plenamente maduro em sua humanidade; só êle póde esperar da convivência com outro sexo uma solida e duradoura felicidade. Nenhum individuo póde dar felicidade a outro indivíduo, e menos ainda a uma personalidade. Só uma perfeita e madura personalidade tem esperança de tornar feliz a outra personalidade igualmente preparada para a convivencia mutua.

4 — Não falta também quem apregôe como elixir da felicidade conjugal a educação religiosa. Mas que vem a ser educação religiosa? Que é religião? Religiosidade? Consistirá ela em tantos e tantos atos de piedade externa? Na simples recepção dos sacramentos? Na participação em procissões e outras solenidades litúrgicas? Milhares de homens apelidam religião a esse corpo do catolicismo — e passam a vida toda sem descobrir a alma do cristianismo. O que realmente dá fôrça ao homem na mais ingente luta da sua vida, nos momentos críticos em que a sua sexualidade ameaça derrotar-lhe a personalidade, é a alma da religião. essa religiosidade profunda, genuina, desataviada, que dá conteúdo à vida, plenitude ao espírito, luz à inteligência, energia à vontade; es-

sa religião que atúa como um ponto fixo no meio do fluxo e refluxo das paixões, essa religião que, em serena majestade, proclama o primado do espírito sôbre o tumulto caótico da materia e dos instintos — essa, sim, póde dar força e firmeza nas lutas da vida. Pouco importa qual a fórma específica em que apareça essa virtude do alto — seja sob a fórma de um Deus poderoso ou de um Cristo Redentor, seja como Igreja ou eternidade, seja como imortalidade da alma ou caridade do proximo — o que importa, o que é essencial é que ela apareça como algo de grande, de absoluto, de sublime, e que ocupe o centro da alma e empolgue todas as potências e faculdades do nosso Eu.

Essa força do alto apareceu de fato — na pessôa de Jesus Cristo, o Verbo eterno que se fez carne e habitou entre nós.

Cristo, colocado no centro da vida humana, mesmo que pareça dormir, como na barca de Pedro, é senhor da tempestade que se desencadeia no Genesaré do nosso interior. Pódem as vagas e os ventos esbravejar em tôrno do nosso baixel, em dado momento o Mestre acordará e como Taumaturgo vigil dará ordem aos elementos revoltos dentro de nós — e far-se-á uma grande bonança...

A harmonia do espírito e da materia, o tratado de paz entre a personalidade e o sexo.

AMOR-INSTINTO — AMOR - ESPIRITO

Ha duas especies fundamentais de amor: o amor que o homem *possúe*, e o amor do qual o homem é *possuido*, ou mesmo, possesso.

Aquele tem séde na esfera luminosa do conciente — êste, nas regiões penumbrais do subconciente.

Aquele é amor-espírito — este, amor-instinto.

Ambos são necessários para constituir uma personalidade completa.

São duas torrentes que andam paralelas uma à outra — e chegam talvez a unir-se algures e desembocar juntas no oceano imenso da Divindade.

O amor-instinto é uma espécie de lei de gravitação, que emerge das incontroláveis profundezas do nosso subconciente e nos colhe de surpresa; assemelha-se a uma fatalidade, a um destino cégo, um impulso irracional, atuando, como todas as leis naturais, com elementar veemência, e num sentido rigorosamente delineado.

Existe em cada alma humana uma indefinivel reserva de potências dormentes. A nossa psique é uma verdadeira estação receptora, muito antes mesmo de apanhar a primeira onda irradia-

da por alguma estação emissora. Está com as invisiveis antenas armadas, estendidas no ar, sondando os espaços circumvizinhos. Centenas, milhares e milhões de ondas psíquicas percorrem sem cessar o cosmos espiritual — mas a antena do nosso Eu não reage. Não está afinada por nenhuma dessas ondas curtas ou longas...

Mas eis que de súbito sinto dentro de mim uma vibração intensa... Um olhar... o timbre duma voz... o contáto duma mão — e acordou para a vida a potência latente...

Para que um homem possa amar é necessário que nele pre-exista a respectiva tecla ou corda, e que ela seja ferida por uma onda psíquica — ou, se quiserem, por um fluido simpático — correspondente à íntima natureza do amante.

Encontramos duas almas que se amam intensamente, com fervor, com paixão, com loucura, com delírio — e não compreendemos esse misterio. Não raro, o alvo dum amor ardente é a negação de toda a beleza e perfeição. Muitas vezes, não existe sequer aquilo que os modernos chamam *it* ou *sex-appeal;* nada que justifique tão veemente atração entre ele e ela. Meneamos a cabeça e, cheios de estupefação dizemos: "Como é possivel?"... E acabamos por asilar a nossa desnorteada incompreensão na frase proverbial: "O amor é cégo".

Entretanto, cégo é o amor tão sómente com relação aos de fóra, aos expectadores desse drama, dessa comedia, ou dessa tragedia. Os atores e as atrizes dessa epopéia poderiam com a mesma razão considerar cégos os da platéia, incapazes de descobrir neste ou naquele ser humano o lado amavel, incapazes de sentir a misteriosa vibração duma

determinada onda; é que falta em sua retina psiquica precisamente aquele nervo ou aquela celula sensível capaz de reagir a uma determinada côr, a algum cambiante talvez subtilissimo...

De fato, são cégos e videntes ao mesmo tempo, tanto os expectadores como os atores do drama — cada um a seu modo.

Se o amor nacesse sempre e se desenvolvesse todo em terreno meridianamente conciente, não viria envolto em tão tenebroso mistério — mas também perderia noventa por cento do seu encanto. As últimas raizes do amor são incognitas, porque embebidas na escuridão da nossa esféra inconciente.

E' nisto que está a sua maior beleza — e também o seu grande perigo.

Amor inteiramente conhecido e devassado perdeu o mais delicado do seu encanto, assim como um país sem florestas e desertos inexplorados, como uma região sem abismos e culminâncias. O amor, para ser, profunda e delirantemente sedutor, deve ter um quê de noturno, de misterioso, de enigmático, de incompreendido e de incompreensivel.

No dia e na hora em que A. perscrutar o último recanto da alma de B. morre o amor e nasce a indiferença, o tédio, quando não uma positiva aversão.

A banalização da poesia do amôr coincide com a devassa cabal dos seus mistérios.

O que nos atrai e fascina é o incognito dos mares, o inexplorado dos desertos, a escuridão das profundezas, a vastidão dos ares, o enigma

da natureza, o silêncio pressago das noites, a imensidade dos horizontes — e a eterna esfinge da alma humana.

E', pois, necessário que a alma tenha dentro de si um santuario íntimo e indevassável, um *sancta sanctorum* em que só ela mesma e Deus possam entrar. Por isso fez o autor da natureza a personalidade humana de tal fórma que nenhuma criatura, nem anjos nem demonios, possam desvendar-lhe os íntimos penetrais de pensamentos e afétos, sem o seu consentimento.

A alma que abre sem reserva a outrem o santuário do seu Eu profana-se, prostitue-se e perde o mais delicado encanto do seu valor personal.

Das misteriosas profundidades desse sacrário é que brota o amor-instinto.

* * *

A outra espécie de amor, o amor-espírito, não nasce propriamente; é antes criado por um ato livre, por um imperativo categórico da vontade conciente.

Esse amor, criado na luminosa esfera do Eu conciente, é puramente espiritual. E, uma vez que é filho das alturas do querer conciente, não conhece as profundezas do sentir inconciente; ignora a dinâmica sinistra das potências do abismo; tem algo de impessoal; falta-lhe quase sempre esse colorido característico da personalidade, se não fôr fecundado pelo impetuoso latejar das energias que dominam nas regiões do subconciente...

Por mais estranho e anti-ascético que talvez pareça, a verdade é esta: o amor-espírito deve ser

fecundado pelo amor-instinto para que possa nascer o amor perfeitamente humano.

Quem ama só com a vontade espiritual não ama integralmente.

Só um amor profundamente vivído e dolorosamente sofrido é que é amor completo e genuinamente humano. Mas não é possível viver nem sofrer um amor puramente espiritual. Póde-se *possuir* esse amor, mas não se pode ser por êle *possuido*. Um sentimento que o homem apenas possúe, mas do qual não é possuido, nunca assumirá o colorido característico da sua própria personalidade; falta-lhe esse indefinivel quê personal que é o supremo encanto do homem, a chave da sua atração e o segredo das suas vitórias.

Tem se dito que, por vezes, os defeitos do homem o tornam mais simpático do que as suas virtudes. Ha nisto um quê de verdade, não no sentido de serem os defeitos em si mesmos melhores do que as virtudes, mas porque certas virtudes (ou pseudo-virtudes) se apresentam muitas vezes tão despersonalizadas que desaparecem ao lado de certos defeitos revestidos duma encantadora personalidade.

Porque é que certos "santos" dos nossos dias são profundamente antipaticos, com todo o arsenal das suas "virtudes" e "perfeições"? e como se explica que certos pecadores ou criminosos conquistam as simpatias do mundo inteiro?

Propugnar a des-espiritualização do amor-espírito sería certamente erro lamentavel, uma vez que não há beleza onde não há espiritualidade. Entretanto, advogamos a nacessidade da personalização desse amor afim de lhe emprestar o remate característico da sua beleza humana. Ora, sem a ação fecundante das potências instin-

tivas não é possivel a personalização do amor-espírito.

Todos os grandes heróes da espiritualidade foram homens duma profunda e veemente instintividade.

Ha certos moralistas que só falam em "extirpar" o sentimento natural. Para eles, o amor-espírito só póde prosperar sobre as ruínas do amor-instinto. Não compreendem, esses pseudo-psicologos e pseudo-moralistas, que o amor-espirito sem o amor-instinto é uma coisa estéril e árida que corre perigo de se esvair em abstrações metafísicas sem dinamismo nem personalidade.

Que teria sido de Paulo de Tarso se a queda às portas de Damasco extinguisse nas profundezas do seu ser o forte colorido da sua personalidade?

Que seria de Agostinho se as vozes celestes de Milão *"Tolle, lege, tolle, lege"*, houvessem apagado em sua alma apaixonada a sêde de amor que devorava o coração do estudante pagão de Cartago?

Que admiração nos mereceria Inácio de Loiola se aquele projétil que o atingiu na fortaleza de Pampelona lhe arrancasse da íntima natureza aquela imensa ambição de glória?

O amor-espírito póde e deve dirigir, canalizar, sublimar o amor-instinto, mas nunca o deve extirpar, esmagar, matar, sob pena de despersonalizar o homem e, com isto, reduzí-lo a uma chapa e caricatura que em Deus nem os homens toleram...

A harmonia do cosmos resulta de duas forças aparentemente antagonicas: a atração e a repul-

são, ou seja, a fôrça centrípeta e a fôrça centrífuga. Do equilíbrio, ao mesmo tempo estático e dinâmico, dessas duas energias cosmicas nasce a estupenda sinfonia sideral do universo.

Fato ànálogo se dá com o homem, esse microcosmo, bem mais perfeito e engenhoso que o macrocosmo dos espaços azuis. Da harmonia de duas fôrças, à primeira vista divergentes e antagônicas, é que resulta a suprema beleza da humana personalidade em toda a sua plenitude e perfeição: o amor instinto aliado ao amor-espirito.

Quem nunca *sentiu* amor não póde *querer* amor.

Quem nunca estremeceu sob a deliciosa veemência das saudades duma criatura humana — como póde amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, com toda a mente e com todas as suas forças?

Quem nunca viveu e sofreu a doçura duma afeição humana íntimamente pessoal e personal — como descobriria a porta para sair da estreiteza do egoísmo e demandar a amplitude do altruismo e da caridade?

Não nos compreendamos mal. *Amar* é, antes de tudo, um ato imanente, e o amor mais veemente e genuino estúa muitas vezes naquelas almas que nunca desafogaram com criatura alguma as poderosas reservas afectivas do seu coração. Almas ha que são verdadeiros universos de amor, mas que não se atrevem a transfundir em outra alma as ondas vivas da sua afeição, não por motivos de natural timidez, nem de moralismo doentio, mas porque não creem que possa haver nu-

ma alma alheia espaços bastante grandes para caber o oceano dos seus sentimentos; e assim preferem viver na vasta solidão do seu deserto psíquico a morrer na estreita clausura de um carcere...

Quanto maior é o nosso amor, e quanto mais personalmente colorido, tanto menos cremos na existência do seu natural complemento em outra alma.

Que catastrofe se poderia imaginar maior e mais dolorosa do que a largueza dum Eu precipitar-se irremissivelmente na estreiteza de um Tu?...

São precisamente essas almas concentradas, torrentes represadas, que amam mais intensa e genuinamente do que tantas outras que, dia a dia, desafogam em amores as ondas pequeninas da sua psíque aberta para todos os lados.

Não chega a formar um grande capital quem gasta diariamente as moedas miudas.

Esse "amor intransitivo" vence talvez em potencialidade todos os "amores transitivos" constantemente atualizados.

Uma coisa é amor — outra são amores.

*

* *

O amor-instinto é, por natureza, duro, violento, fatalista, como todas as forças naturais. O seu "pecado original" é uma certa aspereza mecanica, que, quando não educada, póde conduzir a insuportavel orgulho e repelente brutalidade.

E' delicada tarefa do amor-espírito compensar essas asperezas, suavizar essas arestas — e só ele o póde, ele, o espírito, que paira acima da-

materia sempre egoista e abrange numa vista panoramica todas as potências do Eu humano.

O amor-espírito possúe o condão de transformar a inclinação inconciente do amor-instinto em uma volição conciente, e converter as forças físicas da mecânica natural em energías psiquicas de dinâmica moral.

E assim é que o espírito liberta o instinto da sua estreiteza elementar, sem todavia lhe quebrar as forças inatas.

O subconciente é remido pelo conciente, e o conciente sublimou o subconciente.

O abismo invocou as alturas, e as alturas estenderam as mãos ao abismo.

Eros e Psyché se abraçaram no amplexo do Pneuma (Espírito), mas nenhum deles abdicou da sua personalidade.

A derrota do espírito pelo instinto seria a falencia da espiritualidade.

A supressão do instinto pelo espírito equivaleria a uma castração da personalidade.

A inteligente harmonia entre o amor-espírito e o amor-instinto eleva o ser humano às culminancias da sua plenitude espiritual e personal.

O amor-instinto, quando não dirigido pelo amor-espírito, precipita-se dentro do ser amado com a veemencia de um meteoro que dos incognitos espaços do universo tomba sobre a terra: um ruido intenso, um fulgor momentaneo, um pouco de fumo e de cinzas — e nada mais...

O amor-espírito, pelo contrario, quando vitalizado pelo amor-instinto, é como a luz solar que, sem o menor ruido, sem fumo nem cinzas, se di-

funde por todas as latitudes e longitudes do cosmos, iluminando, acalentando, alegrando, vivificando e embelezando todos os seres.

O amor-instinto só quer conquistar, possuir, dominar, explorar, gozar o ser amado — ao passo que o amor-espírito o convida suave e serenamente para o seu interior e encontra inefavel delicia em transfundir-lhe na alma um mundo de idéias e um universo de ideais; sente-se feliz nesse silencioso intercambio de valores pessoais, e todo o seu egocentrismo está em ser feliz na felicidade do ser amado. Não renuncia à felicidade — porque isto é impossivel e seria imoral — mas cria na alma alheia um sol de beatitude afim de poder ser o planeta desse astro e dele receber as calidas irradiações, que transformarão num paraíso a vida e num oasis de caridade o deserto árido do egoismo primitivo.

Quem nunca amou não despertou ainda para a alma da vida; jaz ainda enclausurado como a crisálida em seu pequenino esquife e nada sabe dos imensos espaços repletos de luz que a borboleta perlustra, ébria de gozo, sobre asas levíssimas.

Conta uma fábula antiga que, num castelo encantado, dormia uma linda princesa o seu misterioso sono secular. Só despertaria no dia em que um principe conseguisse romper a espinhosa devesa do castelo, matasse o féro dragão que lhe defendia a entrada, e depositasse na fronte da donzela um beijo de amor.

Decorrido um século, aparece o corajoso principe, penetra no castelo encantado e acorda a gentil princesa com a suave caricia de um osculo.

Almas dormentes repousam em escuros castelos de egoismo, guardadas pelo cerbero minaz do Instinto. Aparece o heroico principe Espírito, rompe por todos os obstaculos, penetra no baluarte e deposita sobre a fronte da princesa Alma o osculo do amor — e ela acorda para uma jubilosa primavera de felicidade...

O HOMEM EM FACE DA DOR

Desde os albores da sua história vem a humanidade acompanhada dum ser misterioso e incompreensivel. E êste ser enigmatico segue a vida de cada homem, desde o berço até ao esquife, e há de segui-lo até ao derradeiro crepusculo da história.

E' a dôr, é o sofrimento.

Esse arcanjo de Deus, vestido de luto, é taciturno, como todas as pessoas incumbidas duma grande missão.

E é grande, imensamente grande a missão que a dôr desempenha na vida humana e na história do mundo. Sem a presença da dôr seria a terra um paraiso — que acabaria fatalmente no inferno...

A dôr é uma soberana que leva cetro e corôa. E' investida dum poder judicial. Profere sentença e decide sôbre o destino do homem, decide sôbre o valor e desvalor dos mortais. Em face da dôr se revela nitidamente se o homem é apenas um individuo, ou então uma personalidade.

A dôr é quase tão poderosa como o proprio Deus. Ela, certamente, não é Deus, não é nenhu-

ma deusa; mas não deixa de ser o primeiro ministro de Deus, o mais alto arcanjo da Divindade.

Entretanto, é dificil o homèm compreender tão profunda verdade.

E mais dificil ainda é chegar a um acordo com êsse misterioso emissario do além, fazer com êle um tratado de paz, viver com êle em harmonia, ou até travar com a dôr uma especie de amizade.

Por via de regra, passa o homem a vida toda lutando contra a dôr, assim como o patriarca Jacó, segundo o texto biblico, passou uma noite pelejando com o "anjo do Senhor", até à madrugada — e dessa misteriosa luta noturna saíu Jacó aleijado, coxo para o resto da vida.

Há homens que da luta com a dôr sáem aleijados, como o patriarca da lei antiga, ou antes, esmagados e aniquilados para a vida inteira.

Outros há que dela sáem envenenados, como se um virus maligno lhes penetrasse nas intimas arterias da alma e intoxicasse todas as seivas do seu espírito.

Mas há tambem uma clásse de homens que auferem da luta com o sofrimento uma misteriosa sagração; sáem dessa luta regenerados, purificados, santificados para a esfera superior dos iniciados e eleitos de Deus.

Aí então as tres atitudes que o homem póde assumir em face do sofrimento, e os efeitos que a dôr póde produzir na vida humana.

Há homens envenenados pela dôr.
Há homens esmagados pela dôr.
Há homens regenerados pela dôr.

Note o leitor: não dizemos: Há uma dôr que envenena, que esmaga, que regenera o homem; mas, sim, há homens que da luta com a dôr sáem envenenados, esmagados ou regenerados. Não depende propriamente da dôr êsse efeito funesto ou benefico; depende da atitude ou perspectiva que o homem assume em face dessa mensageira da divindade. O menor dos sofrimentos póde aniquilar o homem, quando incompreendido ou descompreendido; e o mais atroz dos martirios póde não envenenar a alma, como, por outro lado, a mais doce das torturas, o amor, pode intoxicar mortalmente o coração do padecente. E é precisamente essa intoxicação psiquica produzida pela mais doce das peçonhas que leva muitos homens a uma completa e irreparavel devastação interior.

Tudo depende da atitude e perspectiva, verdadeira ou falsa, que o homem assume em face da dôr.

*

* *

1. Estudemos a primeira classe de sofredores: os que foram envenenados pela dôr.

Não nos referimos a certos homens que, por ocasião de algum sofrimneto, se mostram amargos e asperos, que, sob a dolorosa vibração dos nervos torturados, se revoltam e explodem em queixas e recriminações — isto acontece a quase todos nós. Não. Falamos duma classe de homens cujo intimo ser se converteu em amargura, em revolta, em odio e rancor. Já não se trata apenas de um áto transitorio de impaciencia, mas, sim, dum habito permanente de indignação e pessimismo. Toda a alma dêsse homem se converteu

numa revolta contra o sofrimento, numa atitude de continua ofensiva e rancoroso desespero contra o mundo, contra Deus e contra si mesmo. Apagou-se na alma dêsse homem toda a luz, toda a benevolencia, toda a bondade, todo o espírito de conciliação. Anda pelo mundo de punhos cerrados, por assim dizer, rangendo os dentes, incapaz de um sorriso. Êsse homem não conhece uma hora de paz serena e alegria intima. Não quer bem a ninguem. Sempre em atitude agressiva diante de todo o sêr que dêle se aproxime. Não crê na sinceridade de ninguem. Desconfia de tudo e de todos. Todos os seus átos e pensamentos já estão pautados de antemão pela hostilidade, pelo pessimismo, pela negação.

Êsse homem intoxicado pelo sofrimento está convencido de que não existe no mundo um vestigio de bondade, de inocencia, de fidelidade. E quando alguma vez se lhe depara a inocencia em todo o seu esplendor, o amor em toda a sua beleza, personificadas quiçá numa criança encantadora ou nunma alma profundamente sincera — que faz êsse homem? Concede e reconhece tão maravilhosas realidades? Não concede nem reconhece — tolera-as apenas provisoriamente, e procura desmascarar mais essa "hipocrisia". E quando consegue "desmascará-la" — então tem um momento de prazer, de prazer satanico. Não dizia eu? — exclama triunfante — não dizia eu que tudo é maldade e hipocrisia?

Assim se torna o homem, quando envenenado pelo sofrimento. Assim se *torna* êle, porque nenhum homem nasce assim, com êsse mar negro de pessimismo dentro da alma. A alma é carta

branca. Quem nela escreve, quem lhe dá colorido, fórma a atitude, é o homem.

Que alegar em defesa dêsse sofredor?

As mais das vezes, não é êle tão culpado como muitos o julgam. E' antes uma vitima do que um perverso. E toda a vitima merece a nossa comiseração, a nossa indulgencia e, antes de tudo, a nossa caridosa compreensão. E quem sabe se não foi precisamente a falta de compreensão e de caridade que levou êsse homem a um estado de permanente rebeldia contra tudo e contra todos, contra o seu destino e contra Deus?...

Sôbre a entrada de muitas casas de correção se deveriam gravar estas palavras: Aqui vegetam ruinas humanas, que acabaram celerados, porque não encontraram compreensão...

E sobre a lousa sepulcral de muito tumulo deveriamos lançar êste epitafio: Aqui jazem os restos mortais de um homem que não encontrou caridade...

Não queremos absolver de toda a culpabilidade êsses homens intoxicados pelo sofrimento e por isso interiormente revoltados; mas tambem não podemos atribuir-lhes toda a responsabilidade do seu triste estado. Muitos daqueles que agora condenam êsses infelizes deveriam sentar-se talvez no banco dos réus...

"Quem dentre vós fôr sem pecado lance-lhes a primeira pedra"...

De resto, não é só o ambiente social, como ainda mais o ambiente biologico e fisiologico que, não raro, influe poderosamente nessa intoxicação espiritual da alma humana. Há homens que veem ao mundo com uma tara sinistra de fluidos ma-

lignos, se assim se póde dizer. Misterios da hereditariedade, dos hormonios, e sabe Deus de que outros fatores que fogem à argucia da ciência humana... Dentro das nossas veias, no interior do nosso organismo circulam, de algum modo, todas as bôas ou más qualidades dos nossos ancestrais; dentro dos globulos vermelhos do nosso sangue e das seivas do nosso corpo bradam as vozes de todo o passado da humanidade, gemem os demonios das profundezas e cantam os serafins das alturas...

Cada individuo humano, como já dissemos, é uma espécie de sintese e recapitulação de todas as gerações que o precederam. Dentro de nós falam vozes incognitas, inconcias...

São as vozes da celula germinal que nos deu existencia.

São as vozes das cavernas que nós, um dia, habitavamos, na pessôa dos nossos antepassados.

São vozes de trogloditas e antropofagos, vozes, talvez, de canibalesca ferocidade, vozes da obscura pre-história da nossa especie — e tudo isto vibra e geme, chora e rejubila no subconciente do nosso Eu ou nas torrentes rubras que sem cessar rolam em nossas veias e atuam sobre a nossa psique...

Só no dia em que conseguissemos devassar a zona noturna do subconciente poderiamos indicar a razão ultima do envenenamento que a dôr produz em tantas almas humanas.

*

* *

2. A segunda classe de homens são os que cairam esmagados e aniquilados pelo sofrimento — e é infinitamente grande êste número.

O mundo está cheio de homens que capitularam definitivamente em face da dôr, que se renderam com armas e bagagens, que sentem arrasados por completo o animo, a energia, a esperança, todo o seu poder e todo o seu querer. Vitimas duma estranha paralisia psiquica, escravos duma horrorosa obtusidade espiritual, arrastam uma existencia indizivelmente cansada e triste, indiferentes e apaticos a tudo quanto aconteça ou deixe de acontecer. Recebem com incrivel estoicismo todos os golpes da adversidade que, da manhã até à noite, chovem sôbre a sua alma insensibilizada, calejada, por assim dizer, como o lombo dum animal de carga ao furor do látego cruel.

Passam pelo mundo como sonambulos, êsses derrotados do sofrimento. Anestesiados pela dôr, narcotizados por um inferno de desilusões, caíram numa universal passividade, num como torpor, que pelo instinto de conservação lhes serve de muralha isoladora contra as torrentes de lava vomitada pelos vulcões da adversidade em torno dêles.

E dentro dessa couraça de gêlo passam a existência, numa indiferença glacial, porque esta couraça os defende, protege e isola de novos martirios...

Á vida nada mais pedem êsses derrotados; da vida nada esperam senão só a morte. A única coisa valiosa que a existencia ainda lhes póde dar é a morte, ou, como êles dizem muitas vezes, o aniquilamento, o nada; e êles invocam a morte todos os dias como sendo a grande benfeitora do homem, a única redentora do sofrimento...

E, uma vez reduzida a zero toda a potencialidade dessas almas, deixam correr tudo a bom correr, sem o menor áto de resistencia ou de re-

volta. Não, essas almas esmagadas não se revoltam contra a dôr e o destino, como as da primeira classe. Revoltar-se supõe energia, potencialidade — mas elas já não possuem uma centelha de energia, nem um resquicio de potencialidade. Por isso, nenhum sentimento de rebeldia, nenhum assomo de amargura, nenhuma atitude de defesa ou resistencia se percebe nessas almas neutralizadas e passivizadas pelo sofrimento.

E por isso não é de admirar que êsses padecentes passivos possam, às vezes, carregar por espaço de longos decenios o fardo dos seus martirios.

E, uma vez que a esses sofredores falta todo o elemento ativo, não há nêles nenhuma elaboração do sofrimento. Não sabem trabalhar, modelar, esculpir o pesado bloco que lhes caíu no meio do caminho da vida; deixam-no amorfo, bruto, intacto; não possuem a necessaria juventude e elasticidade para esculpir na materia-prima da dôr a formosa efigie da personalidade — e por isso vivem e morrem como simples individuos...

Vai-lhes morrendo aos poucos a psique sonambula, obsessionada por êsse estranho torpor, até se extinguir numa modorra apatica, inconciente ou semi-conciente letargia espiritual.

E' êste o estoicismo mortifero, que nada tem de comum com a virtude da paciencia cristã, porque lhe falta o elemento ativo e a poderosa elasticidade da alma sempre disposta a modelar no duro granito do sofrimento a efigie do Cristo na pessôa do cristão padecente...

*

* *

3. A terceira classe de homens criados pela dôr é a daqueles que saíram do mar negro do

sofrimento regenerados, sagrados, santificados.

Será grande êste número?

São tão poucos os herois... E para se sair vitorioso do cadinho da dôr é necessario ter alma de heroi.

Daqui por diante, falaremos só aos iniciados, e não aos profanos. Êsses termos são tomados dos misterios do paganismo, que conhecia profanos e iniciados. Os profanos eram a turba-multa anonima que, estacionava diante do *fanum* (templo), eram os "profanos", os "diante do templo", aos quais era vedado o ingresso. Os iniciados eram a pequena elite dos compreendedores, os que eram introduzidos nos intimos penetrais do santuario e presenciavam os mais profundos arcanos da divindade.

Quem nunca entrou no *sancta sanctorum* do sofrimento, quem nunca experimentou em si a dôr, sobretudo a dôr moral, é um profano e não compreenderá a linguagem dos iniciados; compreenderá os vocabulos, o corpo da nossa exposição, mas não a alma, o intimo quê do seu sentido real.

Falamos, pois, aos iniciados da dôr.

A dôr é um veemente apelo às forças latentes do nosso Eu. E' uma evocação das profundas reservas do subconciente para o campo de batalha do conciente.

A dôr é a pedra de toque das almas fortes — e tambem dos espiritos fracos.

Revoltar-se contra a dôr — é sinal de incompreensão.

Capitular em face da dôr — é prova de fraqueza.

Regenerar-se pela dôr — é a mais poderosa afirmação da personalidade.

A dôr é a grande escultora da personalidade humana.

Tambem pela alma dêsses homens passaram as ondas sinistras da dôr, das maguas e desilusões; mas, por uma feliz disposição, não lançaram às praias as impurezas das marés; apenas lavaram, com as salsas águas, os rochedos do litoral. Tambem nessas almas lavraram as chamas de crueis sofrimentos; mas foi um incendio benéfico que consumiu as escorias e libertou o ouro de lei — chama sagrada que arrebatou o espírito às alturas e despertou no coração do sofredor as melhores energias e os mais puros ideais.

Falamos aos iniciados...

De todo o homem purificado pela dôr e sagrado pelo sofrimento irradia um quê de indefinivel serenidade; um como halo de paz e envolvente simpatia lhe cinge de invisivel aureola a fronte...

O homem sublimado pela dôr parece até dotado dum estranho carisma, que atráe, fascina, magnetiza e inspira instintiva confiança a todas as almas que dêle se aproximam.

E' esta a vitoria integral sôbre o sofrimento, ou melhor, é esta a serena harmonia estabelecida na alma pela dôr; e é nesta harmonia que reside o mais profundo segredo da personalidade.

A experiencia amplia os horizontes na nossa vida.

A meditação e oração elevam o nivel da vida humana.

A dôr dá profundidade à alma sofredora — e sem profundidade não há personalidade perfeita.

Todos os grandes homens da história foram

grandes sofredores, heróis da dôr, genios do martirio.

O proprio Cristo, já tão grande na sua vida mortal, parece maior ainda depois do seu atroz sofrimento. Todas as suas aparições depois da Páscoa, cada uma das palavras, cada um dos átos do Cristo redivivo revelam um misterio de indefinivel encanto e serenidade — o encanto duma alma que submergiu num oceano de dôres e oprobrios e daí emergiu maior, mais serena, mais benevola, mais querida, mais leve, mais espiritualizada — se tal coisa fosse possivel na pessôa de Cristo.

E não dizia êle mesmo: Quando eu estiver suspenso na cruz atraírei tudo a mim?

Como se dissera: Quando eu tiver sofrido muito serei um iman para todas as almas, manifestarei a plenitude da minha fascinação, a culminancia da minha personalidade...

Do homem sagrado pela dôr irradia um esplendor e uma beleza sobrenatural. Esse homem é sempre uma alma grande, uma alma compreendedora, uma alma tolerante, benévola, amiga, delicada. Não odeia coisa alguma, quer bem a todas as criaturas, porque quer bem ao Criador. Não persegue nenhum ser, considera-os todos como seus irmãos, assim como Jesus de Nazaré, assim como Francisco de Assis. Não se queixa de coisa alguma, está sempre contente e satisfeito. Não costuma, talvez, dar risadas, mas a sua presença vem sempre impregnada duma atmosfera risonha. Êsse homem, quando repreende ou censura é todo caridade e compreensão; quando chora não perde a compostura; quando vivo, todos o

procuram; quando morto, todos lhe teem saudades...

E' êste o irresistivel carisma do homem sagrado pela dôr.

Com a solução do problema da dôr estaria solucionado o mais profundo enigma do universo, estaria decifrada a mais tenebrosa esfinge da vida humana.

O homem que abraça com amor o tronco aspero da cruz e sabe dizer, na plenitude duma convicção intima: Ave, cruz, única esperança! — esse homem não é um homem — é um superhomem, é um taumaturgo, é um herói, é um bem-aventurado. Esse homem dissipou a nuvem sinistra da vida, e por detrás dessa nuvem vê despontar a luz matutina de um dia sem eclipse nem ocaso...

Mas como é possivel que o mesmo sofrimento, o mesmo arcanjo de Deus, seja para alguns homens ocasião de rebeldia, para outros motivo de derrota, e para outros ainda ensejo de vitoria e de santificação espiritual?

E' devido, repetimos, à atitude e perspectiva que cada homem assume em face da dôr.

Mas, porque é que é tão diversa essa atitude e essa perspectiva?

Misterios e mais misterios...

Emudece a teologia...

Cala-se a filosofia...

Silenciam a razão e a fé...

O homem, êsse desconhecido, é um enigma para os outros — e para si mesmo...

Todo o homem, repetimos, é um microscomo, um universo por si, um mundo original, uma obra inédita, um cosmos mais vasto e mais insondavel que as regiões que para além da *via-lactea*

espraiam a incomensuravel grandeza das suas maravilhas siderais...

"Cheia de maravilhas está o mundo — a maior delas, porém, é o homem!" — exclama Sófocles.

Em vez de tentarmos baldadamente desvendar tão grande misterio, acompanhemos ao Getsemane e ao Golgota o Rei dos martires, o maior de todos os sofredores da humanidade — e lá das sangrentas alturas do Calvario contemplemos o luminoso cume do Tabor, e repitamos à nossa alma as palavras do Mestre: "Não era necessário que o Cristo sofresse tudo isto e assim entrasse na sua glória ?"

Não é, por ventura, necessário que o cristão sofra tudo isto e assim entre na sua glória ?...

Dêsde o dia em que o maior dos homens ruborizou com o sangue das suas veias as encostas do Calvario, deixou o sofrimento de ser uma sinistra fatalidade; adquiriu êle um sentido, uma razão de ser; dêsde aquela sexta-feira tecida de lagrimas e de sangue, já póde o homem sofrer com serenidade os seus Getsemanes e os seus Golgotas, na certeza de que cada uma das suas dôres e maguas o aproxima mais do seu verdadeiro destino: a perfeita personalidade aqui na terra, e a plenitude da gloria no mundo futuro.

ENCONTRO PESSOAL COM DEUS

Dêsde o inicio ardia na alma humana um grande desejo, uma saudade imensa de vêr a Deus.

Deus — o maior enigma no universo...

Deus — o problema fundamental de todo o espírito pensante...

Deus — o grande incognito da história da humanidade...

O homem subiu a todas as alturas da criação, desceu a todos os abismos do cosmos, espraiou os olhos por todas as latitudes e longitudes do universo, interrogou todas as pulcritudes da natureza á procura de Deus, em busca dum vestigio da Divindade...

E no termo final de todos os seus esforços surgia sempre a grande esfinge — o Deus desconhecido, que Paulo de Tarso deparou nas ruas de Atenas...

Parece tão facil o conhecimento de Deus, pois que todo o mundo nos fala de Deus.

"Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as maravilhas das suas mãos". (Davi).

Com efeito, Deus está dentro ou por detrás de todos os fenomenos da natureza e todos os acontecimentos da história — está no incessante vai-vem dos mares e no sussurro da viração; está nos fulgores do sol, no argenteo clarão da lua e no discreto cintilar das estrelas da meia-noite; Deus está nas belezas da flora e na imensa variedade da fauna. E o homem, não é êle, por ventura, uma imagem e semelhança de Deus? E não falam os homens em Deus, dia por dia? Deus fez isto, Deus fez aquilo?... A criança no colo da mãe, ouve falar em Deus; o aluno da escola primaria sabe de cor a definição da divindade...

E, no entanto, é Deus um misterio insondavel, um tenebroso inigma, um eterno ponto de interrogação, a dolorosa incognita da vida de todo o homem que pensa e raciocina...

O "agnostós Theós" que Paulo encontrou em plena metropole da filosofia e da arte...

Os homens falam sem cessar em Deus — e êste proprio "falar em Deus" parece um obice que nos impede de chegarmos a um conhecimento mais nitido da sua natureza. Estamos tão habituados a pronunciar êste pequenino vocabulo que o empregamos como uma coisa evidente e sem necessidade de explicação.

De tanto "falar em Deus" ignoramos a Deus...

Para milhares de homens, é Deus uma *palavra*, um grupo de letras,, um monossilabo — e nada mais. Por detrás dêsse complexo arbitrario de sinais alfabeticos nada existe, abrem-se os abismos do vacuo, ou, pelo menos, não se concebe para além dessas letras uma realidade definida...

Para outros, e muitissimos, não passa Deus de um *conceito*, uma concepção filosofica, uma especulação teologica, uma criação metafisica — em todo o caso, um simples conceito, uma idéia, uma abstração. Dêsde os anos tranquilos do lar, dêsde o tempo do colégio, familiarizaram-se êles com esse Deus-idéia e transmitiram-no aos outros. Proferir e repetir esta palavra sagrada, pensar com devoção nessa abstração metafisica — é o que êles apelidam "religião".

Para outros ainda é Deus algo de mais concreto. Não é apenas uma palavra ou um pensamento — é uma *coisa* sagrada, uma espécie de templo, de sacrario. Diante dêste Deus-coisa prostram-se êles de joelhos, acendem velas, murmuram as suas preces. Deus é um objeto sagrado, que não se deve profanar.

Palavra, conceito, coisa — eis o que é Deus para a maior parte da humanidade.

Os que assim pensam não se acham propriamente fóra do caminho da salvação; pois teem a vontade séria de servir a Deus. Mas ignoram a alma da religião e perdem o melhor da sua vida. Êsses homens piedosos não penetraram ainda até à verdade das verdades, não fizeram ainda a inefaved descoberta do *Deus-pessôa*.

Ai dêsses homens quando se virem jogados ao turbilhão da vida e das paixões! Quem poderia amar com bastante veemencia uma palavra, um conceito, uma coisa para resistir a êsse mundo de seduções e delicias que os rodeia? Milhares de jovens sáem anualmente dos colégios sem terem sentido a necessidade de amar um Deus-pessôa, porque não o conhecem...

Esses homens quando praticam a religião, praticam-na por *dever*, e não por *querer*. A religião é para êles um imperativo categorico, e não uma suave necessidade. Ouviram as trombetas do Sinai a proclamar a lei do rigor, mas não perceberam as vozes de Sion a cantar o hino do amor.

Para esses homens que não entraram num contato pessoal com Deus, é a Divindade algo de vago, de longinquo, do aereo, de impessoal. E, por mais concretos e molestos que, por vezes, se façam sentir os mandamentos desse Deus, êle mesmo fica distante dos homens, para além das nuvens e de todos os horizontes... Deus é para êles um como vulcão, bastante longe para o podermos admirar sem lhe temer as perigosas labaredas...

Para os adeptos dum Deus vago e impessoal, é a divindade uma especie de refugio de ignorancia; o que não se póde explicar racionalmente, isto se liquida com a frase geral: E' porque Deus assim o quis...

Deus é para êles um nevoeiro espesso dentro do qual desaparecem os contornos de todas as coisas definiveis...

Existe ainda uma quarta e numerosissima categoria de cultores de Deus; compõe-se da multidão imensa daqueles que consideram a Deus como um *vizinho prestimoso*, um bom camarada ao qual se recorre em todas as necesidades. Quando se está em apuros, com doenças em casa, com pouca sorte nos negocios, reza-se a Deus para êle ajudar; fazem-se promessas e negociatas com êle. Mas quando tudo corre bem, êsses homens se esquecem de Deus — porque já não precisam dêle...

Deus é para êles apenas um advogado para casos extremos e recursos de ultima hora.

Nenhum desses homens descobriu ainda o maravilhoso cosmos da divina personalidade. Da religião lhes falta precisamente a face mais bela e encantadora. E enquanto não penetrarem até a presença real da divina personalidade ignorarão a alma da religião. Enquanto o homem gira apenas nessa periferia do mundo espiritual, na zona longinqua do Deus-palavra, do Deus-conceito, do Deus-coisa ou do Deus-advogado, enquanto não consegue um encontro pessoal com a Divindade — se acha em face do "Deus desconhecido" da primitiva religiosidade ateniense... Pódem êsses homens revestir-se de Deus como dum trajo festivo para horas de elevação espiritual, mas não gozarão jamais dessa jubilosa realidade, dessa verdade, desse amor, dessa beatitude da alma iniciada no misterio do Deus-pessoa.

Para o iniciado, para o iluminado, para o ciente, para a alma que experimentou, viveu e sofreu a Deus, é Deus algo de grande e de suave ao mesmo tempo — tão grande e tão suave que ao lado dêle desmaiam todas as grandezas e azedam todas as suavidades da terra.

E, o que póde parecer absurdo e paradoxal, no momento em que o homem transpõe o limiar da Divindade, no momento em que êle, de inciente se torna ciente, de profano se torna iniciado, de cégo se torna vidente — neste momento principia para o homem um periodo de indescritivel sofrimento; o sofrimento por Deus, a tortura do infinito, a angustiante inquietação da eternidade...

Tomba Saulo às portas de Damasco... No meio das trevas que lhe inundam os olhos resplan-

dece uma luz estranha no seu espirito; e uma voz do alto brada ao novel iniciado na espiritualidade divina: "Eu lhe mostrarei quanto lhe importa padecer por meu nome"....

Mal chegou a compreender e a amar — e já principia o misterio do sofrimento.

Quanto mais se compreende mais se sofre...

Quanto mais se ama mais se padece...

O sofrer está sempre na razão diréta do compreender e do querer...

O ignorante é relativamente feliz — quase tão feliz como a criança ou como o inquilino do manicomio...

Fica preservado dêsse martirio o homem que não pensa ou se limita a encampar passivamente opiniões alheias...

Da alma iniciada, porém, da alma ciente e amante apodera-se logo uma tortura atroz, uma nostalgia imensa, uma inquietação inexplicavel — e êsse estado encerra, inumeras perguntas sem resposta, inumeros problemas sem solução, inumeros brados sem éco...

Pensar é sofrer...

Amar é sofrer muito...

Não mencionam os Evangelhos com palavra alguma que Jesus tenha rido ou sorrido; mas falam repetidas vezes das lagrimas e do pranto do Mestre.

Tão grande era o compreender de Jesus, tão profundo o seu querer que atualizava em sofrimento toda a potencialidade de sua alma; não sobrou espaço para o riso, nem mesmo para o sorriso, porque todo aquele universo interior do Nazareno estava tomado pela aurora da compreensão, pelo meio-dia do amôr e pela meia-noite da dôr...

Quanto mais o homem mergulha nas profundezas da Divindade, quanto mais intimo se torna o seu contato pessoal com Deus — tanto mais receia êle por si e por Deus. A alma que teve a inefavel revelação da personalidade divina receia dia e dia pela pureza, pela integridade dêsse paraiso; receia que possa alguma sombra vir empanar o brilho da celeste visão; receia que alguma nodoa lhe embacie a pureza, que alguma irreverencia lhe profane a santidade... E, mais ainda, teme esse homem por si mesmo, pela sua inconstancia, infidelidade, insuficiencia... Não tem confiança em si... Pergunta, ansioso e desconfiado, como os discipulos no Cenaculo: "Mestre. sou eu que te vou atraiçoar?... sou eu?..."

E mesmo no caso feliz que a alma, ciente e amante, tivesse plena certeza da sua fidelidade e perseverança no amor de Deus, não deixaria contudo de sofrer horrorosamente à vista da sua indignidade, da sua mesquinhez, da sua onimoda insuficiencia, da sua vergonhosa nulidade...

Pois, em face da Onipotencia, toda a potencia é impotencia...

Em face da Oniciencia, toda a ciencia é ignorancia...

Em face da infinita Santidade, toda a virtude humana é abjeção e vaidade...

Quanto mais o homem se aproxima da luz, maiores e mais espessas se tornam as sombras projetadas por seu proprio Ser — e mais nitidamente aparecem tambem, à intensidade dos fulgores divinos, os menores atomos na atmosfera da imperfeição humana...

E tudo isto é fonte de sofrimento profundo...

Quando então a alma, por um instante, desprende os olhos da fulgurante Divindade, cravando-os na sua miseria humana — sente-se transida de tamanha vergonha e confusão que anseia por voltar ao nada, para não suportar por mais tempo o horroroso paralelo entre a beleza e a fealdade, entre a santidade e a impureza, entre a Onipotencia e a impotencia — entre o tudo e o nada...

Mas, como não póde voltar ao nada físico, refugia-se ao nada moral — e êste nada chama-se sofrimento...

Todo o homem tem a instintiva impressão de que o gozo mancha, e a dôr purifica. Por isso é que os grandes compreendedores de si mesmos e os grandes amadores de Deus teem a misteriosa volupia do sofrimento, chegando ao ponto de gozar o sofrimento e sofrer o gozo. Destarte, parece diminuir-se o espaço entre a imperfeição da criatura e a perfeição do Criador.

Assim se explica que todo o espirito pensante e toda a alma amante trazem dentro de si um Getsemane de angustias e um Golgota de tormentos.

Compreender, querer e sofrer — não é possivel, na vida presente, separar essa misteriosa trindade psiquica.

E tudo isto provém do encontro pessoal com Deus.

* * *

Entretanto, não nos iludamos. Êste martirio é um manancial de inefaveis delicias. E' tão delicioso êsse sofrimento oriundo da compreensão e do amor que nenhuma alma, ciente e iniciada

nesse misterio, quisera trocar essa dôr por todos os prazeres do mundo.

E' a sapientissima loucura da cruz, de que fala um dos maiores sofredores da humanidade, Paulo de Tarso.

Para a alma que compreende, quer e sofre, tudo é facil e deleitavel. Não anda — corre, vôa...

Há uma diferença quase infinita entre o homem de piedade comum, que recorre a Deus em suas necessidades — e essas almas superiores que se banham silenciosamente no oceano da Divindade, num feliz abandono à vontade suprema.

Toda a beatitude destas almas está na convicção intima: "Pai nosso, que estás no céu"...

E no desejo intenso: "Santificado seja o teu nome"...

E na ardente suplica: "Venha a nós o teu reino"...

E no completo abandono do pequenino Eu humano ao grande Tu divino: "Seja feita a tua vontade"...

Quando Deus lhes manda consolações, não é a consolação que as alegra, mas, sim, a bondade do consolador.

Quando Deus lhes manda sofrimentos, esquecem-se das dôres e se deliciam no pensamento: E' presente dêle...

No carater dessas almas que se encontraram pessoalmente com Deus nada há de veemente, de desabrido, de patético; tudo é leve, gracioso, natural, espontaneo como a luz do sol, êsse sol que ilumina universos e não produz o mais leve ruído ao penetrar pelas vidraças duma janela. Agem com um vigor suave, com uma dinamica

discreta, com uma energia divinamente carinhosa.

Essas almas são necessariamente um paradoxo e uma esfinge para os incientes e os profanos: sofrem gozando, coisa contraria a todos os ditames da filosofia mundana.

São felizes e infelizes ao mesmo tempo.

No meio da sua inquietação vivem em perene quietude.

Descansam em Deus, mas não teem um momento de sossego.

Possuem a Deus, mas forcejam sem cessar por conquistá-lo.

Deus é para êles uma luz intensa, mas não deixa de lhes ser uma noite escura.

Deus é a sua maior delicia — e o seu maior tormento.

Sabem que Deus está com êles — mas procuram-no dia e noite.

São estas as almas que se encontraram pessoalmente com Deus.

Tambem elas temem a Deus, mas não como o comum dos homens, que teem medo do inferno ou dos castigos de Deus. Não temem a Deus como o escravo teme a seu senhor; nem assim como o cão teme o azorrague de seu dono.

A alma ciente e iniciada teme a Deus, porque receia ser indigna dele e não corresponder com a sua humana mesquinhez à excelsa grandeza da Divindade.

No dia e na hora em que o homem se encontra pessoalmente com Deus começa êle a viver para o mundo das realidades espirituais e encontra neste mundo o paraiso perdido...

CRENTES E DESCRENTES

E' esta a mais antiga, a mais completa, e, talvez a mais tragica, das divisões que fazemos da humanidade: crentes e descrentes.

Divisão regada de lagrimas e alagada de sangue. Desde o principio, tem havido guerras de religião, guerra dos "fieis" contra os "infieis", guerra dos "crentes" contra os "descrentes" — e foram sempre estas as guerras mais crueis e deshumanas: guerras empreendidas em nome da religião, em defesa da religião, por amor à religião — coisa estranha e paradoxal!

E, embora nem sempre haja derramamento de sangue, não menos crueis que as guerras dos corpos são as guerras das almas.

Em todos os seculos da história, os crentes odiaram os descrentes, ao passo que os infieis desprezaram os fieis. Os crentes sempre se tiveram em conta de homens *melhores*, enquanto os descrentes se consideraram como os mais *inteligentes*.

Ilusão de parte a parte!

O simples fato de se darem uns por crentes, e outros por descrentes, envolve muitas vezes um erro fatal. Pois acontece, não raro, que o

"crente" nada possua do santo idealismo da fé — como tambem sucede que o "descrente" se incompreenda a si mesmo e não enxergue a lampada sagrada que arde no santuario do seu coração.

*
* *

Quem são, propriamente, os *crentes?* e porque é que lhes damos este belo titulo?

Parece evidente, à primeira vista, que os crentes são os que creem, os adeptos de uma determinada confissão religiosa, isto é, os homens que dão resposta afirmativa às questões supremas da vida: Deus, mundo, tempo, eternidade.

Em sentido estrito, chamamos crentes sómente aqueles que se curvam à palavra divina explicita, os que tomam atitude positiva, os que respondem com um claro "sim" à revelação de Deus.

Mas, em sentido mais largo, costumamos chamar crentes a todos aqueles homens que admitem a existencia de Deus, do espirito e da eternidade. E fazemos bem. Porque no meio das trevas do materialismo hodierno saudamos, jubilosos e alviçareiros, toda e qualquer centelha de espiritualismo que, porventura, vislumbremos na alma de um semelhante. E' com razão que incluimos tambem esses no rol dos crentes; porque tanto nestes como naqueles vive, com maior ou menor intensidade, o mesmo espirito, a mesma disposição propicia para o eterno, para o além, para os horizontes longinquos, para tudo que é santo e bom — para Deus. Todo o crente é um homem cuja alma é dotada dum misterioso heliotropismo, que tateia em derredor e adivinha

algo de luminoso e espiritual para além do acanhado ambito das coisas materiais; o crente é uma alma insatisfeita com o que é tangivel e palpavel; uma alma acometida duma estranha inquietação, que não encontra sossego senão em Deus; o crente é um espirito possuido dessa santa loucura de não querer encontrar no comer e beber, no reinar e gozar, a razão de ser da sua existencia.

Onde quer que se encontre uma alma dessas, ferida duma santa inquietação psiquica. duma fome e sêde interior, aí estão abertas as portas para a fé num Deus revelador. Essa alma, mesmo que se diga descrente, está com os olhos muito abertos, fitos no horizonte, à espera da "luz do mundo"; está com todas as antenas armadas e estendidas no ar, na ansiosa expectativa duma onda divina; está com a respiração suspensa, a escutar intensamente, para não perder a mais leve vibração sonora que, porventura, venha das incognitas alturas do universo e lhe traga noticias do "Deus desconhecido"...

Essa alma, embora descrente a seus proprios olhos, é profundamente crente, mesmo antes que Deus lhe fale.

Por outro lado, muitos daqueles que reclamam o belo nome de crentes, são intimamente incredulos; porque a sua fé não é senão um assentimento a contra-gosto; é um "sim" quase extorquido a força, quando não é uma simples repetição mecanica do que ouviram nas aulas de catecismo ou do alto do pulpito. O que os obriga a crer, a esses pseudo-crentes, é a lugubre perspectiva da morte, é o misterio da eternidade, é o terror do inferno. Bem quiseram não crer; mas... enfim... não sabe... Sempre é possivel que depois da

morte haja qualquer coisa — e a gente deve andar prevenida... Por isso, é necessario crer... Verdade é que a vida seria mais bela e o mundo mais delicioso se não fosse preciso crer numa vida futura e num Deus retribuidor...

E' assás numerosa essa categoria de crentes de má vontade. Quando então se lhes apresenta uma duvida contra a fé; quando algum filosofo apregoa ter descoberto um argumento contra a fé, ou quando alguma pessôa oficialmente católica renega praticamente o seu catolicismo — que faz então êsse semi-crente ou pseudo-crente? Sauda jubiloso a duvida, como um precioso aliado, na esperança de se libertar quanto antes do jugo da fé. Quem sabe se a fé não está em conflito com a ciencia?... se não passa duma ilusão do sentimento?... ou então uma especulação interesseira de sacerdotes?...

Homens dessa categoria, ainda que oficialmente crentes e adeptos duma religiosidade classica, não podem fazer jus ao titulo de crentes, porque lhes falta a alma da fé, aquela nostalgia do espirito, aquele silencioso clamor, aquela ansiosa expectativa, aquele impaciente interrogar dos horizontes, falta-lhes todo aquele caracteristico pendor da alma crente, que só conhece um temor: o de não poder talvez crer, de não ser digna da fé; ao passo que o pseudo-crente vive sempre atormentado pelo pensamento de ser obrigado a crer.

Tanto a este como áquele pode sobrevir-lhes uma duvida em torno da fé — mas quão grande é a diferença entre a atitude do crente espontaneo e a do crente a contra-gosto! Quando ao espirito sincero surge algum enigma, uma penumbra, uma escuridão, logo êle teme e treme pela sorte da

sua lampada sagrada, da sua querida luzinha bruxoleante; ampara-a solicito no meio da ventania, e, quando os sinistros vendavais lha arrebatarem, corre-lhe no encalço, procurando, inquirindo, orando...

Mas, quando a duvida bate à porta do homem que crê por medo e a contragosto, logo êle a convida a entrar em sua alma, hopeda-a, agasalha-a, esconde-se por detrás dela como duma barreira que o defenda de Deus e da propria conciencia insatisfeita... O pseudo-crente ama a duvida como uma aliada contra Deus, como uma libertadora do pesadelo da fé, como um caminho aberto por onde fugir a Deus, cujo passo julga perceber no deserto... Oxalá, fosse apenas uma ilusão! pensa consigo mesmo...

O verdadeiro crente, porém, receia a duvida como uma nuvem que lhe tolhe a luz do sol, o semblante do amigo querido.

Um e outro tem as suas duvidas, porque as verdades da fé não são verdades matematicas — mas qual a duvida pecaminosa: esta ou aquela?

* * *

De resto, mesmo entre os crentes sinceros existem grandes divergencias.

Antes de tudo, não é indiferente o *objeto*, e o *ambito* da nossa fé.

Que é que crês? qual o conteudo da tua fé? São apenas os teus pobres pensamentos humanos? o teu conhecimento pessoal sobre os misterios do mundo invisivel? conhecimentos corroborados quiçá pela sentença de algum filosofo, ao qual confiaste o destino da tua alma?...

Ou será que êsse mundo invisivel e eterno penetrou em tua alma com a sua estupenda realidade espiritual?

Não é, de forma alguma, indiferente o objeto e o ambito da tua fé.

O homem que só atinge as realidades espirituais iluminado apenas pela luz da sua razão individual, ou pela razão de seus semelhantes, é como um desses vagalumes das nossas noites d'estio, que com as lanternas fosforeas da sua cabecinha aclaram precariamente um restrito circulo na imensa escuridão da noite — ao passo que os que conhecem o mundo da revelação divina contemplam, à luz meridiana, um imenso cosmos de maravilhas e grandezas, que jamais refletiram na retina da razão um vislumbre sequer da sua poderosa realidade.

Aqueles passam a vida a bater em portas fechadas, ou quiçá em rochedos estereis, para além dos quais se escancaram os abismos do nada — êstes, os pleni-crentes, se veem circundados dum oceano de luz, dum universo de grandiosas realidades, que sobrepujam e eclipsam todas as realidades da ordem natural.

O crente cuja fé coincide com o extremo limite da ordem natural, ou dum mundo imaginario, se diferencia do homem que abraça em cheio a revelação sobrenatural assim como o sonambulo se distingue do homem em estado vigil. E' preferivel um passo real do homem acordado a mil passos imaginarios do sonhador; há mais valor e maior beleza no caír real duma criança do que no correr ou voar ilusorio dum pobre sonambulo.

O verdadeiro crente não se satisfaz com uma fé puramente teorica. Cedo ou tarde, a verdade, a amplitude, a beleza do seu mundo de idéias e

ideais virá refletir-se sobre os caminhos da sua vida, não tardará a cigir-se dum como halo de celeste poesia.

Sabemos que há só uma fé, que essa fé vem da realidade e vai para a realidade. Quem nos trouxe esta fé era, êle mesmo, a suprema culminancia da realidade; nêle tudo era "sim", e não existia nêle o "não", como diz genialmente Paulo de Tarso; ou, como escreve João Evangelista, era êle o Verbo eterno que no principio estava com Deus e que era o proprio Deus.

A realidade desvendada pela fé é um mundo de incomensuravel grandeza; é o mundo do Pai, do Filho e do Espirito Santo; é o mundo da justiça e da misericordia; o mundo da verdade e da vida; o mundo do amor e da graça; o mundo da mangedoura e do cenáculo; o mundo do Getsemane e do Golgota — é o mundo de Jesus e dos seus santos.

E é deste mundo tão luminoso e tão vasto que o crente deve receber um reflexo visivel que o assinale como "filho da luz". Deve o mundo ver no crente e nos seus átos que êle não anda no erro, nas trevas, na negação, no pessimismo, no odio, na inimizade, mas, sim, no luminoso universo do amor e da benevolencia, da paz e da alegria do espirito.

O crente por excelencia e em sentido proprio é somente aquele que modelou a sua vida à imagem e semelhança da sua fé; o homem que, à luz serena da fé, se tornou intimamente bom, puro, grande, sincero, rico, alegre, profundamente feliz.

O homem que chegou a encarnar na sua vida cotidiana o mundo espiritual da sua fé entra num ambiente de perfeita paz e tranquilidade interior.

O homem que ainda procura defender-se contra alguem ou contra alguma coisa; o homem que espera milagres, visões, extasis, arrebatamentos, lagrimas, êsse não penetrou ainda nas regiões da perfeita serenidade espiritual. O homem que forceja por suprimir ou eliminar parte do seu ser — o corpo, a sensibilidade, o tempo, a alegria, a sociedade — dá a entender que ainda não se identificou cabalmente com o ambiente da sua fé, não chegou ainda a um estado de completa vigilia, por sinal que ainda esvoaçam sonhos e fantasmas pela atmosfera crepuscular da sua espiritualidade. O homem que cerra os olhos ao que é natural e cotidiano, que se defende convulsivamente contra alguma realidade, por mais banal e prosaica que ela seja, esse ainda não atingiu a plenitude duma fé perfeitamente vigil e pleni-conciente.

Entre esses semi-crentes ou esses crentes que ainda receiam pela sorte da sua fé encontram-se muitos homens que odeiam os chamados descrentes; mas o seu odio é antes um sentimento de medo, de incerteza, de desconfiança na propria fé do que uma carinhosa solicitude pela salvação dos outros; procuram compensar, conciente ou inconcientemente, por meio duma atitude violentamente polemica e agressiva a fraqueza de que se ressente a sua fé. Procedem como certas crianças ingenuas e medrosas que, quando teem de atravessar uma floresta solitaria ou "mal-assombrada", cantam ou conversam em voz alta consigo mesmas, afim de iludir com aparencias de coragem a realidade da sua covardia.

O pleni-crente, na posse tranquila da sua fé, se é apologista da sua convicção, não chega a ser polemista violento das opiniões alheias. A sua fé assemelha-se à luz solar, que realiza no universo as mais estupendas maravilhas de vida e de harmonia, mas não causa o menor ruido, ao passo que as labaredas impetuosas de um incendio devoram, arrasam e destroem fragorosamente tudo quanto encontram, deixando um lençol e cinzas como vestigio da sua passagem.

Os homens para os quais o mundo espiritual chegou a ser palpavel realidade e parte integrante da sua vida cotidiana, não adoram criatura alguma, como Herodes; nem desprezam coisa alguma, como João Batista; mas querem bem a todos os seres, como Jesus Cristo.

Não abusam nem recusam — usam tranquilamente dos bens terrenos.

Tambem entre os chamados incredulos se distinguem numerosas categorias.

Convem notar, antes de tudo, que não consta da existencia de verdadeiros incredulos. E' assás duvidoso se de fato existe, ou existiu jamais, um homem realmente incredulo, um homem que nunca se tenha preocupado seriamente com o problema da vida, e, sobretudo, com o misterio da morte e seu possivel epilogo; um homem que gozasse apenas o momento presente, comendo, bebendo, rindo, folgando, à guisa do animal, cuja filosofia não ultrapassa o extremo limite da mangedoura repleta. Verdade é que nos jardins de infancia, como tambem em certos institutos de psicopatas e tarados encontramos homens dessa categoria; mas a esses não os podemos interrogar

a respeito da sua crença ou descrença, porque são antes ruinas humanas ou meios-homens do que homens completos e normais.

Pergunta-se se o homem perfeito e normal, em pleno gozo das suas faculdades fisicas e mentais, póde viver como simples irracional.

Não parece admissivel.

O proprio ricaço sibarita de que nos fala o Evangelho e que "foi supultado no inferno", não era propriamente incredulo. De vez em quando, entre um e outro banquete, meditava esse profano gozador nas palavras de "Moisés e dos profetas" e pensava na misteriosa porta que, cedo ou tarde, poria termo à sua vida de orgias e bacanais. Que haveria para além dessa porta sinistra? cismava êle e como que pressentia o gelido pavor que lhe causaria o retorno de um defunto das silenciosas regiões do além; e achava de salutar efeito, para seus parentes de sangue e de espirito, o aparecimento de uma dessas almas desencarnadas, que, certamente, levaria a melhores sentimentos seus "cinco irmãos" feitos à sua imagem e semelhança.

Esse homem, como se vê, não era incredulo. E os seus amigos e discipulos são milhares e milhões, sobretudo no presente seculo.

"Incredulos" costumamos chamar geralmente aqueles que não admitem a existencia de um Deus vivo e pessoal, e, portanto, negam tambem a revelação por Jesus Cristo, seu Filho, e a missão divina da sua Igreja.

Não nos compete proferir sentença sobre esses homens — Deus é que os conhece — e é quanto basta.

Queremos tão sómente discriminar e estudar, à luz da psicologia, algumas classes de chamados "incredulos".

E logo se nos depara uma categoria assás visível e audivel de "descrentes", um tanto pueris, que teem em conta de "ciencia" ou de "emancipação intelectual" o seu decantado ceticismo; servem-se desse fogo de artificio para iluminar a sua propria personalidade, que sem isto não lhes pareceria suficientemente visivel aos olhos da humanidade. "Crente" lhes parece sinonimo de ignorante, plebeu, vulgar, ao passo que "descrente" se lhes afigura como sinal de distinção e de aristocracia intelectual.

Esses homens não merecem propriamente o qualificativo de incredulos; são em geral uns megalomanos e simplorios, razão por que os vamos deixar em paz.

Existe outra classe de "incredulos" que parecem possuidos de um verdadeiro demonio de odio. A sua descrença é antes de ordem moral que intelectual; odeiam satanicamente a fé, mas, a exemplo de Satan, creem e tremem... Enquanto não conseguirmos devassar as tenebrosas regiões do subconciente desses incredulos não nos será possivel definir o carater real do seu estado — e o subconciente é um grande misterio e fonte perene de estranhas surpresas...

Entretanto, a imensa maioria dos que negam ou põem em duvida a existencia dum Deus pessoal, um Cristo ou uma Igreja divinamente fundada não tem conciencia nitida dos motivos da sua negação ou do seu ceticismo. Educação, am-

biente, leituras, trabalhos exhaustivos, falta de tempo para um estudo serio, exemplos tristes presenciados na vida, e outros fatores acabaram por lançar esses homens num estado de indiferentismo, de torpor ou desanimo em face das coisas espirituais e eternas. Esses descrentes teem apenas uma semelhança externa, mas não interna, com os incredulos propriamente ditos, aqueles a quem falta o senso pelos problemas do espirito e da eternidade.

Encontramos, não raro, nesses não-cristãos, uma tocante beleza espiritual, uma grande sinceridade no meio do seu "paganismo", uma delicada receptividade psiquica e, às vezes, um intenso amor — a quem? — ao "Deus desconhecido", àquele "agnostos Theós" que Paulo de Tarso encontrou em pleno paganismo ateniense. Esses "incredulos" não ousam crer nesse Deus, não se atrevem a conceder a realidade da sua fé; mas estão repletos duma santa reverencia em face dos vestigios de Deus esparsos na obra da Natureza e na historia da humanidade. Esses "incredulos" revelam, por vezes, uma conciencia sumamente delicada diante da verdade e do bem; a sua vida psiquica anda sempre de luto, enflorada da crepe duma insatisfeita nostalgia causada pelas trevas ou penumbras que lhes ocultam o semblante daquele que procuram com todas as veras da alma, mas que julgam não poder encontrar jamais.

E porque não o encontram? porque não seguem o exemplo de seus semelhantes e professam corajosamente a fé em Deus e no mundo espiritual ?

Dificil responder... Dificil indicar a razão exata dessa sua hesitação. Parece que os retem

um secreto receio, um indefinivel acanhamento, uma excessiva escrupulosidade, que os impede de professar o que não lhes brote, claro e nitido, da alma; querem de Deus e da eternidade uma demonstração matematica; em vez duma certeza moral, pretendem uma evidencia intuitiva, que não existe. São uma especie de "crentes envergonhados", e o pouco que deles acabamos de dizer seja talvez demais para a sua modestia e retraimento. Amemo-los em silencio e imitemos a profunda reverência que esses "incredulos" teem a tudo o que é santo e nobre. Não estão longe do reino de Deus...

*

* *

Resta falar duma classe de "incredulos" que nada tem de incredulidade e bem poderiam dizer com o pai do menino lunatico, no Evangelho: "Eu creio, Senhor — ajuda a minha incredulidade". Entre os santos houve não poucos desses incredulos crentes. São almas profundamente sinceras, dotadas duma extraordinaria sensibilidade psiquica, duma quase hiperestesia etica, mas que vivem privadas daquele suave "sentimento da fé", daquela deliciosa consolação espiritual com que outros homens banqueteiam a sua alma. Ouvem falar de Deus — e ficam frios. Esse frio não é talvez outra coisa senão a neve que circunda o cume de um vulcão; mas êles apelidam "descrença" a essa dolorosa frialdade interior... Enquanto outros ardem em santo entusiasmo, se abrasam em chamas de amor, encontram na Eucaristia um manancial de doçuras, e na liturgía uma epopéia de belezas — esses "incredulos" só experimentam

tédio e aridez espiritual em tudo, e, quando acompanham átos religiosos, sáem com o espírito vazio e o coração amortalhado de frieza...

Sentem-se quase sempre infinitamente cansados e desiludidos nos seus mais sublimes ideais. Contemplam luminosas culminancias, mas sabem que medeia uma distancia invencivel entre a planicie e as alturas, entre o fulgurante ideal e a cinzenta realidade...

Para esses homens pseudo-incredulos, Deus é um tormento e a religião é um doloroso misterio; pensar nessas coisas é ferir profundamente o proprio ser; trazem a alma numa chaga viva permanente; o mais ligeiro contato com a realidade a faz estremecer de dôr; e por isso, impelidos por um tal ou qual instinto de conservação propria, deitam cinzas sobre a brasa viva do seu sofrimento espiritual — e a essa camada de cinzas frias é que êles chamam a sua "incredulidade"...

Deus, certamente, sorri complacentemente ao "paganismo" desses seus filhos "incredulos", e, quando um dia com êle se encontrarem na visão beatifica, verificarão com imensa surpresa que estava com êles a vida inteira esse Deus ignoto...

O que lhes falta, a esses pseudo-incredulos, não é senão o sentimento vigoroso da fé, a doce e conciente certeza de crerem, certeza que a outros anima e leva, às vezes, a um quase orgulho espiritual. E' possivel mesmo que muitos desses ultimos, concientemente crentes, tenham menos fé do que aqueles, aparentemente incredulos. Peregrinamos, por ora, em "lugar caliginoso", por entre névoas crepusculares, e a pobre lanterna das nossas convicções espirituais se acha em luta continua

com os gelidos vendavais que a noite do materialismo circumjacente arroja sobre nossa alma. Dia a dia andamos amparando solicitamente, com ambas as mãos, a luzinha bruxoleante da nossa fé, com medo de que se extinga e nos deixe entregues à noite lugubre da negação ou da dubitação universal.

E' necessario grande cabedal de energia espiritual para crer. A fé é a academia dos espiritos fortes. A fé é um salto mortal para além do horizonte das experiencias pessoais. Confiado na palavra de Deus, o crente arrisca este passo audaz, que à razão natural póde parecer um salto mortal para a escuridão e o vacuo, mas onde a fé encontra oceanos de claridade e a plenitude de todas as realidades.

E' tão grande o heroismo da fé que Jesus Cristo declarou onipotente a alma que crê: "tudo é possivel a quem crê". Mais ainda, fez depender da fé o eterno e irrevogavel destino do homem: "Quem crer será salvo — e quem não crer será condenado".

HARMONIA ESPIRITUAL DA HUMANIDADE

Quanto mais vasta é a experiencia do homem; quanto mais profunda a sua filosofia; quanto mais acendrada a sua fé; quanto mais isenta de egoismo a sua caridade — tanto mais se convence êle da idéia duma suprema unidade espiritual do genero humano, especie de religiosidade universal que coaduna e sincroniza numa suprema e perfeita harmonia todas as dissonancias e contrastes que separam os diversos povos e, não raro, os individuos da mesma família.

O homem, nos seus momentos mais puros, na sua concentração mais intima, adivinha, por detrás dessa dolorosa multiplicidade espiritual e religiosa, algo de absoluto, de permanente, de comum a todos os povos e todos os homens.

O homem que crê num só Deus não pode deixar de crer numa só humanidade, num só destino comum, em uma unica redenção universal, em uma só igreja, cujos limites coincidam com os limites da propria humanidade.

Para o homem de vistas estreitas, é a igreja esta ou aquela matriz, esta ou aquela catedral, este ou aquele santuario.

Para outros, mais eruditos, é a igreja do oriente ou do ocidente, a igreja latina ou grega, a igreja catolica ou anglicana.

Mas para o homem que, na sua jornada ascensional, saíu dos nevoeiros das baixadas e atingiu o luminoso cume da montanha, é incomparavelmente mais vasto o horizonte da espiritualidade e da religião; êle contempla, numa grandiosa visão panoramica, a igreja dos seculos, a igreja universal, a igreja mundial, a igreja da humanidade, a igreja de todo o preterito e de todo o futuro da humanidade, a igreja dos mortais e dos imortais — a unica igreja de Deus.

Para o homem chegado à plenitude da sua evolução intelectual e religiosa, pertencem à igreja de Deus todas as almas que procuram e sofrem, que oram e amam, que sentem a nostalgia da Verdade e do Bem. Não é possivel um homem ser intimamente religioso e esquecer-se da humanidade universal.

Entretanto, é dificil atingir essas serenas alturas e contemplar esse panorama da unidade religiosa do genero humano. A historia parece desmentir essa unidade. Há no mundo milhares de religiões diversas, que não se entendem umas as outras, que se combatem e guerreiam, que procuram exterminar-se mutuamente, religiões que se odeiam com odio de morte — e isto precisamente por motivos religiosos...

O pior inimigo da Religião são as religiões.

Que admira que muitos homens, e dos melhores e mais sinceros, vivam à margem das religiões e igrejas visiveis e particulares e só professem, em solidão e silencio, uma igreja invisivel e universal? Pois se cada uma dessas mil e uma

igrejas afirma e protesta ser ela a unica verdadeira igreja de Deus, fora da qual não há salvação? se cada uma delas está convencida da verdade do seu credo, como está convencida da falsidade de todos os outros credos?

Há quem evite pensamentos destes como "tentações do demonio", como "pecados contra a fé". E' necessario, dizem êles, fechar os olhos e crer incondicionalmente.

Mas nem todos os homens conseguem essa fé céga e incondicional. A maior parte dos homens quer pensar para crer; não admite o procedimento de certo mestre que mandou seus discipulos fechar os olhos, soprou contra o sol e disse: "Apaguei o sol; crêde e não abrais os olhos!"...

O homem que pensa e raciocina, serena e calmamente, acaba por se convencer de que todas as igrejas estão com a verdade — e todas estão no erro...

Como assim ?

Todas elas teem razão, porque, no fundo, todas entendem e querem o mesmo, mas cada uma recorre a determinados simbolos e determinados sinais manifestativos; cada igreja professa uma certa categoria de dogmas, que considera infaliveis, e rejeita as opiniões contrarias.

No fundo e por detrás dessa imensa e pitoresca variedade de sinais e simbolos está a grande Verdade, está o Absoluto, o Unico, o Comum, o Divino. Divergem nos galhos, nos ramos, nas folhas, nas flores, nos frutos — mas convergem todas no mesmo tronco e na mesma raiz universal. O envolucro é diferente — o conteudo é o mesmo. Muitos são os corpos — uma só a alma das religiões.

Acima de todas as religiões paira a Religião.

Acima das desharmonias dos credos parciais canta a harmonia universal dos espiritos.

Do conjunto de todas as côres e cambiantes dum prisma resulta a sinfonia da luz solar, branca, incolor.

O sol emite a cada instante milhões de raios luminosos, que tanto mais se distanciam uns dos outros quanto mais se separam da fonte e se difundem pela vastidão dos espaços cosmicos. Um determinado raio solar que há 100.000 anos atingiu a superficie do nosso planeta é irmão de outro que daqui a 100.000 anos iluminará as trevas de Jupiter ou Neptuno — quem o diria?

Que semelhança há entre a luz verde emitida por um cristal e a luz vermelha refletida pelo mesmo cristal? quem lhes suspeitaria a afinidade e origem comum? e até a mesma natureza especifica?

Que semelhança existe entre o culto grotesco de um fetichista da Hotentocia, e a intensa espiritualidade dum Tomás d'Aquino ou duma Teresa d'Avila?

E, no entanto, uma e outra são filhas de Deus e nasceram do mesmo desejo de honrar a Divindade e descobrir o caminho da união com o Nume supremo.

*

* *

Quer dizer que todas as religiões são igualmente boas?

Não é esta a conclusão que se colhe das premissas expostas.

Existe, no campo imenso da espiritualidade, um centro, um ponto culminante, para o qual

tendem, conciente ou inconcientemente, todas as religiões. Admitir, no mundo das religiões, um centro e uma culminancia, não equivale a excluir e condenar todos os credos que não atingem essa altura, como costumam fazer certas pessoas de espirito estreito e intolerante, incapazes de se colocarem no ponto de vista dos dissidentes que, com a mesma boa fé, professam a sua religião com que nós professamos a nossa.

Se tu, leitor, tivesses nascido em Meca ou em Berlim, em vez de ser em Roma ou no Rio de Janeiro, que conceito formarias da religião que agora tens pela unica verdadeira e salvifica ?

Quem não enxerga, para além das estrelas do proprio credo, os astros de outros céus, nem por isso tem o direito de negar a existencia desses mundos e taxar de visionarios ou loucos aos que se guiam e norteiam por esses luzeiros.

Em nenhum outro ponto é tão necessaria a caridade como em materia de religião.

Quem manda para o inferno todos os que não pensam e creem como êle, passa a si mesmo o atestado duma lamentavel miopia intelectual, e duma mesquinhez moral incapaz de sentir as mais belas maravilhas da religião.

Se apenas se salvassem os que afirmam, e se perdessem todos os que negam, os que duvidam, que vacilam, que erram, os que se calam, embora sejam homens sinceros e de bôa fé — que seria então da sabedoria e bondade de Deus? como poderiamos ainda admitir a sua "vontade salvifica universal"?

Este Deus não é o Deus da Sagrada Escritura, e, muito menos, o Deus do Evangelho; é o deus-fantasma engendrado pela ignorancia ou pela

disposição morbida de algum cerebro mal orientado.

Felizmente, esse Deus não existe nos espaços do universo, senão apenas no acanhado receptaculo deste ou daquele espirito, mais piedoso que inteligente.

Compreende-se o afan dos sacerdotes dos diversos credos em favorecer essa ideologia exclusivista, sobretudo quando os átos cultuais constituem uma profissão lucrativa e uma fonte de prestigio social. Não admitem que alguem entre no reino dos céus sem o competente "visto" deles; pois, se não fizessem questão deste "visto", favoreceriam o "contrabando espiritual" e destruiriam a propria base da sua existencia e prestigio. O sacerdote miope, para justificar a sua razão de ser, tem de forçosamente ser exclusivista, defender a sua religião como a unica salvifica.

Deus, porém, não é sacerdote dum determinado credo, desta ou daquela igreja particular; mas é pai de toda a humanidade e deseja que todos os seus filhos entrem no reino da sua gloria.

*

* *

Vai por toda a humanidade a crença num Ser supremo e na sobrevivencia da alma após a morte corporal. Todos os povos teem os seus ritos sacros, o seu culto, os seus misterios; teem os seus intermediarios entre a divindade e a massa dos profanos — quer se chamem profetas ou videntes, quer sibilas ou druidas, sacerdotes ou mediuns — o que pretendem é agradar à Divindade. Todos os homens gemem sob a conciencia do pe-

cado e da culpa. Todos sentem a necessidade duma redenção, duma purificação moral, duma santificação interior. Todos os povos oram e oferecem sacrificios às suas divindades — e por vezes assume esse culto formas tão íntimas e emocionantes que faz lembrar as palavras com que Jesus exprimiu a sua admiração pela religiosidade dum pagão de Roma em Cafarnaum: "Em verdade vos digo que não encontrei tão grande fé em Israel!" E, como prova do seu espírito universal e amplo, acrescentou: "Em verdade, vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente e se sentarão com Abraão, Isaac e Jacó à mesa no reino de Deus".

Quão admiraveis são estas palavras de Cristo! quanta luz projetam sobre a liberdade do seu espirito e a largueza dos seus horizontes! Nada desse exclusivismo, dessa estreita intolerancia que carateriza milhares de pessoas piedosas e as torna indignas do grande Mestre.

Nesse tempo, ainda não tinham os discipulos de Cristo assimilado o espírito largo do Mestre, como prova o fato seguinte, referido pelo Evangelista: Certo dia, foram alguns discipulos fazer queixa a Jesus sobre um homem, dizendo: "Mestre, encontrámos um homem que expulsava demonios em teu nome, e não é do numero dos nossos; e nós lho proíbimos". Respondeu-lhes Jesus: "Não lho proíbais; quem expulsa demonios em meu nome não é meu inimigo".

Aí o intolerante exclusivismo dos apostolos ainda demasiadamente humanos — aqui o tolerante universalismo do Nazareno, que aceita a

verdade e o bem, venham donde vierem, nem exclue do apostolado um não-apostolo que procede de bôa fé.

*

* *

A historia das religiões da humanidade é um mundo cheio de luzes e de sombras. Encontramos as mais horripilantes aberrações nos cultos e ritos dos povos pagãos. Mas quem ousaria dar parecer sobre o estado sanitario dum povo apenas pelo numero dos seus hospitais? ou quem estudaria o nível moral dum país apenas pelos inquilinos das casas de correção?

No fundo de todas essas aberrações do sentimento religioso e dos cultos chora e geme a eterna saudade dos povos, ansiosos por descobrir um caminho para as alturas, caminho que, não raro, margeia precipicios, se atola nos pantanais ou se perde nas areias do deserto, mas que nem por isso deixa de ser uma comovente pagina dos bandeirantes da divindade, na sua multimilenaria odisséia das trevas à luz...

O panorama geral da historia religiosa da humanidade é de molde a nos encher de profunda reverencia e de imensa compaixão. E' tão pungente esse drama secular da alma humana; tão dolorosa, por vezes, a tragicidade do seu destino, que só com as lagrimas nos olhos e com uma infinita caridade no coração é que podemos acompanhar a longa trajetória do espirito humano em demanda da verdade...

Os que não conhecem esse drama e essa tragedia, condenam perentoriamente como "obra de Satanás" tudo quanto os povos gentios fizeram e

fazem ainda para servir às suas divindades. Não é fruto do Cristianismo, essa estreiteza moral; é fruto do Cristianismo *deles*, ou antes do pseudo-cristianismo que professam; é consequencia da sua obtusidade intelectual e moral; é resultado, muitas vezes, do ambiente em que foram educados, quer na familia, quer nos colégios, que, não raro, primam por uma vergonhosa estreiteza espiritual, indigna do grande espirito do Nazareno.

Não é o Cristianismo que condena as outras religiões e manda ao inferno todos os que vivem fora da igreja; são certos cristãos que de Cristianismo possuem apenas o corpo, mas não a alma.

O Cristianismo crê num Deus, Pai e Redentor de todos os homens de boa vontade — de todos! Não obriga a pensar — antes nos proíbe de pensar — que todos os homens que, pela força das circunstancias, não pertencem ao corpo da igreja catolica, sejam uma especie de párias, de desherdados do reino de Deus. Todo o homem que segue a voz da conciencia pertence à alma da igreja de Deus. Onde quer que exista um espirito reto e bem intencionado, alí vive e palpita a igreja de Deus, ao menos segundo a sua parte essencial. E é bem possivel que um pagão, pertencendo apenas a essa alma da igreja, seja mais cristão do que muitos daqueles que pertencem ao corpo da igreja, mas não vivem conforme o seu credo. (1)

---

1) Nota:

"A Igreja universal de Cristo tem uma face visivel, sujeita á organização, e uma face invisivel, não sujeita á organização.

A ordem visivel abrange os que são batizados, os fieis cristãos, sob a chefia de Pedro — quer estejam em estado

Agostinho, esse espírito profundamente cristão, como tambem admiravelmente universal, escreve: "E' necessario que em todo o erro saibamos descobrir a verdade oculta".

E ainda que uma religião não revelasse nenhum outro vestigio de verdade e santidade, bastaria a sua reta intenção em procurar a verdade e praticar o bem, para pertencer à igreja de Deus.

E quem de nós se atreveria a determinar onde expira a bôa fé e onde começa a má fé?

Toda a religião é como a chama que aponta invariavelmente para o céu, por mais que viremos e reviremos a tocha que a alimenta. Que importa que juntamente com o fogo haja tambem fumaça?...

---

de graça, quer em pecado — e esta ordem vai até onde vai o direito canonico.

A ordem invisivel compreende todos os que foram por Deus agraciados — quer organizadas hierarquicamente, quer não — e esta ordem vai até onde vai o sentimento religioso.

A ordem da hierarquia é de natureza visivel — ao passo que a ordem da graça é, por sua essencia, invisivel.

A ordem visivel tem por fim a comunicação da graça — mas a graça vai além das barreiras da organização visivel e dos estatutos eclesiasticos.

O elemento visivel dura enquanto durar o mundo, e perece com o fim do mundo — ao passo que o elemento invisivel é eterno.

A verdadeira e celeste realidade da igreja "principia portanto, lá onde terminam os sentidos, principia só para além dessa visibilidade dos Papas, dos bispos, dos mosteiros, dos fieis e das igrejas". (Padre Pedro Lippert S.J. — *Otto Karrer: Das Religiœse in der Menschheit und das Christentum"* — 3.ª edição, pg. 220 — Herder & C.º, Freiburg i/Br. IMPRIMATUR, Friburgi Brisgoviae, die 15 Octobris 1936 — Roesch, Vicarius Generalis.

Há inumeros homens tidos por ateus, mas que no íntimo são sinceramente religiosos. Detestam, não a religião, mas apenas a modalidade religiosa que campeia em torno deles, e que os repele com a sua falta de espirito e de verdade, ou então pela carencia de seriedade e sinceridade. E' possivel mesmo que um chamado ateu ou incredulo seja mais cristão do que muitos daqueles que jazem de joelhos ao pé dos altares...

Há homens que deixam de tomar parte nas praticas oficiais da religião, para não verem ofendidos os seus sentimentos religiosos; são "irreligiosos" por motivos religiosos...

E' no Cristianismo que culmina a alma da religião. E todas as religiões são tanto mais verdadeiras e divinas quanto mais se aproximam da suprema verdade e rectitude que brotou dos labios daquele que disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida — quem me segue não anda em trevas"...

CATOLICISMO E CATOLICOS

A imensa maioria da humanidade vive fora da igreja catolica.

Poderão êles salvar-se ?

E, em caso afirmativo, de que modo, se "fora da igreja não há salvação"?

A solução que muitos católicos dão a este momentoso problema é de intoleravel dureza.

Mas a solução que a igreja católica lhe dá revela uma admiravel tolerancia, suavidade e largueza de vistas.

Diz o Concilio de Florença, de 1441, que não póde alcançar a vida eterna nenhum daqueles que se acham fóra da igreja católica, como sejam pagãos, judeus, herejes, cismaticos; todos êles cairão vítima do fogo eterno, se antes da morte não entraram na igreja.

Entretanto, convém notar que o Concilio se refere aos dissidentes formais, isto é, os que o são de má fé e, de encontro ao testemunho da sua conciencia, se recusam a ingressar na igreja que reconheceram por verdadeira.

Infelizmente, nem todos os cristãos teem o necessario criterio para interpretar deste modo o texto do Concilio.

De mais a mais, quem está em condições de decidir se este ou aquele dissidente está de boa ou de má fé? O simples fato de êle viver num ambiente não católico não é prova suficiente, porque nem todo o católico personifica em si o ideal do catolicismo.

Resultam daí opiniões de intoleravel crueldade, como é, por exemplo, a de quem nega redondamente a possibilidade de salvação aos não-católicos e aos gentios.

E' sabido que o jansenismo do seculo 18, sob a chefia espiritual de Arnauld, taxou de "heretica" a sentença de poder um pagão estar no céu; e neste mesmo sentido se expressou tambem a assembléia geral do clero francês, orientado pelos lentes da Universidade da Sorbonne: condenaram não sómente a opinião mais benigna dos jesuitas, como ainda censuraram os escritos inéditos do grande e nobre Fénelon.

Bossuet não sabe dar às conciencias torturadas outra consolação senão esta, de "fechar os olhos ante os inescrutaveis designios de Deus".

Felizmente, não são de Deus esses "designios", mas, sim, dos homens. Deus é bem mais humano do que muitos homens.

À luz de semelhantes fatos, não admira que essa opinião seja tida pela "doutrina católica", quando não passa de ser "doutrina de católicos".

Será isto um beneficio para o catolicismo? apresentar da religião cristã semelhante caricatura engendrada pelos homens, em vez do maravilhoso retrato desenhado pelo divino Mestre nas paginas do Evangelho? Se espiritos inteligentes, como Voltaire, Rousseau, David Strauss, etc. declaram que, "em vez de crer num Deus dessa

natureza que condena a maior parte da humanidade por motivo de inculpavel ignorancia, preferem adorar um Deus que sinceramente possam amar" — a quem cabe boa parte da culpa dessas idéias erroneas? ao Cristianismo? á Igreja? ou a certos autores duma intolerante ortodoxia?...

Muitos daqueles que combatem a igreja católica, não visam propriamente a igreja, senão a pseudo-igreja criada por alguns de seus filhos, um espantalho da igreja fabricado com os trapos coloridos dum catolicismo exclusivista.

A alma do catolicismo é cristã, é evangelica, é divina — e esta alma não repele nenhum espirito reto, nem escandaliza a nenhum homem que sinceramente procura a Deus. (1)

---

1) Nota:

"Desde os primeiros seculos do Cristianismo tem havido apologistas que taxavam de *vicios brilhantes* e *ilusão de Satanás* todas as virtudes dos gentios. Também em nossos dias não faltam teologos que consideram a vida sobrenatural da graça como privilegio exclusivo dos santos da igreja catolica; para eles, toda a religiosidade fóra da igreja — como sejam, a fé, o desejo de redenção e purificação moral, o esforço ético e as experiencias místicas — nada teem que ver com Deus, graça, céu, etc. Consideram tudo isto como *puramente natural*, quando não positivamente *diabolico*.

Caio, presbitero da antiga igreja romana, ouvindo da conversão dum bispo heretico, agradeceu a Deus com este suspiro: Não permitiu o Senhor que ele morresse fora da igreja e se perdesse eternamente.

Destas e de outras frases analogas, infere o homem de instrução mediocre que a filiação à organização visivel da igreja é condição indispensavel para a eterna salvação.

São Cipriano, como demonstra A. Seitz, representa às vezes a igreja de tal forma que se tem a impressão de que fora dessa sociedade eclesiastica visivel não é possivel a ação da graça divina, e, portanto, impossivel a consecução do destino sobrenatural do homem. Deste extre-

Em face de certas idéias que diariamente ouvimos, convém dar uma sucinta exposição do que a igreja ensina a este respeito.

O citado Concilio de Florença, parafraseando decisões do 4.º Concilio do Latrão, estabelece: "Ninguem pode entrar na vida eterna sem que tenha a Cristo por chefe". "Ninguem póde ter a Cristo por chefe sem que tenha a igreja pelo corpo de Cristo". "Ninguem póde ter a Deus por Pai que não tenha a igreja por mãe" — assim diz Santo Agostinho, e dizem com êle todos os que se chamam católicos.

Estas decisões eclesiasticas são rigorosamente biblicas. Segundo o Evangelho, fundou Jesus Cristo uma sociedade salutifera sobrenatural, uma grei visivel de discipulos sob a chefia de um

---

mismo nasceu tambem no espirito de São Cipriano a idéia erronea de que o batismo ministrado por um não-catolico sejá invalido, uma vez que, segundo o insigne doutor, não existe atuação da graça divina senão dentro da igreja visivel.

O bispo medieval, Wulfram de Sens, predecessor de São Bonifacio no campo da evangelização da Germania, foi um dia interrogado pelo duque gentio Radbod se era admissivel a idéia de se acharem no céu os antepassados pagãos do duque; ao que o bispo respondeu com uma negativa formal, resposta essa, que, por um tris, deitaria a perder todos os labores missionarios nessas plagas. No Concilio de Trento travaram-se discussões veementes sobre este ponto. O grande teologo Vega, que com razões vitoriosas afirmava a possibilidade da salvação para os gentios, foi alvo de violenta oposição da parte de numerosos colegas que sustentavam a tese contraria". (Padre *Otto Karrer : Das Religioese in der Menschheit und das Christentum* — 3.ª edição, pg. 220 — Herder & C.º, Freiburg i/Br. IMPRIMATUR, Friburgi Brisgoviae, die 15 Octobris 1936 — Roesch, Vicarius Generalis).

pastor — o seu "pusillus grex" — com o fim de levar a todos os povos a boa nova da redenção. "Quem crer será salvo — quem não crer será condenado".

Vigora uma perfeita harmonia entre a Biblia e a conciencia católica. Mas, para evitar equivocos, é indispensavel, segundo o exemplo do magistério eclesiastico e da propria Biblia, dar a réta interpretação dessas palavras, o que nem sempre acontece nas exposições populares.

Vai por toda a prégação do Cristianismo uma dupla serie de verdades:

1 — Todos os homens podem salvar-se.
2 — Fóra da igreja não há salvação.

Parece reinar entre estas duas teses irreconciliavel antagonismo, porquanto é certo que dos quase dois bilhões de homens que atualmente vivem sôbre a face da terra, apenas uns 350 milhões, isto é, cêrca da sexta parte, pertencem à igreja católica. Mais de um bilhão e meio vivem fóra da igreja.

Pio IX condenou, em 1854, o "indiferentismo religioso", segundo o qual não importa qual a religião a que se pertença; afirma o Pontífice que tal doutrina é um "erro pernicioso", porque fóra da "igreja apostolica romana ninguem pode alcançar a salvação; porquanto é ela a unica arca da salvação". Mas logo acrescenta e acentua:

"Da mesma forma temos de admitir que os que vivem na ignorancia da verdadeira religião, *quando essa ignorancia é invencivel,* não são culpados diante de Deus.

Ora, quem teria a temeridade de se julgar capaz de precisar o ambito dessa ignorancia ou desse conhecimento, no meio da imensa varieda-

de de povos e países, de caracteres e índoles, de circunstâncias e fatores os mais diversos?

Quando, um dia, livres dos vínculos da carne, contemplarmos a Deus assim como ele é, compreenderemos, sem duvida, a admiravel harmonia que vigora entre a sua justiça e misericordia. Pois não está diminuida a mão do Senhor e os dons da graça celeste não faltarão, certamente, *àqueles que de coração sincero desejam e rogam ser iluminados*".

Estas palavras são, do grande Pontífice Pio IX. E na sua Encíclica de 1863 repete o mesmo pensamento, escrevendo: "E' natural que aqueles que, *numa invencivel ignorancia,* desconhecem a nossa religião, mas observam a ética natural e os mandamentos que Deus gravou em todos os corações, os que estão dispostos a cumprir a vontade de Deus e levam uma vida honesta e reta — é natural que estes possam perfeitamente, pela virtude eficaz da divina graça e da luz celeste, alcançar a vida eterna. Porque Deus, que conhece e perscruta o senso e o coração de todos os homens, não pode, em sua infinita bondade, permitir que se perca algum homem que não seja culpado de um pecado voluntario pessoal".

E conclue o mesmo Pontífice: "Longe de nós, portanto, que os filhos da igreja católica manifestem jamais a menor hostilidade contra os que não se acham unidos conosco pelo laço da mesma fé e caridade. Antes pelo contrário, segundo o preceito da caridade cristã, devemos esforçar-nos por servir-lhes e ajudá-los".

Sôbre estas decisões oficiais do magisterio eclesiastico, clarissimas em si mesmas, borda o grande bispo Bonomelli os seguintes comentarios:

"Quando, portanto, lemos nos livros ou ouvimos do alto dos pulpitos que fora da igreja não ha salvação, claro está que isto se refere tão sómente aos que, *ciente e voluntariamente* (de encontro à verdade conhecida), se acham fóra da igreja; mas nunca àqueles que *por ignorancia e de boa fé estão fóra*".

Harmonizam estas declarações do magisterio eclesiastico perfeitamente com o espírito de Jesús Cristo. Por um lado, exige o divino Mestre adesão à sua igreja: "Quem crer será salvo, quem não crer será condenado". "Ninguem vem ao Pai senão por mim". "Quem vos despreza a mim me despreza". "Quem não ouvir a igreja seja tido em conta de públicano e pecador". "Ide, fazei discipulos meus todos os povos".

Entretanto, Jesús Cristo não repudia as pessoas que, fora da organização visivel do reino de Deus, dele se aproximam com fé, sinceridade e amor. A sua "vontade salvifica" abrange, de fato, toda a humanidade, desde os magos do oriente, que por ele se sentiram atraidos antes que houvesse igreja visivel, até ao ladrão na cruz, a que o crucificado promete o paraiso, sem batismo nem igreja; desde a samaritana ao poço de Jacó, que não chegara ainda ao pleno conhecimento de Deus "em espirito e verdade", mas ansiava pela luz divina, até à mulher cananéia, à qual êle cedeu uma das "migalhas" que caíam da mesa lauta dos israelitas. E quão encantadora aparece essa largueza do espirito de Cristo no coloquio com o centurião romano de Cafarnaum, gentio, ao qual êle tece este magnifico encômio: "Em verdade, vos digo que não encontrei tão grande fé em Israel!" E passa a rasgar horizon-

tes vastissimos a um catolicismo mundial, acrescentando palavras que para certos intolerantes e exclusivistas devem ser de todo incompreensiveis e quase escandalosas: "Declaro-vos que muitos virão do oriente e do ocidente e se sentarão com Abraão, Isaac e Jacó à mesa no reino de Deus".

Muito "mestre espiritual" dos nossos dias não se atreveria a fazer tão amplas concessões "aos de fóra". O espírito de Cristo, porém, não conhece semelhantes preocupações e receios.

Este espírito mundial do Nazareno, felizmente, nunca desertou da igreja católica, embora nem todos os filhos da igreja o possuam, e prefiram engendrar um catolicismo à sua imagem e semelhança.

Simão Pedro, depois de iluminado pelo Espírito da Verdade, compreende a universalidade da igreja de Cristo e exclama: "Agora, sim, compreendo que Deus não faz acepção de pessoas e que lhe é agradavel todo o povo que o teme e procede com retidão".

Paulo de Tarso, apostolo do gentilismo na Asia e na Europa, sintetiza as suas idéias nestas palavras: "Em verdade, nunca deixou Deus de dar testemunho de si mesmo". O apostolo considera "povo sumamente piedoso" os pagãos de Atenas.

Neste mesmo espírito continuou a igreja católica através dos seculos, afirmando que ela ensina a verdade, toda a verdade, só a verdade, e por esta razão rejeita as opiniões contrarias — mas com a mesma firmeza defende contra toda a especie de coarctação a ação da graça divina, que ultrapassa as balisas visiveis da sociedade eclesiastica — o "espirito sopra onde quer". En-

sina expressamente que a doação da graça não se acha necessariamente ligada à recepção real do sacramento, porquanto existe tambem um *"batismo espiritual"*, e uma "igreja invisivel"; o que decide não é o conhecimento em si, a capacidade intelectual, mas, sim, a boa vontade, a sinceridade do coração, a dedicação ao que é bom e santo, a disposição intima para procurar, para crer, para amar.

"Bonus est Dominus sperantibus in eum, animae quaerenti illum..."

O Senhor manifesta a sua bondade à alma que nele espera, ao homem que sinceramente o procura...

A igreja católica não conhece senão uma "redenção universal", um "Cristo integral"; condenou como injuriosa e heretica a doutrina calvinista-jansenista sobre um "Cristo parcial" que só para um reduzido numero de predestinados dentre os filhos de Adão tivesse operado uma redenção eficaz.

"E' dogma de fé, diz o grande teologo Scheeben, que a vontade salvifica de Cristo abrange não sómente aqueles que realmente, chegam a abraçar a fé cristã e receber o batismo, mas, de um ou outro modo, compreende todos os homens sem exceção".

Clemente XI, em 1713, rejeitou como "temeraria e heretica" a sentença de Quesnel de que "fóra da igreja (visivel) Deus não dava a sua graça".

Em 1690 foi condenada por Alexandre VIII a doutrina de certos moralistas galicanos de que "os pagãos, judeus, herejes etc. não recebiam influencia alguma de Cristo e que por isso fi-

cavam apenas com uma vontade impotente e sem a graça suficiente".

Já na ultima década do primeiro século, em 96, escrevia Clemente Romano, discípulo dos apostolos, que "em todos os periodos do mundo e a todas as gerações dá o Senhor aos homens que de boa vontade o procuram a possibilidade da purificação e da conversão".

Nas solenes decisões conciliares contra Hus repetiu a igreja a doutrina de Santo Agostinho, de que existem fora da igreja "cristãos e eleitos ocultos", da mesma forma que no proprio seio da igreja existem "pagãos e condenados ocultos".

Se todos os que se dizem católicos fossem tão cristãos como o catolicismo, seria a igreja menos odiada e mais compreendida e amada como sendo o proprio Cristo vivo através dos seculos.

Façamos os católicos à imagem e semelhança do catolicismo!

A ALMA E O CORPO DA IGREJA

Para todo o catolico pensante é o problema "igreja" um problema de imensa gravidade. Milhares e milhares de católicos sinceros sofrem vergados ao peso desse paradoxo secular: a igreja divina e humana. Tantas são as luzes que iluminam a igreja que ela parece ser toda de Deus — e tantas são as sombras que lhe toldam a fronte que parece obra inteiramente humana...

A igreja é o nosso orgulho — e é tambem a nossa grande tristeza.

A igreja é a nossa imortal esperança — e é tambem a nossa continua decepção.

A igreja é o nosso ideal, ao qual aspiramos com todas as veras da alma — e é tambem uma dolorosa realidade quotidiana, sob a qual gememos, acabrunhados de vergonha e desilusão.

E' tão grande a distancia que vai da realidade que tocamos, ao ideal com que sonhamos...

Todos nós temos no seio da nossa igreja horas felizes em que contemplamos visões maravilhosas, horas em que a igreja nos parece a esposa imaculada de Cristo, a obra magnifica do Nazareno, a perpetuação do divino Mestre através dos seculos; horas em que a igreja se nos afigura como o corpo mistico do Salvador, como a

sua esplendida visibilidade, como o proprio Redentor a atuar através da historia da humanidade; parece-nos então a igreja como a comunhão dos santos, a patria das almas, o baluarte da verdade, a sintese da beleza, a fonte inexhaurivel das graças, o manancial da vida eterna...

Tudo isto nos parece a igreja em horas felizes de unção espiritual — e tudo isto ela é na realidade.

Mas eis que surgem aos nossos olhos as massas populares com toda a sua ignorancia, com a sua indiferença, as suas ridiculas superstições, o seu repugnante fetichismo, a que chamam religião, e que pretendem identificar com as luminosas centelhas que um dia brotaram dos labios do Nazareno...

Surgem aos nossos olhos certos cristãos com toda a miseria das suas ambições, sua mesquinhez, as suas intrigas pessoais, o seu estreito egoismo, a sua descaridade, o seu formalismo religioso vazio, tão vazio como o formalismo religioso de todas as massas populares de todos os países e de todos os seculos da historia...

Surgem tambem, no meio daquelas visões de gloria, certos ministros dessa mesa igreja que nos repelem com a sua falta de compreensão, com a sua aspereza, com a sua intolerancia, com a sua politica profana, e, não raro, com os seus escandalos. ..

E quando ascendemos um pouco na escala da espiritualidade católica, logo se nos deparam mestres e doutores que, lá do alto das suas catedras, agitam questões obsoletas, e sem nenhuma atualidade; debatem questiunculas ridiculas e, mui-

tas vezes, dão resposta ridicula e perguntas sérias...

E quantas vezes não desabam sobre nós decretos e prescrições, penas e censuras, leis eclesiasticas que nos cingem nas suas malhas de ferro, a ponto de quase nos afixarem a alma e nos tolherem a atmosfera necessaria para a respiração religiosa; por vezes chegamos mesmo ao ponto de pensar que é proibido ao católico ter opinião propria e pessoal; parece que temos de imolar na ara da obediencia e sujeição o ultimo resquicio que ainda nos restava de independencia e personalidade...

Tais são as queixas que ouvimos por toda a parte. E quem as levanta não são, geralmente, os inimigos da igreja — são os amigos, os que sinceramente amam a sua igreja e sofrem com essas realidades; sofrem, porque amam a sua igreja.

Todas estas queixas e recriminações teem algum fundamento, infelizmente.

Não é intenção nossa negar todas estas realidades.

Ha quem evite pensar nestas sombras, afim de não "pecar contra a fé".

Ha quem negue redondamente a existência dessas miserias, e as considere como simples invenções dos inimigos da igreja.

Ha quem narcotize a sua propria conciencia, cantando apoteoses às luzes da igreja para se esquecer das suas sombras.

Nós, porém, vamos encarar serenamente as realidades historicas e investigar se é possivel um outro ponto de vista, uma outra atitude, uma per-

spectiva diferente da desses católicos eternamente escandalizados das mazelas da igreja.

E afirmamos que é possivel, e até mesmo razoavel, considerar de outro modo as realidades históricas da igreja.

E' possivel uma visão em conjunto que melhor compreenda os nexos intimos.

E' possivel abranger a igreja numa visão panoramica, numa visão do alto, que tenha algo da amplidão e liberdade dos horizontes divinos.

E' possivel uma visão de dentro que não se prenda às exterioridades, mas que principie pelas realidades invisiveis, e dessa perspectiva espiritual procure compreender tambem as realidades empiricas da historia eclesiastica de todos os dias.

Esta perspectiva espiritual e panoramica da igreja torna, quando menos, suportaveis as suas deficiencias materiais e particulares.

*

* *

Que é, pois, a igreja ?

A igreja é, antes de tudo, um artigo de fé: creio na santa igreja católica e apostolica ! (1)

Sim, devemos crer na igreja, da mesma forma que temos de crer na existencia de Deus, na Incarnação e Divindade de Cristo, na Eucaristia, na Santissima Trindade, nas penas eternas.

Verdade é que tambem possuimos da igreja

---

(1) Esta designação, "santa igreja catolica e apostolica", me foi levada a mal por certos leitores. Entretanto, não existe simbolo apostolico algum que tenha outra designação — e eu me guio por esses documentos venerandos. (Nota da 3.ª edição).

um conhecimento empírico, uma soma de experiencias e observações historicas. Mas esta ciência puramente historica não atinge a alma da igreja, senão apenas o corpo; estaciona na superfície, e nos dá por isso mesmo uma idéia superficial, unilateral, incompleta.

O corpo da igreja é humano — a alma é divina.

O corpo da igreja aparece, não raro, como um sangrento *Ecce homo* — mas a sua alma é sempre de inefavel beleza e perfeição.

A igreja é, de fato, a perpetuação do Cristo através dos seculos, não o Cristo do Tabor, mas o Cristo de Getsemane, do Pretorio, do Golgota, o Cristo flagelado e coroado de espinhos, o Cristo enxovalhado e ludibriado, o Cristo traído por um apostolo, negado por outro e abandonado por seus amigos.

Mas este mesmo Cristo — loucura para os gentios e escandalo para os judeus — é o mesmo Cristo que tem palavras da vida eterna, o Cristo que é o caminho, a verdade e a vida...

"Não conheço esse homem" — eis o Cristo chagado!

"Tu é o Cristo, filho de Deus vivo" — eis o Cristo glorioso!

E este Cristo vai através dos séculos, na forma paradoxal da sua igreja, chagada e gloriosa, manchada e imaculada, humana e divina...

Para ver na igreja chagada a pessôa de Cristo é necessário ser um heroi da fé — e são tão poucos os herois...

E' tão difícil para os filhos do seculo vinte crerem na alma divina da igreja em face das mazelas humanas do seu corpo — como para os fi-

lhos do primeiro século, no ano 33, era difícil descobrir por detrás do sangrento *Ecce Homo* do pretorio o Verbo eterno que a princípio estava com Deus e que era o proprio Deus, cheio de graça e de verdade...

"E' réu de morte... Crucifica-o!"...

"Tu és o Cristo, filho de Deus vivo!"...

E' o estranho paradoxo da miseria e da gloria de Cristo — do Cristo da Judéia e do Cristo dos séculos...

"Ha no Cristianismo bastante luz para podermos admitir as trevas que nele existem — e há tambem no Cristianismo bastantes trevas para podermos negar toda a luz que dele irradia" (Pascal).

Quem se habituou a contemplar a igreja apenas do ponto de vista empírico, histórico, natural, descobre nela tantas sombras e imperfeições que se esquece dos fulgores e das perfeições que ela tem.

Mas quem aprendeu a crer na igreja, a considerá-la através da palavra do divino Mestre como a atalaia da verdade e o baluarte da ordem sobre-natural — este, sem negar as sombras reais que ao corpo da igreja se prendem, rejubila com os esplendores da sua alma, e enaltece o poder divino que no meio do cáos soube criar um cosmos de maravilhas e de harmonia...

E' necessário crer na igreja, crer na sua verdade, crer nas suas virtudes, crer nas suas promessas eternas.

A fé é um "salto mortal" para além do mundo das experiencias palpaveis.

A fé é uma arrojada afirmação de coisas que não vemos, nem sentimos, nem atingimos corporalmente.

O crente, num gesto de sublime audacia, de sobrehumana temeridade, se lança para além do raio visual das suas experiencias pessoais, e penetra em regiões eternamente vedadas aos sentidos.

Mas este mundo espiritual além-horizonte é o mais verdadeiro dos mundos, é a mais estupenda realidade. O mundo sensível e corpóreo, que por ora nos parece tão real e maciço, não passa dum simulacro da realidade espiritual. A plenitude das realidades está no mundo espiritual, este mundo que se nos afigura tão vago, incerto, longinquo, aéreo, quase irreal...

Somos atualmente como as aves noturnas ou como os vagalumes, que julgam como real apenas aquilo que vislumbram por entre as trevas da noite, e ignoram a deslumbrante realidade da flora e fauna que se expande, imensa e riquissima, aos raios do sol.

A nossa vida atual é uma espécie de sonambulismo semi-conciente; como os sonâmbulos, enxergamos apenas aquilo que fica ao alcance das nossas mãos, ao passo que o resto do mundo não existe para nós, pobres sonâmbulos escravizados pelos sentidos e pela razão natural.

"Contemplamos agora como que em espelho e enigma — dizia Paulo de Tarso — imperfeito é o nosso conhecer, imperfeito o nosso compreender..."

Com a morte terminará a noite desse sonambulismo e despontará o dia da perfeita vigilia e da plena conciência.

*

* *

Ora, uma vez que a fé não pode ser gerada pela experiência e pela ciência, porque havia de ser por elas desrtuida?

A fé, quando verdadeira e genuina, paira acima dos choques e entrechoques materiais da experiência.

Sejam quais forem as experiencias que na igreja, da igreja ou contra a igreja colhermos — não podemos deixar de crer nela, porque não podemos deixar de crer em Cristo; porque temos de crer em Deus, crer no bem, crer na razão de ser do mundo — temos de crer na eternidade e no supremo destino do homem.

Ora, não é possivel, logicamente, salvarmos a fé em Cristo, a fé em Deus, a fé no eterno destino do homem e da humanidade, se sacrificarmos a fé na igreja.

Não é admissivel que Cristo seja salvador apenas dum pugilo de judeus e que a sua missão redentora se resuma nos tres anos da sua vida publica.

Não é possivel qe se tenham desmentido as suas palavras de despedida: "Ide pelo mundo inteiro, prégai o Evangelho a todos os povos, e eu estarei convosco todos os dias até à consumação dos seculos".

Para nós não ha outra alternativa senão esta: ou admitir o absurdo total e renunciar a tudo o que ha de humano, de espiritual, de puro, de ver-

dadeiro, de bom, de eterno — ou então abraçar a fé.

E toda a fé conduz logicamente ao catolicismo pratico — quer seja o catolicismo dum Dom Bosco ou dum cardial Newman, quer seja o catolicismo ardente de um napolitano ou o catolicismo glacial de um escandinavo — em ultima analise é uma e a mesma coisa: a fé, isto é, a vitoria do espirito sobre a materia, o triunfo da graça sobre a natureza.

Ora, aos olhos da fé, é a igreja a grande depositaria da verdade e da graça — verdade, que é luz para a inteligencia, graça, que é força para a vontade.

Foi no seio desta igreja que Jesus Cristo depositou as suas grandes revelações sobre Deus uno e trino, sobre o amor do Pai, sobre a missão redentora do Filho, sobre a misteriosa atividade do Paraclito.

Foi à igreja que Jesus Cristo confiou os tesouros da eternidade, as grandes revelações sobre o bem e o mal, sobre o céu e o inferno, sobre o Criador e a criatura, sobre o donde, o para onde o porquê da vida humana, sobre o destino eterno da alma e da humanidade.

Que saberiamos nós destas realidades espirituais se não fosse o Cristo da Judéia — e se não fosse o Cristo dos seculos, a igreja?

E' tão grande, tão vasto, tão belo esse universo espiritual desvendado por Jesús Cristo e perpetuado pela igreja, que nenhuma teologia o vale exhaurir, e muito menos amesquinhar-lhe a grandeza e sublimidade.

Onde, senão na igreja, brotam as torrentes salutares pelas quais Jesus Cristo nos comunica as graças da Redenção.

A verdade é e será sempre esta: por mais numerosos que talvez sejam os católicos atrazados, os teologos displicentes, os sacerdotes rotineiros, os casuistas pedantes: por mais deficiente que seja a liturgia nesta ou naquela igreja; por mais deploravel que seja a ignorancia e o fetichismo de largas camadas populares do catolicismo — a realidade objetiva não é atingida por nenhuma destas miserias humanas.

Jamais conseguirá o corpo chagado da igreja contaminar ou matar a alma da igreja.

O corpo da igreja é humano, é fragil, é defeituoso — a alma da igreja é divina, é formosa, é imortal.

O *Ecce homo* do Pretorio merece a mesma adoração que o Cristo do Tabor. A diferença está apenas em que, no Pretorio, era necessaria a fé para descobrir debaixo da humanidade aniquilada a divindade triunfante — ao passo que, no Tabor, a gloriosa humanidade arrastava os proprios sentidos para as regiões divinas da fé.

"O justo, porém, vive da fé..."

E "mais felizes são os que não veem e contudo creem do que os que creem porque viram"...

E' preciso ter olhos habituados à luz para enxergar além das fragilidades humanas as maravilhas da divindade... Mas os olhos de milhares de homens são como os olhos de aves noturnas, afeitas às trevas...

*

* *

Porque, pois, essas incessantes invectivas contra as sombras da igreja, quando ao lado dessas sombras há tanta luz?

Deixará o sol de ser um oceano imenso de luz e calor pelo fáto de ter as suas manchas?

Não poderá o cristão alegrar-se de todo o coração à luz da igreja de 19 séculos e cantar o aleluia da sua felicidade, a despeito das sombras que a fragilidade humana lançou sôbre a face dêste sol divino?

Sofrerá o prodigio da Eucaristia diminuição pelo fáto de fazer o reverendo fulano mal a genuflexão, ou levar uma vida indigna do seu estado?

E terá o sacramento pascal do perdão menor eficacia, quando administrado por um ministro antipatico e que me faz perguntas que não gosto de ouvir ?

Todo o cristão póde seguir o Cristo tão de perto como quiser.

E quem é que tanto nos aproxima dêsse Cristo como precisamente a igreja? Que saberiamos do Redentor se não fosse a igreja ? E' por meio dela que o conhecemos, não apenas à luz da história, da ciência, da exegese, mas pessoalmente, intimamente, quase palpavelmente.

*

* *

Para a igreja não despontou ainda o sol da Páscoa. Ela está ainda na quaresma, na semana da paixão, alvo de dôres, objéto de oprobrios, vítima de incompreensão e de descompreensão...

E' por isso que a vida de todo o católico sincero é uma vida de sofrimentos e máguas. Quanto mais ama a sua igreja, mais sofre de a não ver tão bela, pura e gloriosa como desejaria — sofre com a distancia entre o ideal divino e a humana realidade...

Quanto mais o homem se aproxima de Deus tanto mais conciente se lhe torna o intransponivel abismo que medeia entre a criatura e o Criador — e esta conciência é cruciante e dolorosa...

Tão perfeito é Deus que toda a criatura, confrontada com êle, antes parece antes uma caricatura do que uma criatura...

O homem que pouco pensa pouco sofre. O homem, quanto mais pensa mais sofre.

Mas êste sofrimento nascido do conhecimento tem um quê de suave, de nobre, de divino...

Quanto mais nos aproximamos dum fóco de luz, maiores se tornam as sombras que o nosso corpo projéta atrás de si — e quanto mais nos aproximarmos da luz do conhecimento mais fantasticas aparecem as sombras da nossa miseria intelectual e moral...

O católico devia ser tão perfeito como o catolicismo — mas quem o é realmente? Terá existido jamais, nêstes 19 séculos, um cristão perfeito?

Houve jamais quem personificasse em si o modelo do perfeito cristão?...

Houve — e morreu sob o poder de Poncio Pilatos, no ano 33 da nossa era...

Nas outras religiões pode o homem ser melhor que a sua religião — no Cristianismo, porém, sempre será maior a perfeição da religião do que a do religioso.

Enquanto existir na igreja um elemento humano — e existirá sempre — não sairemos nunca deste ambiente de dor e amargura, desta luminosa escuridão, desta inefavel suavidade mesclada inevitavel acerbidade...

E' por isso que a nossa igreja é a nossa maior alegria — e a nossa mais profunda tristeza...

O Cristo sobrevivente na forma da igreja não nos quis deixar um vestigio sequer do Tabor — deixou-nos apenas os oprobrios do Golgota e o silencio do Cenaculo...

Sabemos que o Mestre está conosco, conforme prometeu, todos os dias até à consumação dos seculos — conosco impessoalmente sob a forma da igreja, conosco pessoalmente na Eucaristia. A presença impessoal é visivel, — a presença pessoal é invisivel.

Mas que são estas duas presenças seculares de Cristo?

Humanamente falando, são um par de dolorosas negativas: na igreja, a incompreensão, e o ludibrio dos povos — no cenaculo, a mesquinha aparencia duma parcela de pão...

O calice do Cenaculo e a cruz do Calvario — eis aí as duas reliquias que a igreja levou da Judéia e carrega através dos seculos... O silencio do calice e o sofrimento da cruz — é este o quinhão do cristianismo ha 19 seculos... E' esta a sintese da igreja, o mais breve compendio da historia eclesiastica desde o ano 33 até à presente data... Duas paginasinhas apenas: uma, côr de sangue — outra, côr de neve...

Por fóra, tudo é humilhação — por dentro tudo é grandeza. Mas nós não vemos o interior do calice e da cruz, vemos tão sómente o exterior...

Como é dificil crer na gloria, em face de tantos oprobrios!...

A humanidade é bem como aquela turba-multa ao pé do Tabor: homens profanos que se agitam em torno dum endemoninhado... Lá no alto as glorias de Cristo transfigurado — cá em-

baixo, as miserias dos mortais e a prepotencia de Satanás... Nada percebem das maravilhas da transfiguração; só enxergam as convulsões do endemoninhado...

Os imperfeitos escandalizam-se do esqualido *Ecce homo* dos seculos e repetem: *Tolle, tolle, crucifige!... écrasez l'infâme!...*

As almas compreendedoras, porém, amam o Cristo dos seculos por entre os insultos, adoram-no por entre os ludibrios, veneram-no em silencio, com o coração dolente e os olhos cheios de lagrimas...

E quanto mais desprezado vêem o sangrento *Ecce homo* dos seculos, mais o veneram, mais o amam, mais o adoram.

Demais a mais, a igreja catolica, não é uma sociedade de escol, e, sim, a igreja das massas; e assim ha de ser sempre até o fim do mundo, conforme a ordem do divino Mestre: "Ide, fazei discipulos meus *todos* os povos..."

As massas, porém, como sabemos, são vagarosas, pesadas, inertes; progridem, segundo a lei geral da evolução, com passos minimos em espaços maximos.

Adoremos, pois, a igreja no seu elemento divino — e toleremos a igreja no seu elemento humano.

Se cada cristão fosse tão perfeito como o Cristianismo — seria o corpo da igreja tão perfeito e belo como sua alma.

O ideal é fazer os catolicos à imagem e semelhança do catolicismo — só assim haverá perfeita harmonia entre a igreja da nossa fé e a igreja da nossa experiencia...

Terminarão as sombras da Quaresma nos fulgores da Pascoa...

IDEAL DIVINO — E HUMANA REALIDADE

O mais profundo e acerbo sofrimento do homem sinceramente religioso e cristão consiste em não encontrar sobre a face da terra cristianismo perfeito. Nem nos outros — nem dentro de si mesmo.

Tudo imperfeito, tudo fragmentario.....

Quem nunca desceu às profundezas do Evangelho quem nunca subiu às alturas do Cristianismo integral não sofre como essa dolorosa desharmonia entre o ideal e a realidade. Mas o homem que uma vez conheceu, viveu e saboreou a alma do Cristianismo, passa a vida procurando, por toda parte, essa inefavel maravilha, sem a qual a existencia lhe parece vazia e sem valor.

E, por mais que procure e investigue, por mais que espraie os olhos pela vastidão dos horizontes, ou desça aos abismos do proprio Eu — em parte alguma encontra a realização do seu ideal. Acontece-lhe o que sucede ao arrojado alpinista que contempla, ao longe, um cume altissimo, iluminado pelos fulgores do sol nascente; ascende a esse pincaro, através de mil e mil dificuldades — e eis que para além se alteiam cumes mais elevados e mais belos a desafiar a sua audacia.

E, por mais que suba de altura em altura, não alcança nunca o que demanda...

Assim, durante toda a nossa vida de caminheiros estaremos sempre em face da dolorosa desharmonia entre o ideal e a realidade do Cristianismo; aquele, sublime, seductor, divino — esta, mesquinha, humana, insatisfactoria...

E com isto o homem sofre, chegando talvez ao extremo do pessimismo de negar a existencia do Cristianismo no mundo atual.

O homem de logica ferrenha exige, com inexoravel rigor, que todo o cristão sincronize a moral com o dogma, o decalogo com o credo, a etica com a ascetica, que a sua vida pratica seja um fiel retrato da sua vida teorica, que nada faça, diga ou pense que não seja rigorosamente pautado pelas normas do Evangelho.

E, no fundo, tem ele razão. Assim devia, assim deve, de fato, ser todo o cristão perfeito e integral.

Mas onde existe esse cristão ideal? onde esse espirito coerente e rectilineo?

Uma só vez apareceu em nosso planeta essa maravilha personificada, viveu 33 anos no meio dos homens —e e depois nunca mais foi visto no mundo um cristão ideal e perfeito.

Nenhum dos discipulos desse homem de Nazaré, nem mesmo um Pauln de Tarso, um Vicente de Paulo, um Francisco Xavier ou um José Anchieta, valeu atingir o divino original da plenitude cristã; tolos eles são umas copias mais ou menos felizes, mais ou menos malogradas, do modelo da perfeição evangelica. Nunca cristão algum atingiu 100 graus de Cristianismo. Damo-nos por felizes quando alcançamos 50, 80 ou até 90 graus.

O inexoravel censor que não reconhece como cristão nenhum homem que não possua 100 graus de cristianismo cairá de decepção em decepção. Terá de renunciar à convivencia social. Terá de isolar-se na silenciosa solidão do seu maravilhoso idealismo despovoado de realidades; segregado dos cristãos imperfeitos, habitará no deserto imenso da sua sagrada nostalgia... Mas por quanto tempo suportará ele essa taciturna solidão do seu interior? quem poderá palmilhar, solitario, os caminhos da vida? incompreendido de todos, descompreendido de muitos?...

Não ha coração humano, por mais forte e heroico, que tal isolamento suporte. De tal martirio só foi capaz o coração do Homem-Deus, que não necessitava dos homens, porque trazia dentro de si um universo de estupendas realidades, e nele habitava toda a plenitude da divindade.

Mas o coração puramente humano sucumbiria ao peso de semelhante solidão.

Seria, certamente, belo e maravilhoso se houvesse aqui na terra cristãos que em si realizassem o ideal do Cristianismo, cristãos tão perfeitos como o Cristianismo. Mas, como não é integralmente realizavel, temos de contentar-nos com o possivel e tender ao que seja humanamente realizavel. Injusto seria negar o titulo de cristão àquele que não conseguiu concretizar em si a plenitude do Evangelho. Todo o homem que se esforça sinceramente por copiar em si o divino ideal, na medida do seu compreender e poder, faz jus ao titulo de cristão; é uma copia mais ou menos fiel e perfeita do grande original.

Quem não admite este critério deve negar a existencia do cristianismo no mundo hodierno.

O Cristianismo é comparavel a um campo imenso, um país vastissimo, cujos horizontes se alargam indefinidamente para todos os lados. E neste país imenso encontramos milhares de viandantes a caminhar, a caminhar dezenas de anos, alguns mais para a periferia, outros mais para o centro, ocupando todas as latitudes e longitudes do mundo cristão. Todos êles se apelidam cristãos, porque nasceram nessa terra, porque nela imigraram, ou porque nela fixaram simplesmente residencia. Mas é tão vasto êsse país que nenhum dos seus incolas conseguirá jamais percorrê-lo todo, conhecê-lo por inteiro, assimilar-lhe todas as belezas, beber-lhe todas as maravilhas, consubstanciá-lo integralmente em seu proprio ser. E' que esse país de Cristo, para cima, é de infinita extensão, perde-se na eternidade, confunde os seus limites com a imensidade do proprio Deus — "o seu reino não terá fim", dizia o mensageiro celeste à futura mãe do Redentor. Para baixo e para fóra, é verdade, tem êle limites e barreiras; existem zonas onde se pode dizer: Aqui terminou o Cristianismo, aqui expirou o derradeiro vislumbre do espírito de Cristo, aqui morreu o ultimo éco da sua voz...

Mas esses limites não se apresentam como linhas nitidamente traçadas e geometricamente demarcadas. São antes como a luz crepuscular, que dificilmente permite uma linha divisoria entre o dia e a noite, entre a luz e as trevas — por mais inegavel que seja a diferença entre a meia-noite e o meio-dia.

Quem se atreveria a dizer, num determinado caso, duma pessôa concreta: Aqui há Cristianismo — acolá não existe? Quem ousaria afirmar: Esta ou aquela alma está fóra do Cristianismo? não

pertence nem ao corpo visivel nem à alma invisivel da igreja de Cristo?

Não faltam, é certo, pessôas que a tal se atrevam — mas com isto mesmo dão a entender que estão muito longe do espirito de Cristo, seja pela ignorancia, seja pela descaridade.

Se um dos cristãos mais rigorosos e rectilineos dos primeiros séculos afirmou que toda a alma, é cristã por sua propria natureza — quem teria a louca temeridade de negar todo o vestigio de Cristianismo a uma alma que sofre e ora, que procura a verdade e geme sob o peso da culpa e do remorso?

Não dizia Jesus àquele doutor da lei que o interrogara sôbre o maior dos mandamentos, que êle "não estava longe do reino de Deus"? E não disse a um seu companheiro de suplicio, ladrão e homicida, que ainda naquele mesmo dia estaria com êle no paraiso? E não exclamou em face da acendrada ética dum centurião gentio: "Em verdade vos digo que não encontrei tão grande fé em Israel"?... E não disse à alma perseverante da mulher pagã: "O' mulher, grande é a tua fé"?

Assim também pensam e falam os cristãos que se aproximam da plenitude do Cristianismo, e não aqueles que ainda se acham longe de compreensão e da caridade cristã...

Se o Cristianismo é como uma gigantesca *scala regia*, cuja base se perde em espessas trévas e cujo tôpo é banhado dos fulgores da divindade — que motivos há para pessimismos e anatemas contra os imperfeitos, que se acham nos degraus médios ou inferiores da escala?

A alma do Cristianismo vai muito além dos limites visiveis do seu corpo. Onde quér que

exista uma centelha de verdade ou um vislumbre de bondade, aí vive a alma do Cristianismo. Todos os sêres da natureza, uma vez que são obras de Deus e efeitos do Verbo eterno, levam nos traços a fisionamia do Cristo. Tanto nas preces ingenuas e desajeitadas do povo, como no sermão deficiente dum prégador inhabil; tanto nas imagens e estatuas inesteticas duma capéla do sertão como no ruido profano duma festa de caridade; tanto na rispidez neurastenica duma "solteirona" ludibriada, como no delírio poético de um artista louco ou genial; tanto no soletrar duma criança do abc, como no furor científico dum academico que em papeis e mumias procura o segredo da sabedoria — em tudo isto póde haver Cristianismo, porque em tudo isto há um indicio da sêde duma alma humana que procura a Verdade e a Beleza, o "Deus desconhecido" — que é o Deus do Cristianismo...

Póde haver Cristianismo na sorridente alvura dum berço como nos negros galões de um ataúde; Cristianismo no amor de duas almas que se compreendem e nas sentidas estrófes do "fado" com que um tropeiro adusto ameniza a solidão das suas viagens.

Hoje aparece-nos o Cristianismo em forma duma imensa esteira de luz que lança uma ponte entre a terra e o céu — amanhã, como uma minuscula gotinha de orvalho ferida pelo raios solares. Mas o sol é o mesmo e um só — e o Cristianismo também é sempre o mesmo e um só, ainda que nem sempre apareça na mesma abundancia e plenitude em todas as almas que o professam. E, se é hoje um grão de mostarda nesta ou naquela alma, porque não poderia ser amanhã

uma arvore frondosa a cuja sombra venham as aves do céu suspender os seus ninhos?

Cremos no Cristianismo, porque cremos na vitoria final da luz sôbre as trevas.

Deus é tão poderoso que póde permitir todas as fraquezas — que tanto nos escandalizam.

Deus é tão luminoso que póde permitir as sombras — que tanto nos exasperam.

Deus é tão bom que póde permitir todo o mal — que a tantos homens leva à descrença e ao pessimismo.

Dia virá em que o ideal que temos do Cristianismo será uma realidade. Milhares e milhões de almas humanas já realizaram em si êsse ideal, no mundo invisivel.

E cada um de nós o póde realizar — se quiser...

O DEUS DO VACUO — OU O DEUS DA PLENITUDE?

Encontram-se no seio da cristianismo e portas a dentro da igreja numerosas almas cuja vida espiritual é uma verdadeira negação da divindade.

Estranho paradoxo!

Para essas almas só existe uma grande realidade — o pecado.

Realidade negativa — o vacuo em vez da plenitude...

Dia e noite estão elas com os olhos fitos nesse fantasma. Leem dezenas de livros espirituais, desmontam bibliotecas inteiras, consultam todos os moralistas, afim de saber o que é pecado, por onde se conhece e como se distingue. Passam horas e dias interminaveis em exames de conciência, martirizando os nervos, espremendo o cerebro, torturando o espírito, no penoso afan de desenlearem o inextricavel novêlo dos seus supostos pecados — e, quanto mais trabalham mais se emaranham nêsse ominoso labirinto do proprio Eu... Dia e noite oscila ante o seu espirito fatigado esta única e permanente realidade: o pecado, a

sua possibilidade, a sua probabilidade, a certeza de o terem cometido. A cada palavra que essas almas formulam, a cada pensamento que concebem, só as interessa saber uma coisa: Cometi pecado? foi mortal ou venial?...

Toda a sua vida espiritual se resume nesta palavra: Evitar o pecado.

Pior ainda: toda a vida dessa alma consiste na conciência do pecado, na angustia do pecado. As suas orações nascem do receio de pecar; rezam só para não cometer pecado de omissão. E durante a oração não pensam em outra coisa senão no pecado; todo o seu coloquio com Deus é uma luta constante com a idéia do pecado: será que caí em pecado de distração? pecado de desconfiança? pecado de indiferença? pecado de impaciencia? pecado de presunção?... De tanto pensar no pecado, não lhes sobra tempo nem força para pensar em Deus. E, por fim, ao terminarem, toda a sua oração lhes parece mais um élo na longa cadeia dos seus pecados antigos, sem conta nem medida...

E na proxima confissão, essas almas penadas se acusam de tantos pecados quantas foram as suas orações, as suas meditações, as suas visitas ao Santissimo, as assistencias à Missa, etc.

E a Comunhão? Dela nem falemos!... A Comunhão, êsse áto mais belo e delicioso da vida cristã, essas almas a contemplam apenas através do prisma tenebroso da possibilidade de novos pecados.

E, se o proprio Cristo lhes aparecesse em forma visivel, dêsse momento solenissimo só lhes ficaria a amarga recordação de não terem cor-

respondido a essa graça extraordinaria — de terem pecado...

*

* *

Escrupulos? almas escrupulosas? doentias?

Nem sempre se trata disto. Muitas dessas almas são perfeitamente normais em outros pontos, mas a leitura de certos livros asceticos, talvez mal compreendidos, como tambem a desastrada orientação de certos "mestres da vida espiritual", acabaram por lançá-las a êsse inferno de tormentos interiores.

Essa mania de reduzir tudo a pecado é tão geral em os nossos dias, que assume proporções duma verdadeira epidemia psiquica, dum apavorante fenômeno de pandemia religiosa.

Não se trata propriamente de almas doentias e escrupulosas. Trata-se de cristãos vitimados pela idéia fixa do pecado, cristãos para os quais a idéia "pecado" constitue o dogma central da religião, o abc do Cristianismo, a tabuada da vida espiritual, o alfa e omega da perfeição, a atmosfera quotidiana em que vive e respira essa alma torturada.

A vida espiritual dessas almas se nutre de negações e negativas, a sua vida moral tem por base o vacuo e o nada. O seu ideal consiste em fazer da alma um espaço vazio, reduzí-la a um vacuo absoluto.

Ah! se conseguissem esse alvo dos seus anelos! fazer da alma um vacuo absoluto... Então, sim, se julgariam chegadas ao cume da perfeição...

Será que essas almas ignoram que os espaços vazios são escuros, frios, feios e mortiferos? será que desconhecem o mundo da luz e das côres? as flôres e as estrêlas? o universo e os anjos? não sabem que Deus não é um vacuo absoluto, mas a exuberante plenitude de todas as coisas?

Porque, pois, procuram reduzir a sua alma a um vacuo?...

Entretanto, o que é mais incrivel ainda é que esses infelizes martires identifiquem esse horripilante deserto psiquico, esse nirvana do seu Eu com o proprio Deus...

Aquele imenso vacuo é o Deus...

Mas esse Deus é um idolo, um fetiche, um Moloque engendrado pelos delirios dum sentimento doentio.

Esse fetiche monstruoso, a que chamam Deus, está dia e noite à espreita da pobre alma, analisando com olhos de lince todos os seus movimentos, todos os seus átos, todos os seus pensamentos, a vêr se a apanha em algum pecado... E não lhe custa surpreendê-la em pecado, porque tudo é pecado. E então êle a castiga cruelmente — deixando-a cair em novos pecados...

Muito pobre deve ser o Deus dessas almas, porque a única coisa que sabe dizer-lhes é a palavra pecado, pecado, pecado...

Muito acanhado e miope deve ser esse Deus, porque o seu horizonte intelectual coincide com o limite extremo duma negação: pecado. A única idéia que esse Deus tem é o avesso da realidade, uma negativa, um nada — pecado...

A pobre alma, incessantemente espreitada pelos olhos minazes dêsse Deus, não conhece um momento de alegria e desafogo em toda a sua

vida: e. se tivesse uma consolação, consistiria necessariamente em uma negação: não pequei...

Com os olhos fitos no seu horroroso fetiche, não chega a alma a conhecer o Deus verdadeiro, aquele de que nos fala Jesus Cristo nas luminosas paginas do Evangelho: Pai nosso que estás no céu... O Deus de imenso poder, sabedoria, bondade e beleza; o Deus criador, que num impeto de suprema generosidade chamou do abismo do nada o universo e jogou aos espaços cosmicos uma epopéia de maravilhas, milhões e miriades de astros de estupenda grandeza e perfeição; o Deus que derramou oceanos de claridade por todas as latitudes e longitudes do universo; o Deus do "haja vida", do "haja inteligencia", do "haja amor"; o Deus de infinita riqueza de pensamentos que fez dos cenarios da Flora e da Fauna um drama milenar de progressiva evolução; o Deus que infundiu no coração humano o sentimento do amor e da amizade, que criou a familia com a sorridente trindade de pai, mãe e filho; o Deus que diz de si mesmo: "Eu sou a luz do mundo... eu sou a vida... eu sou o amor" — êste Deus verdadeiro e real é para aquelas almas angustiadas o "Deus ignoto" gravado num altar de Atenas.

Essas almas vivem e morrem na noite da tristeza, e não chegam a conhecer jamais o lado mais bélo da vida espiritual.

O Deus verdadeiro, adivinhado pela razão e desvendado pela fé, é amigo das côres, da abundancia, da plenitude, da alegria, do sorriso da alma, do jubilo de seus filhos, da eterna juventude do espirito, e manda dizer a todos os homens: "Servi ao Senhor na alegria do vosso coração,

porque o Senhor é amigo de quem dá com alegria"...

Esse Deus, certamente, exige o combate ao pecado, mas não se satisfaz com a simples ausencia dêle; êle quer a presença de realidades positivas, as virtudes.

Deus não quer desertos e ermos — Deus quer jardins e canteiros repletos de flôres.

*

* *

Mas porque é que essas almas não encontram o Deus verdadeiro que com tanto afan procuram nos seus exercicios de piedade?

E' porque o Deus que elas buscam leva os traços fisionomicos do proprio Eu dessas almas, é feito à sua imagem e semelhança, um Deus subjetivo, tão pobre, tão estreito, tão miope como essa propria alma. Esse Deus não passa dum fantasma, criado pelo cerebro morbido do homem; fantasma que a imaginação humana projetou de dentro de si mesma para os espaços infinitos da Divindade.

Deus, diz o Genesis, criou o homem à sua imagem e semelhança — mas essas almas procuram modelar Deus à imagem e semelhança do homem...

A alma, uma vez colocada nessa falsa perspetiva, não pensa mais em Deus, de tanto pensar em si mesma. De tanto contemplar as imperfeições proprias, se tornou daltonica e perdeu a faculdade de contemplar as perfeições divinas; as suas pupilas, afeitas às trevas noturnas dos seus proprios pecados, já não toleram a deslumbrante claridade de Deus. Não consegue liber-

tar-se da obsessão da propria pequenez e miseria, para pairar no espaço imenso da liberdade dos filhos de Deus.

*

* *

Mas — objetará essa alma — em quantos pecados não caíria eu, se me perdesse de vista? se não concentrasse em mim todas as minhas atenções?

Pobre alma! que importa o teu "pecado" no momento em que pensas em Deus? em que falas com Deus? em que te abismas em Deus? Que quer dizer uma gotinha de água suja que se precipita no oceano? será que contamina as águas do mar? Que quer dizer um atomo de pó que se arremessa ao centro do globo solar? haverá perigo de escurecer o grande astro?

Ama — et fac quod vis! dizia Santo Agostinho. Ama — e faze o que quiseres...

Não corre perigo de se perder quem coloca a Deus no centro de todas as suas atenções. Só a grandeza de Deus póde aniquilar a grandeza do pecado.

Quem uma vez esteve diante da majestade de Deus, quem se encontrou pessoalmente com Deus, quem viveu o Deus vivo e verdadeiro, póde tranquilamente volver os olhos para os seus pecados, sem sofrer prejuizo. De dentro da luz não faz mal contemplar as trevas, porque essas trevas serão devoradas pela luz. Da imensa altura da divindade póde o homem contemplar a imensa baixeza da miseria humana; êste conhecimento não lhe estreitará a alma, mas alargará cada vez mais o seu Eu espiritual.

Colocar o pequeno Eu humano no centro da nossa vida espiritual, é sempre um grande perigo, perigo de atrofiamento das mais poderosas energias do nosso ser.

Colocar o grande Tu divino no centro do nosso mundo espiritual, é dilatarmos ao infinito os nossos horizontes internos e enlaçar a fragilidade da criatura na força imortal do Criador.

E' necessario, pois, substituir o pequeno Eu pelo grande Tu.

E' necessario converter a Egolatria em Teolatria.

E' necessario dizermos a Deus: Senhor, ainda que eu seja pequeno, miserável e fraco — tu és grande, rico e forte...

O meu Nada será devorado pelo teu Tudo...

Quero conhecer a tua grandeza, para nela afogar a minha pequenez...

Quero abraçar a tua sabedoria, para nela consumir a minha ignorancia...

Quero possuir a tua beleza, para nela eclipsar a minha fealdade...

Quero abrasar-me do teu amôr, para nêle reduzir a cinzas todas as escórias dos meus amores e conservar tão sómente o ouro de lei da tua imensa caridade.

Quero encher da plenitude das tuas perfeições o vacuo dos meus pecados, e abismar o meu pequeno Eu humano no grande Tu da tua Divindade...

ASFIXIA ESPIRITUAL

Existem em nossos dias milhares de almas que, de tanta religiosidade, não chegam a conhecer a religião, porque morrem sufocados sob o acervo caotico dos seus exercicios espirituais — a que chamam "vida espiritual".

Infelizes! verdadeiramente dignas de compaixão, essas almas...

Não são almas que andem curvadas ao pêso duma montanha enorme — ainda bem se assim fosse — mas o que lhes sucede é coisa mil vezes pior: gemem sob o pêso de uma infinidade de coisinhas insignificantes. Não teem mãos a medir com tantas práticas de piedade. Quando julgam segurar a 1001.ª das suas importantes futilidades, escapa-lhes a 1.ª ou a 1000.ª.

E dest'arte se cansam, se esfalfam, se dispersam — e nunca chegam a um resultado positivo.

São extremamente meticulosas, essas almas. Possuem o seu regulamento, o seu horario, o seu minutário — verdadeiras obras-primas de sistematização e de... pedantismo. Cada ponto dêsse minucioso programa está marcado com um sinal caracteristico, uma cruzinha, um asterisco, ou sublinhado com diversas côres.

Se êsse programa representasse um todo organico, uma como torrente homogenea que se lançasse, impetuosa e forte, por todas as horas do dia — nada haveria a censurar. Mas não é o que acontece. O tal programa é uma babel de partes heterogeneas, arbitrariamente juxtapostas umas às outras, um acervo de grãos de areia sem afinidade alguma uns com os outros. A tal hora, esta oração; a tal hora, aquela jaculatória; depois, esta ou aquela ladainha e três átos de humildade. E, de permeio, sete átos de bôa intenção e nove átos de presença de Deus.

Parecem-se essas almas dispersivas com esses mascates que perambulam pelas ruas das cidades cobertos de penduricalhos, berliques e berloques, verdadeiros ciganos cheios de moedas, guisos e chocalhos...

Mais ainda: cada um dêsses átos de piedade tem anexo o seu competente exame, tem o seu livro de contas, a sua ficha, o seu controle... E' exame de conciência geral, exame particular, exame particularissimo; existem exames que a alma faz a seu confessor, exames a seu diretor espiritual, exames a si mesma; teem confessor ordinário e confessor extraordinário; praticam exame semanal, exame diário, exame duas vezes por dia, exame de hora em hora. Além disto, há ainda exame simples e solene. E cada um dêsses exames tem o seu livro, a sua tabela, o seu fichario...

Ai do pobre diretor espiritual condenado a lêr tudo isto!...

Essas almas penadas nada fazem espontaneamente; querem fazer tudo em nome da obediencia; cada áto tem de ser oficializado, autenticado, ratificado, reduzido a protocolo, porque

sem isto não teria valôr aos olhos de Deus — é o que elas leram em livros asceticos, como dizem. Só assim cuidam poder galgar o cume da perfeição cristã.

Um simples passeio por essa camara de tortura e o aspecto dessas rodas de suplício causa terror e corta a respiração.

Quando penetrará nêsse lugubre subterraneo uma restea de luz? quando passará por aí um halito da gloriosa liberdade dos filhos de Deus? quando se convencerão essas almas agonizantes de que o Evangelho de Cristo não é um ocaso cheio de tristeza e pavor, mas uma jubilosa alvorada de alegria e exultação?...

O regulamento não tem outro fim senão o de nos preservar do espirito de dissipação e refrear os nossos caprichos e veleidades. O regulamento deve ser um sustentaculo e um arrimo; mas no dia em que se converter em estorvo e impecilho, fora com êle, rejeite-se sem receio nem hesitação.

Programas e horários, simbolos e distintivos equivalem a manifestos da alma, proclamações lapidares em que ela anuncia o que vai fazer — mas em caso algum se devem tornar cadeias e algemas, ominosas fatalidades ou apavorantes fantasmas que tolham a liberdade do espirito e paralisem a sua elasticidade. Sejam como bandeiras e estandartes que flutuam e panejam galhardamente diante da alma, orientando, inspirando coragem, incutindo confiança e esperanças de vitória — mas não sejam um caos que lance a alma na confusão e no desnorteio.

O maior proveito que se tira de certos livros asceticos é não lê-los, é conservá-los cuidadosa-

mente guardados na gaveta ou na prateleira da biblioteca — para as traças.

Inumeras almas que andavam tranquilas e seguras no caminho da virtude com a leitura do primeiro livro ascetico, começaram a vacilar com a leitura do decimo — e acabaram completamente desorientadas ao fecharem o centesimo livro de leitura espiritual.

Cada um desses livros póde ser ótimo — mas o seu conjunto acaba por gerar uma inextricavel confusão.

*

* *

Da mesma fórma é tambem a direção espiritual apenas um meio, e não um fim. E' um caminho, mas não o termo final. O diretor espiritual póde ser para a alma uma benção de inestimavel valor — como tambem um flagelo e uma desgraça.

No dia em que o diretor espiritual se tornar desnecessário e dispensavel despontou para êle a aurora do seu mais belo triunfo. Na hora em que êle puder deixar a alma seguir sózinha o seu rumo, independente, autonoma, segura, em demanda de Deus — nessa hora póde êle cantar com Simeão o *Nunc dimittis, Domine*... Infelizmente, nem todos os diretores de almas pensam assim; muitos querem arrastar após si as almas que Deus lhes mandou; querem obrigá-las a trilhar o mesmo caminho que êles trilham; não lhes permitem seguir o caminho da infancia de Jesus, quando êle, o diretor, só se sente bem no caminho do Calvário; não tolera que a alma repouse com João Evangelista ao peito do divino Mestre, quando êle, o mentor, só concebe a Deus como

juiz ou rei de tremenda majestade. Não seria tambem Deus um ótimo diretor espiritual? não saberia tambem êle dirigir as almas, mesmo sem instrumento humano?...

A direção deve pairar sôbre a alma dirigida como um par de asas invisiveis, com suave vigilancia, com silenciosa discreção, e conservar-se à distancia enquanto a alma prossegue, corajosa e firme, o seu caminho às alturas. Entretanto, o secreto amor-proprio ou egoismo espiritual de muitos diretores não lhes permite ficarem à distancia, ou deixarem andar sózinha a alma precisamente quando ela entra num ambiente de sobrenaturalidade, de perfeição, de encantadora espiritualidade; querem gozar o fruto dos seus labôres, colher o que tão penosamente semearam, não querem ficar como Moisés nas solitarias alturas do monte Nebo e contemplar apenas de longe a jubilosa entrada de Israel na Terra da Promissão; o seu ideal é marchar à frente dos cantores da felicidade e saborear as maravilhas dum país onde correm leite e mel...

Para que um diretor espiritual se resolva a deixar andar sózinha uma alma capaz de andar sem muletas nem arrimos alheios, é mister grande desprendimento e desinteresse, que nem todos possuem. O nosso subconciente é tão astuto e tão hábil em mascarar de virtude e caridade, perante a conciencia vigil, as fontes secretas do nosso egoismo ou da nossa subtil vaidade, que muitas vezes nem percebemos a adulteração dos nossos motivos de agir. Mesmo o homem afeito a um sincero *self-controle* não está seguro duma subitanea incursão das potencias abismais do seu Eu subconciente ou inconciente nos dominios concientes da Verdade e da Virtude. A historia da

humanidade é uma imensa babel de abusos que se teem feito dos excelsos ideais da verdade, da justiça, da liberdade, da caridade, da virtude, encobrindo motivos deploravelmente humanos, e, não raro, deshumanos...

O diretor não deve ter a pretensão de querer explorar todas as alturas e profundezas da alma dirigida; muito menos deve ter a indiscreção de querer devassar os intimos recessos de um outro Eu que se lhe confiou. Espere que a alma fale por si mesma, e saiba respeitar-lhe, com delicada finura de tacto, os segredos e o silencio. Não se esqueça um só instante de que êle é apenas guia e servo, e não dono ou proprietario da alma que dirige — muito menos tirano e despota. Em última analise, só Deus é propriamente diretor espiritual.

A missão espiritual do homem para com outra alma é ouvir, ponderar, tolerar, consolar, proteger, auxiliar — e não impelir, agitar, escravizar.

Tudo quanto existe de regras, normas, programas, diretivas, não tem o carater de fim, senão apenas de meios. Os meios, porém, variam segundo a natureza da alma, a sua força e indole, como ainda segundo as circunstancias do ambiente, etc. O que serve a uma alma póde ser prejudicial a outra. O que hoje é auxilio póde amanhã ser impecilho.

Mas quem dirá à alma o que convém fazer ou deixar de fazer nesta ou naquela contingencia? Diretivas gerais pouco valem, maxime quando estampadas em letra de fôrma. A direção viva e inteligente de um homem que só vise a glória de Deus e o bem da alma, póde ser um

precioso adjutorio em muitos casos. Mas tambem êle, como todo o homem, tem as mãos demasiado rudes e grosseiras para penetrar nos delicados tecidos duma psique alheia. Para isto seria mister a imponderavel leveza e espiritualidade da luz, a subtileza de ondas intangiveis, a suprema fineza de fluidos que emanassem da propria divindade.

Mas como conseguirão essas divinas irradiações penetrar na alma humana, se ela está literalmente murada de regulamentos, esquemas e horarios? Como poderá Deus dirigir uma alma quando ela não tem tempo para lhe escutar a voz, com mêdo de omitir um pontinho do seu programa diário?

Medeia entre a criatura e o Criador um oceano imenso. E a alma só conseguirá transpôr esse mar se se deixar levar pelo sopro do espirito de Deus, pela suave viração da sua graça ou pelas tempestades veementes do seu poder. Querer impelir o seu baixel a força de remo, com golpes violentos, é baldado esforço; póde, sim, fazê-lo tremer e vacilar, mas não sairá do lugar enquanto as misteriosas correntezas de Deus não o empolgarem e arrebatarem ao encontro do seu destino.

E' nas paginas do sagrado Evangelho que sopram as auras e as tempestades de Deus. Abrir e meditar estas paginas é armar as velas do seu baixel — e "o vento sopra onde quer"...

A leitura e meditação do Evangelho nunca asfixiou alma alguma, nunca desnorteou espirito humano que se guiasse pelas normas divinamente estatuidas.

A dispersão da vida espiritual é um perigo — a centralização é uma imperiosa necessidade.

Milhares de almas cristãs que agonizam sob o pesadelo esmagador das suas angustias interiores, e se sentem desnorteadas na floresta ascetica de livros e directivas sem conta nem medida — encontrariam norte, paz, sossego e profunda alegria espiritual, se fizessem do Evangelho de Jesus Cristo o seu manual de piedade, de meditação, o seu inseparavel vademecum.

"Eu sou o caminho, a verdade e a vida — quem me segue não anda em trevas"...

SOLIDÃO METAFISICA

Todo o ser humano, depois de haver desempenhado por alguns anos ou decenios, o seu papel no humilde ou pomposo cenário da vida, some-se por detrás de negros bastidores que ninguem póde devassar — e faz-se um grande silencio...

Para onde se foi êsse ator?

Insondavel mistério.

A morte é a mais impressionante aventura da vida, lugubre esfinge que dêsde os albores da humanidade encheu de sinistro horror e de profundo cismar a alma dos mortais.

Ninguem conhece de ciência propria essa perigosa aventura. Os que a conhecem estão envoltos em eterno silencio, e não voltam jamais para nos dar noticias do que sentiram naquele momento supremo, e do que vai para além desse negrejante véu que representa a extrema balisa do mundo empirico.

Não podemos ensaiar êsse drama, ou essa tragedia — a primeira exibição será tambem a última...

Que experimentará a alma do moribundo, prestes a tomar sobre si, pela primeira e última

vez, êsse estupendo acontecimento, o maior e mais importânte da sua existencia? Ela só, mui sózinha...

E' possivel que para o *ator* seja menos horroroso êsse drama do que os *expectadores* imaginam; é possivel, que o moribundo tenha apenas a impressão duma metamorfose natural, como a dos insétos quando do estado de larva passam para o de crisalida ou borboleta; é possivel até que êle não sofra tanto nessa hora derradeira como já sofreu em dias de sua vida.

Entretanto, seja como fôr, o certo é que êsse acontecimento não é, em caso algum, corriqueiro e vulgar. E' algo de grande e majestoso, de estupendo e inédito, o que se passa com o moribundo, a ponto de encher de terror a todos os que o presenciam.

Morrer é mais grandioso que nascer, é mais decisivo que outro áto qualquer da vida humana; é o mais dramatico acontecimento do drama da vida, acontecimento revestido duma inaudita tragicidade.

A morte é o ponto culminante da vida, é por assim dizer, o ponto em que se acumula, se eleva, se empina a temerosas alturas a onda da existencia — e subitamente se precipita e desaparece em ignotas profundezas de eterno silencio...

A morte é, geralmente, precedida dum estado tormentoso, duma enfermidade angustiante. Decrescem as forças, dia a dia, hora por hora... Chega o moribundo a um estado de extrema fraqueza... Inerme, já não póde fazer coisa alguma para melhorar a sua situação... Tambem os circunstantes se sentem incapazes de o ajudar e limitam-se a contemplar, em absoluta impotencia

e passividade, a cena lancinante dum homem que a torrente fatal arrasta consigo para o incognito sorvedouro da eternidade...

Desapareceu...

E tão imenso é a profundidade que o tragou, tão absoluta a escuridão que o sepultou nas suas fauces, que nada mais vemos nem sabemos dêsse homem que, poucos momentos antes, vivia no meio de nós, respirava, falava, ria, cantava, se achava presente com toda a plenitude do seu ser humano. ..

E agora — onde está?...

Se sondarmos o misterioso abismo no qual se sumiu, parece-nos que foi tragado pelo nada, pelo vácuo...

Quando de nós se despede uma pessôa querida; quando empreende uma viagem de semanas, meses, anos, ficámos tristes e saudosos. Regressamos da estação ferroviaria ou do cais do porto, tornamos a casa, ao nosos lar — e não mais encontramos êsse ente idolatrado. Percorramos todos os aposentos da casa — e não o descobrimos... Abramos todas as portas, deixemo-las escancaradas dia e noite — êle não torna a entrar por essas portas...

E então sente-se a nossa alma tomada duma nostalgia imensa, duma indefinivel tristeza... E dentro do nosso ser se alastra a sensação dum vácuo doloroso... Uma saudade intima nos consome, saudade que, qual onda sinistra, invade todas as arterias do nosso ser, penetra as mais reconditas fibras da nossa personalidade...

E, contudo, esse estado de saudosa tristeza, causado pela ausencia de um ente querido, tem ainda a sua luz e a sua felicidade, é uma noite

escura, porém iluminada de estrelas. Podemos, quando menos, indicar o lugar para onde se dirigiu esse homem; às vezes temos a esperança de o tornar a ver um dia, podemos esperar por êle; podemos até escrever-lhe e talvez receber dêle uma resposta, uma carta, um telegrama...

Mas quando uma pessôa amiga nos é arrebatada pela morte, então é certo, indubitavelmente certo, que nunca e nunca mais entrará pelas portas da nossa casa, nunca mais a veremos, nem abraçaremos, nem cobriremos de osculos... Nem sequér podemos indicar o lugar, a direção, o ponto no espaço onde talvez se encontre essa pessôa e onde a possamos procurar... Espraiam-se pela imensidade os nossos olhos — e por toda a parte se nos antolha um deserto sem limites, uma como vaga e incerta nebulosa em que cada atomo é igual a outro atomo, nebulosa em que não é possivel distinguir um ponto caracteristico que nos sirva de norte...

E ainda que andassemos por espaços de séculos, de milenios, de centenas de milenios no meio dêsse imenso nevoeiro — quem nos garante que nos aproximariamos do alvo dos nosos anseios?... quem sabe se, no fim dessa longa odisséia, não nos achariamos mais distantes do termo da nossa jornada cosmica do que a principio?...

Numa palavra: a alma do defunto apartou-se de nós e se encontra a tão inconcebivel distancia que já não há esperança alguma de regresso; e ainda que na propria hora da sua morte ela empreendesse o seu regresso para as plagas do aquém e por toda a eternidade corresse e voasse ao nosso encontro com a velocidade da luz sideral — jamais nos atingiria, jamais, ja-

mais... E se, entrementes, expirasse a história da humanidade, se terminasse toda a epopéia do universo e se todos os sóis e astros do cosmos extinguissem para sempre os seus fulgores — a alma do defunto não nos alcançaria — tão grande é a distancia que de nós a separa...

Não regressará jamais para junto de nós essa alma — e sabe Deus se nós entraremos um dia nas regiões que ela habita!... Onde a procuraremos?... em que sentido caminharemos?... Será possivel, será crivel sequer que naqueles espaços de incomensuravel grandeza e amplitude venham a encontrar-se duas minusculas centelhas de luz, a que chamamos almas?...

E' esta a razão por que já não podemos estender mão amiga a essas almas, nem segredar-lhes aos ouvidos palavras carinhosas... Nenhum brado da nossa angustia, nenhum gemido da nossa saudade encontra éco nesses espaços do além, nessa misteriosa solidão...

Não há mortal, não há amigo, não há esposa nem filho, não há sábio nem santo que valer possa a esses sêres que se despojaram do seu involucro terrestre... São inermes como crianças abandonadas em plena floresta noturna...

Tal é a impressão sinistra que nos causa o drama da morte.

E, quanto mais afeiçoado nos foi o extinto, tanto mais dolorosa sentimos a sua separação. Abismou-se, parece, no espaço do infinito, dissipou-se no vácuo, sózinho, na solidão...

*

* *

Entretanto, por cima dêsse deserto metafísico paira um pensamento infinitamente consolador —

DEUS. Deus está presente nêsse deserto, Deus habita dentro da nebulosa, Deus povôa com a sua invisivel plenitude a horrorosa solidão dêsse vácuo.

Deus!... Deus!... Deus!...

E' êste o único brado que ecôa e vibra e rebomba por todas as latitudes e longitudes do universo metafísico.

A alma do extinto está diante de Deus — e com Deus sómente...

Todas as criaturas estão longe, para além de todos os horizontes — apenas o Criador está perto, envolvendo e penetrando a propria alma.

Cala-se o mundo todo — e fala Deus sómente...

Tudo é escuridão — e no meio da noite universal brilha uma grande luz...

Foi a alma do extinto projetada ao longe, para além de todos os horizontes terrestres, para além das extremas balisas do universo sideral, para além dos mais longinquos litorais do cosmos, para além de todas as praias e vias-lacteas que a imaginação possa conceber no mais fantastico dos seus vôos...

E nessa imensidade de mundos ignotos, nesses silenciosos dominios do nada, encontra a alma um Ser conhecido, um Ser cujo nome lhe é familiar dêsde os anos da sua infancia — Deus!...

E êste Ser lhe é alicerce e sustentaculo no meio do vácuo; êste Ser não permite que a alma se despenhe naquele tenebroso abismo que abre as fauces hiantes, e no qual desapareceria se Deus não o suspendesse nas palmas das suas mãos.

Esse Ser que a alma conhecia em vida, através dos espelho e enigma das coisas criadas, aparece agora em toda a sua poderosa realidade e viverá pelos séculos dos séculos.

E' por isso que a alma não se sente exilada; sente-se na patria, sente-se em casa, sente-se embalada na suavidade dum olhar amigo, percebe o timbre duma voz conhecida.

A alma, ao deixar o mundo, perdeu tudo; mas da infinita potencia dêsse Ser pode brotar um mundo novo, mais bélo e grandioso que aquele de outróra; ao seu *fiat lux!* espraiam-se em derredor oceanos de claridade... Ao seu império: *haja vida!* um mundo de seres vivos povôa a solidão do deserto cosmico. *Haja espirito!* — e os fulgores da inteligencia iluminam as trevas da materia. *Haja amor!* — e aleluias de Pascoa cantam na alma humana o hino da felicidade...

Quem tudo perder por causa de Deus, possuirá tudo em Deus.

E' êste o mistério das coisas criadas: quando as procuramos — fogem de nós; quando a elas renunciamos — eis que correm ao nosso encalço e querem conosco ir ao trono de Deus.

Mas só pode renunciar às criaturas o homem que tem a firme convicção de que essa renuncia não é uma perda, um prejuizo, um desfalque, mas, sim, a posse de todas as coisas em toda a sua plenitude.

E' necessario perder temporariamente afim de possuir eternamente — é esta a sintese de toda a filosofia e a quintessencia de toda a ética.

Por isso, uma alma que pensa e crê não póde jamais sentir-se intimamente infeliz. Sabe que viverá eternamente e será eternamente feliz em Deus.

*

* *

Mas há tambem uma eterna solidão. Há um vácuo que jámais conhecerá plenitude. Há, depois da morte, um deserto em que a alma não encontra nenhum oasis. Há uma imensidade em que os brados da alma, por mais veementes, não encontram éco, nem terão resposta as suas mais imperiosas perguntas, nem refrigerio os seus mais dolorosos gemidos...

Há, depois da morte, uma solidão em que a alma ficará eternamente sem Deus.

E, por mais que a alma corra e vôe, através de todas as eternidades, com a velocidade da luz e do pensamento — em parte alguma topará com Deus. Tomou uma perspectiva falsa — e eternamente falsa será a atitude dessa alma errante. Aderiu às criaturas, apegou-se a um raio solar — mas êsse raio foi tragado pelas sombras noturnas da morte, e a alma não sabe onde está o sol, porque, de tão enamorada do reflexo, se esqueceu da fonte da luz.

Verdade é que também nessas trevas extremas, nessa imensa solidão, Deus ainda sustenta a alma, assim como o sol suspende no espaço o globo terraqueo quando êste se acha envolto em escuridão noturna; porque sem essa conservação divina a alma seria tragada pelo abismo do nada. Mas essa alma perdeu a faculdade de sentir a presença da divindade; extinguiu-se em seu seio o heliotropismo que a enchia de saudades da luz.

Aninhou-se no seio dessa alma o mais inexplicavel dos misterios: ela nem póde *querer*, nem póde ter o mais leve desejo de abandonar a sua noite e solidão; sofre duma impotência metafísica, duma absoluta incapacidade espiritual; e por isso também não poderá jámais saír do abismo da sua solidão sem-Deus.

E' esta a morte em toda a sua verdade, extensão e plenitude; é esta a morte em sua espantosa realidade. A separação do corpo não foi para a alma senão uma ligeira metamorfose, um processo natural, uma fase necessária no caminho da sua evolução; a morte corporal foi um grande passo que aproximou a alma do seu verdadeiro destino — mas essa solidão que ela encontrou nas regiões do além é um estado desnatural, forçado, tormentoso; é a negação formal do seu destino, é uma radical negativa de todas as afirmações do espirito humano, é um eterno *não* a todas as nostalgias do seu Ser, a todas as saudades espirituais...

Entre a alma e o seu destino se ergue, dêsde esse momento, uma barreira sinistra, cavou-se um abismo sem fundo, intercalou-se o vácuo do eterno silencio.

Espírito humano, repleto de Deus na vida presente, eternamente gozarás a plenitude do Criador e das criaturas!

Espirito humano, vazio de Deus e cheia das criaturas na existencia atual, serás eternamente privado do Criador e das criaturas!

Entrará o justo na plenitude da vida eterna...

Entrará o pecador no vácuo do suplicio eterno...

INDICE

		Pg.
Zona diurna e zona noturna da alma	«	9
O segredo da personalidade	«	23
Amor-instinto—Amor-espirito	«	49
O homem em face da dôr.....	«	61
Encontro pessoal com Deus.....	«	75
Crentes e descrentes	«	85
Harmonia espiritual da humanidade	«	101
Catolicismo e catolicos.....	«	113
A alma e o corpo da Igreja.....	«	123
Ideal divino - e humana realidade	«	137
O Deus do vacuo - ou o Deus da plenitude?.....	«	145
Asfixia espiritual.....	«	153
Solidão metafisica	«	161

ALGUMAS OBRAS DE HUBERTO ROHDEN

"Novo Testamento"

TRADUÇÃO DO TEXTO GREGO
E NOTAS DE HUBERTO ROHDEN

3.ª edição — (25.° milheiro)

"O tradutor, sempre fiel à sua linguagem desimpedida, agradavel e popular, sabe conservar os matizes mais subtis do original, que percebe com sensibilidade de artista da palavra. Quem tiver lido um trecho duma Epístola, por exemplo, na dicção lúcida e natural de Rohden, dificilmente voltará a traduções que não desintrincam o fraseado grego ou latino, ininteligivel, ou ao menos fatigante e antipático para o homem de hoje. A tradução de Rohden tem segura a simpatia tambem dos mais exigentes."

(Jesuitas de Porto Alegre)

Volume encadernado: 15$000

"Panorama do Cristianismo"

"Livros desta natureza, escritos com tanta sinceridade e isenção de preconceitos, são de palpitante atualidade, sobretudo em nossos dias em que os mercados literarios andam abarrotados de futilidades, por um lado, e de obras violentamente polemicas, por outro, incapazes de satisfazer a sêde espiritual maximé dos nosos homens cultos. Pois o homem moderno não quer saber o que o adepto deste ou daquele credo pensa do Cristianismo, mas, sim, o que o proprio Cristo e seus grandes apóstolos disseram dos problemas centrais da vida humana."

C. D. F. (Rio)

Volume encadernado: 12$000

"Esplendores da Fé"

3.ª edição

"ESPLENDORES DA FÉ" é um livro magnifico, um estudo profundo das questões que se relacionam com a razão e a fé. Nele encontrarão os que vacilam e os que negam motivos suficientes para mudarem de rumo; e os que creem e os que afirmam ocasião para mais aumentarem e fortificarem a sua fé. Obra toda vasada nos frutos da observação e da experiencia, na qual os exemplos falam por si, muito bem há de fazer aos que procurarem em sua leitura uma orientação firme e autorizada."

Tristão de Ataíde (Dr. Alceu A. Lima)
Presidente Nacional da Ação Católica

Preço 8$000

"Agostinho"

"Acabo de ler, de um só folego, o grandioso livro AGOSTINHO. Estou simplesmente encantado!

E' um livro que se lê como um romance, e ao mesmo tempo enche a alma de intensa satisfação e proveito espiritual.

Vai revolucionar o Brasil!

Abençoada a mão que tais páginas escreveu! Quanta filofia, quanta psicologia neste livro! Será o precioso companheiro de todo o homem ilustrado.

Por este livro há de entrar a redenção para muitos intelectuais do nosso país."

(Do prefácio de Mons. Ricardo Liberali, Vig. Geral da Diocese de Uruguaiana, Rio Grande do Sul)

(No prelo)

"Maravilhas do Universo"

4.ª edição

"Aqui tendes um livro de interesse palpitante, para jovens e velhos! E' uma iniciação claríssima, e para todos inteligivel, nos misterios da Natureza. Eu mesmo fiz a prova de ler alguns trechos a um rapaz de seus treze anos — e não havia já como fazê-lo sair do quarto."

Mensg. do Coração de Jesus (Rio)

Preço 10$000

(No prelo)

"Alegorias"

2.ª edição

"Que beleza. quanta verdade dita sob forma florida e poética, nesse livrinho mimoso. Os capítulos parecem elegantes charadasinhas. E cada qual mais convidativo à decifração. Quem leu um capítulo não pode deixar de ler os demais, tal a delicadeza e o interesse que transluz dos mesmos. Todo o livro é um encanto, um mimo delicadíssimo para espírito e alma."

"O Arauto" — (Petrópolis)

Preço 5$000

"Paulo de Tarso"

2.ª edição

"Embora filósofo, Rohden não é complexo para escrever. Autor duma duzia de trabalho de fôlego, inclusive a melhor tradução que existe em vernáculo do NOVO TESTAMENTO, Rohden visa esclarecer e aprofundar o conhecimento da religião à luz das revelações divinas. Do principio ao fim, revela excepcional coragem, sem vislumbre de hipocrisia, lembrando a cada paso os ensinamentos de São Paulo, para chamar à conciência, à Igreja, ao Cristo, os católicos hipócritas, relapsos, comodistas, convencionais, que não faltam por aí fora.

. . "PAULO DE TARSO", de Huberto Rohden, é, sem favor, um livro excepcional, másculo, perfeito. Só mesmo Paulo de Tarso, fazendo tudo em Cristo, por Cristo, para Cristo, pôde inspirar tão nobre, corajosa e cristianissimamente o autor. Nenhum outro vulto como a figura do convertido de Damasco, o maior bandeirante do Evangelho, poderia centralizar obra de tal fôlego."

("O Estado de São Paulo", 29-1-941 (S. Paulo)

Preço 18$000

"Jesus Nazareno"

4.ª edição

"Contados assim, os episodios da vida do divino Mestre se nos apresentam com aquela força persuasiva e aquele poder de atração das almas com que, há 20 séculos, arrastavam as turbas e conquistavam os imperios."

Dr. Perilo Gomes (Rio)
Membro do Corpo Consular

(No prelo)

DATE DUE

NOV 23 '82

GAYLORD

Princeton Theological Seminary-Speer Library
1 1012 01002 3689

«EM ESPIRITO E VERDADE»

por HUBERTO ROHDEN

"Desde que apareceram da lavra do arrojado escritor gaucho, as obras profundas e monumentais "PAULO DE TARSO" e "PROBLEMAS DO ESPIRITO", intensa luta de idéias se vem desencadeando em todo o Brasil em torno da ideologia desses livros inquietantes.

Hostilizado por uns, aplaudido por outros, Rohden, entretanto, se vem impondo extraordinariamente, através da sua caudalosa atividade, a ponto de — segundo notavel opinião — "afigurar-se uma das trombetas que, talvez em parábola, a Biblia anuncia para os últimos tempos."

Era de prever essa luta titanica dos espiritos em torno de concepções tão audazes vasadas num estilo tão sedutor. inquietam-se os zeladores da tradição. Rejubilam-se pioneiros do progresso."

Paulo Mac Niven (Rio).

"O talento literário de Huberto Rohden, tão bem expresso em PAULO DE TARSO, "MARAVILHAS DO UNIVERSO", "JESUS NAZARENO" e "PROBLEMAS DO ESPIRITO" define-se agora, aristocraticamente, neste admiravel e formosissimo volume — EM ESPIRITO E VERDADE. O último livro de Huberto Rohden é, ao nosso ver, superior a qualquer outro que conhecemos no gênero. Huberto Rohden, senhor de brilhante cultura e grande erudição, nos surpreende a cada passo com novas e fascinantes produções... Tem ele assimilado no espírito atilado e irrequieto, um universo de pensamentos e idéias, estilizados no mais cristalino e moderno vernáculo. Os seus livros são como poemas religiosos. Ele os burila e os escande com maestria e com agilidade de quem maneja os vocábulos à vontade, conhecendo-lhe a cor, o peso e as vibrações misteriosas que as palavras, como cascalhos de diamantes, emitem de si, dentro das frases. Metáforas cintilantes nascem-lhe no cérebro saturado de espiritualidade, como figuras bizarras que saltassem de deslumbrantes fontes luminosas...

Livro que nasce numa hora trágica da humanidade e que anuncia numa linguagem nova as eternas consolações do Evangelho."

Gutenberg de Campos (S. Paulo).

PREÇO: 15$000

PREÇO DESTE VOLUME: 10$000